

Renata Cristina Rizzon

**A CONDIÇÃO PERIFÉRICA E A CONSTRUÇÃO DO ESTIGMA  
TERRITORIAL EM CIDADE TIRADENTES, SÃO PAULO-SP.**

Presidente Prudente

2022

Renata Cristina Rizzon

**A CONDIÇÃO PERIFÉRICA E A CONSTRUÇÃO DO ESTIGMA  
TERRITORIAL EM CIDADE TIRADENTES, SÃO PAULO-SP.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Presidente Prudente-SP, para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

**Orientação:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Encarnação Beltrão Sposito

**Coorientação:** Dr. Alejandro Morcuende Gonzàlez

Presidente Prudente

2022

R627c Rizzon, Renata Cristina

A condição periférica e a construção do estigma territorial em Cidade Tiradentes, São Paulo-SP / Renata Cristina Rizzon. -- Presidente Prudente, 2022

94 f. : il., tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientadora: Maria Encarnação Beltrão Sposito

Coorientador: Alejandro Morcuende Gonzàlez

1. Estigma territorial. 2. Periferia urbana. 3. Sujeitos periféricos. 4. Cidade Tiradentes. 5. São Paulo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente aos meus pais, Alcione e Iracema, e ao meu irmão, Ângelo, por estarem presentes, durante toda a minha vida e especialmente nesta longa jornada da graduação. Obrigada pelas inúmeras oportunidades proporcionadas e por todo o apoio e incentivo nestes cinco anos, que se passaram rápido, mas que tiveram seus longos dias. Aquela menina que saiu de casa com um sonho no bolso, lá em 2017, jamais chegaria aonde chegou se vocês não tivessem acreditado e apoiado.

Agradeço à Carminha pela orientação, oportunidade e sobretudo inspiração, que me permitiram crescer, mês a mês, durante toda a minha iniciação científica. Obrigada pela paciência, pelos ensinamentos e debates, pela confiança depositada e por sempre despertar a importância do trabalho coletivo.

Agradeço ao Alex, pela coorientação, não somente nesta monografia, como também pelo apoio inicial e durante meus dois anos na pesquisa. Obrigada por me apresentar às novas leituras, pelas indicações e debates, que foram de imensa importância para a minha formação.

Ao Jean, pela amizade, companheirismo, samba, alegrias e infortúnios compartilhados. Obrigada por deixar essa caminhada mais leve e feliz.

À Taís, minha eterna gratidão pela amizade que o GASPERR e a graduação proporcionaram. É uma honra enorme compartilhar, diariamente, mais de dois anos de pesquisa e de vida com uma amiga e pesquisadora tão incrível e inteligente. Fico imensamente grata e feliz por ter podido te acompanhar e compartilhar tantas experiências. Obrigada pelo apoio e pelo número infinito de momentos de desespero que acabavam em leves risadas, por sempre me colocar para cima e por me permitir te apoiar e estar na sua vida. Esse trabalho não teria sido possível sem a sua presença.

À Bruna e ao Caio, pelos mais de cinco anos de amizade mais bonitos que a universidade me proporcionou. Posso, com toda a certeza, dizer que construí com vocês um laço familiar que jamais será rompido ou substituído. É inexplicável o meu amor por vocês e por literalmente todos os momentos que vivemos juntos e de como aprendemos, uns com os outros, com os nossos opostos e diferenças. Obrigada por cada mão estendida, por cada puxão de orelha, por cada momento de aflição e de alegria, por todos os rolês unespianos e por cada encrenca em que nos metemos. Cada momento valeu a pena e fez de mim quem eu sou hoje. Jamais construímos nada sozinhos, e vocês, com toda a certeza, confirmam e fazem parte de tudo isso. Agradeço por cada riso roubado às sete da manhã, pela inspiração que representam e pelas palavras de esperança cotidianas. Espero sempre vê-los brilhar.

À todas as amigadas que construí durante a graduação, e que possuem cada qual um lugar muito especial na minha vida. Obrigada Acássia e Laide por tornarem essa caminhada, mesmo que de longe, cheia de esperança, de amor e de muita leveza, enchendo sempre os meus dias de muita luz e afeto, o que considereei essencial nessa jornada acadêmica. Agradeço também ao Will e ao Jota, por somarem comigo já logo nos primeiros anos de graduação.

Um agradecimento especial ao Pablo e à Karina, que fizeram as semanas dos dois longos e difíceis anos de isolamento durante a pandemia, muito mais leves e cheios de debates e contribuições, nos aproximando e aproximando também a universidade, que ficou tão distante de nós nesse período.

À Samarane, uma amiga mais do que especial e que tive a oportunidade de me aproximar. Obrigada por, cotidianamente, compartilhar a vida e todas as experiências que ela nos proporciona. Por tornar minha trajetória mais leve e divertida, e por todo carinho e afeto concedido em todos os momentos.

Aos meus amigos de infância e juventude, Anouschka, Gustavo e Vinícius, por sempre me apoiarem, mesmo que de longe. Meu coração e pensamento está sempre com vocês. Foi lindo nos ver crescer e crescer também os nossos sonhos, ainda que cada um tenha tomado rumos diferentes.

À Carol, muito mais do que uma prima, uma irmã que compartilha a vida comigo desde apenas oito anos de idade. Sua existência, apoio e companhia foram e são essenciais na minha vida. Agradeço por tudo o que aprendemos e compartilhamos juntas. A distância e a saudade doem, mas nada é mais precioso do que nos ver, mesmo a vários quilômetros de distância, alcançando nossos objetivos com êxito e felicidade.

Agradeço à Gizeli, terapeuta e confidente, que me auxiliou nos momentos mais difíceis durante a escrita da monografia, me fazendo lembrar da minha capacidade como pesquisadora e também da importância da manutenção da saúde mental durante a vida acadêmica.

Um agradecimento mais do que especial a todos os professores que lecionaram durante a minha graduação. Foram cinco anos de ricos aprendizados, e que me abriram muitas portas. À Unesp, pelo ensino gratuito e de qualidade, por me fazer lembrar todos os dias da importância do ensino e da universidade pública.

Ao projeto temático FragUrb e toda a equipe de pesquisadores, por todos os debates, aprendizados e colaborações e que foram imprescindíveis para o meu crescimento.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (Processo nº 2019/09852-6), pelo financiamento essencial durante a minha pesquisa de Iniciação Científica.

## RESUMO

Considerando a condição periférica, decorrente da localização da habitação dos cidadãos no espaço urbano, associada às condições de desigualdade e segregação socioespacial, esta monografia possui o objetivo de verificar a existência do estigma territorial em Cidade Tiradentes, periferia do extremo leste do município de São Paulo, assim como a construção das particularidades de seus conteúdos. Por meio de metodologia qualitativa, realizamos o levantamento e a revisão bibliográfica acerca do estigma, incorporamos a ele a abordagem territorial, considerando a importância da distância da moradia de certos grupos de cidadãos em relação a outros, o que rebate negativamente nos usos e apropriações dos espaços da metrópole. A revisão contribuiu para discorrermos acerca das políticas habitacionais que formaram o distrito, e que colaboraram para as desigualdades. Dadas as condições atinentes à condição periférica dos moradores, utilizamos a análise do discurso da mídia, desde a constituição do distrito, para apreender os conteúdos que passaram a atribuir e reforçar o estigma ao lugar e a seus moradores, contribuindo, principalmente, para uma visão parcial e negativa dos moradores de fora do distrito, percebendo Tiradentes como um lugar perigoso, violento e inseguro. A análise das entrevistas possibilitou um agrupamento geracional acerca da construção do estigma territorial e a apreensão de diferentes sentimentos de pertença e identidade, os quais se constituem em constantes contradições. Inferiu-se a existência do estigma territorial em relação ao distrito e aos seus moradores, sujeitos periféricos, que tiveram consequências, principalmente, para os primeiros moradores quanto à inserção social plena em outros espaços e a perda de oportunidades em vista da situação espacial que ocupam na metrópole. Os jovens sentem-no de maneira diferente, verificando menor incidência, em suas narrativas, de graves consequências associadas ao estigma territorial. A conquista da casa própria, para os primeiros moradores e a utilização de equipamentos públicos, para os jovens moradores, estão associadas ao sentimento de identidade e pertença. Por fim, apontamos reflexões sobre a possibilidade de minimização do estigma pela ascensão da cultura periférica e pela evolução da infraestrutura, equipamentos e serviços no distrito, o que leva à superação do estigma associado à cidade dormitório.

**Palavras-chave:** Estigma territorial; Periferia urbana; Sujeitos periféricos; Cidade Tiradentes; São Paulo.

## ABSTRACT

Considering the peripheral condition due to urban dwellings in urban space, associated to inequality and sociospatial fragmentation, this monography aims to verify the existence of territorial stigma in Cidade Tiradentes, at the east end from the municipality of São Paulo, as well as the construction of the particularities of its contents. Through qualitative methodology, we did bibliographic survey about stigma, incorporating territorial approach, considering the relevance of distance from home of certain city dweller groups in relation to others, which reflects negatively on the uses and appropriations of metropolis spaces. The review contributed to discuss the housing policies that formed the district, and that contributed to inequalities. Given the conditions related to the peripheral condition of the residents, we used the analysis of the media discourse, since the constitution of the district, to apprehend the contents that started to attribute and reinforce the stigma to the place and its residents, contributing, mainly, to a partial and negative vision from residents outside the district, perceiving Tiradentes as a dangerous, violent and unsafe place. The analysis of the interviews made possible a generational grouping about the construction of territorial stigma and the apprehension of different feelings of belonging and identity, which constitute constant contradictions. The existence of territorial stigma in relation to the district and its residents, peripheral subjects, was inferred, which had consequences, mainly for the first residents regarding full social insertion in other spaces and the loss of opportunities in view of the spatial situation they occupy in the metropolis. Young people feel it differently, verifying a lower incidence, in their narratives, of serious consequences associated with territorial stigma. The conquest of their own home, for the first residents and the use of public facilities, for the young residents, are associated with the feeling of identity and belonging. Finally, we point out reflections on the possibility of minimizing stigma through the rise of peripheral culture and through the evolution of infrastructure, equipment and services in the district, which leads to overcoming the stigma associated with the dormitory city.

**Keywords:** Territorial stigma; Urban periphery; Peripheral subjects; Cidade Tiradentes; São Paulo.

## **LISTA DE SIGLAS**

COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação

CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano

CEU – Centro Educacional Unificado

EMEI – Escola Municipal de Ensino Infantil

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

ZEIS – Zona Especial de Interesse Social

## LISTA DE MAPAS

|                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Mapa 1</b> - Cidade Tiradentes. Situação Geográfica. 2020. ....           | 21 |
| <b>Mapa 2</b> - Cidade Tiradentes. Vias e equipamentos principais. 2021..... | 73 |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                                           |                                      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| <b>Figura 1-</b> Cidade Tiradentes. Matéria de jornal sobre a aquisição de moradias. 1984.....                                                            | 16                                   |
| <b>Figura 3</b> - Jornal O Estado de São Paulo. “Cidade Tiradentes, sob o signo da rejeição”. Agosto de 1989. ....                                        | 36                                   |
| <b>Figura 4</b> - Jornal O Estado de São Paulo. “Cidade Tiradentes enfrenta o preconceito”. Março de 1995. ....                                           | 39                                   |
| <b>Figura 5</b> - Jornal O Estado de S. Paulo. “Livro mostra o hip-hop como alternativa cultural” e “O grafite ganha espaço nas escolas”. São Paulo. .... | 72                                   |
| <b>Figura 6</b> - Casa de Cultura Hip Hop Leste. Folheto da programação semanal. Cidade Tiradentes. ....                                                  | 74                                   |
| <b>Figura 7</b> - Casa de Cultura Hip Hop Leste. Cidade Tiradentes. São Paulo. ....                                                                       | 76                                   |
| <b>Figura 8</b> - Área externa da Casa de Cultura Hip Hop Leste. Oficina de Grafite. Cidade Tiradentes. ....                                              | <b>Erro! Indicador não definido.</b> |
| <b>Figura 9</b> - Obra de empreendimento comercial. Cidade Tiradentes. 2021.....                                                                          | 79                                   |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Tabela 1</b> - Cidade Tiradentes. Quantidade de viagens diárias dos moradores por modo coletivo e área. 2007 e 2017. .... | 79 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

## SUMÁRIO

|                                                                                     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução .....                                                                    | 12 |
| 1. Cidade Tiradentes: origem e contextos .....                                      | 14 |
| 1.1 Constituição territorial do distrito a partir das políticas habitacionais ..... | 15 |
| 1.2 Periferia e desigualdades socioespaciais no extremo leste da metrópole .....    | 21 |
| 2. Do estigma ao estigma territorial .....                                          | 25 |
| 2.1 Da origem do conceito à (re)produção de um espaço violento e perigoso .....     | 26 |
| 2.2 A mídia e a reprodução do discurso sobre o estigma territorial .....            | 32 |
| 3. Sujeitos periféricos e estigma territorial .....                                 | 42 |
| 3.1 O estigma territorial segundo os sujeitos .....                                 | 45 |
| 3.1.1 Os primeiros moradores .....                                                  | 48 |
| 3.1.2 Os jovens moradores .....                                                     | 58 |
| 4. Estigma territorial e possibilidades de superação .....                          | 69 |
| 4.1 A construção da identidade a partir da ascensão da cultura periférica .....     | 70 |
| 4.2 De cidade dormitório à possível formação de um subcentro? .....                 | 78 |
| 5. Considerações Finais .....                                                       | 82 |
| 6. Referências .....                                                                | 85 |
| 7. Anexos .....                                                                     | 87 |
| 7.1. Roteiro semiestruturado das entrevistas .....                                  | 87 |
| 7.2 Quadro de caracterização geral dos entrevistados .....                          | 93 |

## INTRODUÇÃO

Como área de estudo selecionada pela pesquisa de iniciação científica intitulada “*Práticas espaciais e cotidiano urbano na periferia da metrópole de São Paulo: os usos e apropriações do espaço, segundo diferentes grupos etários e temporalidades*<sup>1</sup>”, vinculada ao projeto temático “*Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos*”, juntamente com os debates, trabalhos de reconhecimento de campo e realização de entrevistas, foi se verificando, nas entrevistas com cidadãos de Cidade Tiradentes, falas que associavam o distrito e seus moradores ao processo de estigmatização territorial. Tais falas estão no discurso dos cidadãos de outras áreas da cidade de São Paulo que percebem Cidade Tiradentes como um lugar perigoso e violento, discurso construído no imaginário, principalmente pela mídia, de moradores do distrito e externos a ele. A partir do comparecimento frequente destas falas nas entrevistas realizadas, definiu-se, para esta monografia, o objetivo de verificar a existência do estigma territorial em Cidade Tiradentes e, a partir disso, os conteúdos e representações atinentes a ele; mais do que isso, verificar a correlação entre o estigma territorial e a condição periférica dos cidadãos, considerando a segregação socioespacial como um dos processos de produção do espaço relevantes para esta construção.

Os objetivos específicos relacionam-se, a partir do objetivo geral, com o debate acerca do conceito de estigma territorial, visando apreender seus conteúdos por meio da análise da construção midiática do distrito como um lugar perigoso, violento e inseguro, e que possui rebatimento em seus moradores. Além disso, apreender e debater a construção do estigma territorial partindo dos relatos dos próprios moradores. Por fim, nosso último objetivo específico é o de apresentar proposições visando a minimização do estigma territorial na periferia da metrópole, considerando as transformações recentes que se deram nesses espaços.

A justificativa para a escolha do tema parte da relevância do debate acerca do estigma territorial em Cidade Tiradentes, em vista das possíveis consequências causadas aos cidadãos, além da falta de aprofundamento maior relacionada ao tema, atualmente. A incorporação do atributo territorial aos nossos estudos, e que se associa aos processos como o de segregação socioespacial, são fundamentais para a compreensão da produção do espaço urbano, sob a perspectiva da relação do estigma com a condição periférica dos moradores. Além disso, consideramos a relevância desses estudos frente a um processo persistente e que se encontra em constante contradição, possibilitando, assim, o maior aprofundamento nas pesquisas como

---

<sup>1</sup> Processo nº 2019/09852-6

um ponto de partida para a reflexão da sobreposição de processos mais recentes ao processo de estigmatização.

Para o desenvolvimento dos objetivos geral e específicos, foi utilizada, majoritariamente, a metodologia qualitativa. Foi realizado o levantamento bibliográfico, de modo digital, para a apreensão dos principais conceitos atinentes à monografia, além do entendimento do distrito a partir de políticas habitacionais, em portais como Scielo, Capes, Google Acadêmico e acervo digital de universidades.

Para a análise do discurso midiático frente ao estigma territorial, foram levantadas digitalmente matérias de jornal do acervo do Jornal do Estado de S. Paulo, utilizando como palavra-chave o próprio nome do distrito. A fim de apreender a decodificação do estigma territorial segundo os moradores de Cidade Tiradentes, foram realizadas e analisadas entrevistas com cidadãos, com enfoque nos relatos associados aos discursos que se elaboraram acerca do lugar.

Por fim, o trabalho de campo e a revisão de leituras associadas à periferia e à ascensão da cultura periférica, permitiram a reflexão acerca das possibilidades de minimização do estigma territorial em relação ao distrito e a seus moradores, a partir das transformações recentes.

## **1. Cidade Tiradentes: origem e contextos**

A fim de compreender o processo de estigma territorial no distrito de Cidade Tiradentes, faz-se necessário retornar à sua formação inicial, o que, nesta monografia, será tratada pela perspectiva das políticas habitacionais, já que a implantação do bairro ocorreu em decorrência da aquisição de glebas, principalmente, pela Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab) e a consequente construção dos conjuntos habitacionais.

A análise da ação da Cohab, frente às aquisições de terras e construções nas periferias da metrópole, com maior contingente de lotes adquiridos na Zona Leste, possibilita a compreensão da trajetória dos moradores na luta pelo bairro e pelo imóvel próprio, além de evidenciar elementos estigmatizantes, que foram sendo construídos a partir de uma série de ausências e precariedades com os quais os primeiros moradores se depararam.

Por isso, o primeiro subcapítulo é dedicado a contextualizar a formação do distrito de Cidade Tiradentes, derivado da aquisição de glebas que deram início ao que viria a ser o maior complexo habitacional da América Latina. Introdutoriamente, são denunciadas, a partir da análise da evolução das políticas habitacionais, em consonância com a trajetória dos moradores, os problemas do bairro e que já eram fortemente veiculados pela mídia, no que concerne à infraestrutura, aos equipamentos e aos serviços urbanos.

Assim, a lógica via interesse do Estado em proporcionar localização privilegiada a cidadãos de maiores estratos socioeconômicos na cidade e que, consequentemente, possuem maior acesso aos meios de consumo coletivos e, portanto, ao uso e à apropriação do espaço, elucidará, no segundo subcapítulo, a lógica instituída na produção do espaço urbano, que acarreta na constituição de periferias geográficas e sociais na metrópole, assim como em desigualdades socioespaciais. A interpretação das lógicas nos auxiliará na decodificação do estigma territorial no distrito.

Para a elaboração deste primeiro capítulo, a revisão bibliográfica foi utilizada como metodologia, destacando importantes contribuições para nossas análises e reflexões. Foi relevante para a compreensão da evolução das políticas habitacionais, o trabalho de Lavos (2009); para a compreensão dos contextos e origem de Cidade Tiradentes, contribuíram os relevantes trabalhos de Silva (2008) e Cordeiro (2009). Complementarmente à revisão bibliográfica, houve o levantamento e a análise de matérias de jornal relacionadas às políticas habitacionais e suas implicações no distrito, obtidas por meio do acervo do Jornal do Estado de S. Paulo, as quais serão utilizadas também ao longo dos capítulos seguintes. Por fim, serão igualmente analisados os indicadores sociais da desigualdade, que auxiliam na compreensão da

condição dos cidadãos como moradores da periferia da metrópole, e que se associam a fatores de renda e ocupação, cor da pele e expectativa de vida, e que são importantes para a posterior análise da visão dos cidadãos de fora do bairro, como um lugar perigoso, violento e inseguro.

### **1.1 Constituição territorial do distrito a partir das políticas habitacionais**

Conhecido como o maior complexo habitacional da América Latina, Cidade Tiradentes, distrito localizado no extremo leste da metrópole de São Paulo, resulta da política de aquisição de terras pela Companhia Metropolitana de Habitação (Cohab), desde o ano de 1965, em especial nas áreas periféricas da cidade.

Anteriormente à sua formação como um distrito, Cidade Tiradentes fazia parte do distrito de Guaianases, e que juntamente com Itaquera, até o século XIX, formavam o Antigo Aldeamento de São Miguel. Após esse período, Itaquera e Guaianases passaram a fazer parte do distrito de São Miguel Paulista como dois bairros distintos, até a sua constituição como distritos, nos anos 1960.

Foi somente nos anos 1970, que o poder público e a Cohab iniciaram o processo de aquisição de terras na Fazenda Santa Etelvina, para a futura construção do loteamento (CORDEIRO, 2009, p. 22). A Fazenda, no ano de 1940, possuía associação com a construção civil e operava como uma espécie de indústria. Silva (2008) aponta:

As olarias produziam tijolos e a Fazenda Santa Etelvina produzia carvão para essas olarias, então muito lucrativas. Tão lucrativas quanto as olarias, o parcelamento das terras “cercadas” dos arredores de Guaianases faziam algumas pequenas fortunas a lideranças políticas locais. Ocorre também a projeção de algumas personalidades, no campo da economia local, como Saturnino Pereira e a família Matheus. Essa estrutura semi-urbana de Guaianases, tal como uma centralidade, atendia a estrutura rural de Santa Etelvina e arredores. O lugar fora produzido constantemente por quem vivera esse lugar. As chácaras que serviam como casas de fim-de-semana para quem habitava no centro da cidade foram sendo gradativamente abandonadas, por conta da impossibilidade de sua reprodução como chácaras de veraneio ou de produção de frutas e hortaliças. O urbano se anunciava pouco a pouco, e os conjuntos habitacionais também indicavam a materialização de um projeto de “ocupar e desenvolver” a Zona Leste de São Paulo, como um eixo de desenvolvimento urbano, aproveitando a possível conurbação São Paulo – Rio de Janeiro (SILVA, 2008, p. 07).

A transição de uma fazenda de produção de carvão e as chácaras utilizadas como segunda residência, até seu desmembramento e venda para a Companhia Metropolitana de Habitação, é considerada uma fase nebulosa por alguns autores, como o supracitado. Infere-se que, apesar disso, desde os anos 1940 e pouco tempo antes da inauguração dos conjuntos habitacionais, o lugar já era parcialmente ocupado. Essa ocupação, onde viria a ser o distrito,

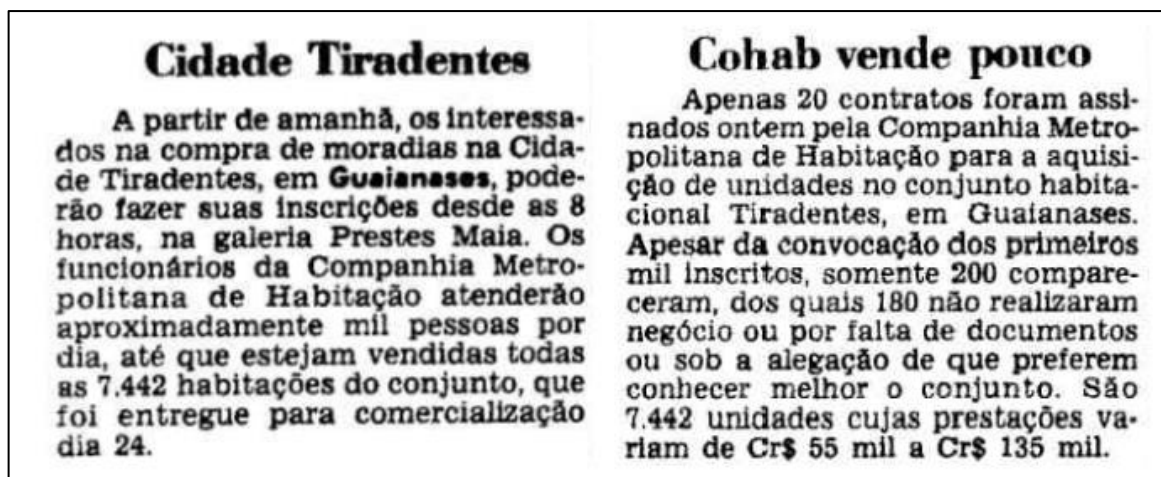
pode ter sido o que “aqueceu” a área, em termos de potencial para a produção imobiliária, culminando com a posterior construção dos conjuntos.

Assim, a aquisição dos terrenos pela Companhia, fundada no ano de 1965, visava “propiciar a execução de habitações de padrão essencialmente popular e que pudesse atender a uma faixa de habitantes de baixo poder aquisitivo, em especial aos atuais ocupantes de favelas” (COMPANHIA METROPOLITANA DE HABITAÇÃO apud CORDEIRO, 2009, p. 22).

No caso da aquisição de glebas, onde estaria localizada a futura Cidade Tiradentes, ela fez parte de um conjunto maior de investimentos, que buscavam melhores condições de habitação e infraestrutura, em decorrência da maior demanda por moradia e expansão das periferias e da autoconstrução. Com enfoque na Zona Leste de São Paulo, Lavos (2009, p. 51) aponta que 68% das glebas foram adquiridas nessa área, com a justificativa de que os terrenos eram mais baratos.

Fez parte dessa porcentagem de glebas da Zona Leste, os quatro grandes lotes, adquiridos em Guaianases, já no ano de 1972, em que a maior intervenção habitacional, inaugurada em 21 de abril de 1984, foi a do Conjunto Habitacional Cidade Tiradentes, mesmo nome do bairro. Os conjuntos habitacionais que se seguiram, - Santa Etelvina, Castro Alves, Barro Branco e Sítio Conceição -, passaram a fazer parte, mais tarde, do distrito.

**Figura 1-** Cidade Tiradentes. Matéria de jornal sobre a aquisição de moradias. 1984.



**Acervo:** Jornal O Estado de S. Paulo, 29 de julho de 1984/31 de julho de 1984.

A possibilidade de saída do aluguel por meio da aquisição da casa própria, para muitos cidadãos, advindos de outras áreas da metrópole ou de outros estados do Brasil, com maior proporção de moradores da Região Nordeste, no caso de Tiradentes, foi o que proporcionou os

sorteios da Cohab, no ano de inauguração, e da Companhia de Desenvolvimento Habitacional (CDHU), em menor proporção.

A notícia do Jornal no Estado de S. Paulo, no ano de 1984, divulgou a inscrição do sorteio das primeiras 7.442 habitações do conjunto habitacional, que serviriam para atender as famílias de trabalhadores do mercado de trabalho da região do ABC Paulista, o que resultou em pouca adesão. Passados quatro dias da divulgação das inscrições, apenas 20 contratos foram assinados, alegando os possíveis moradores que não realizaram a inscrição “por falta de documentos ou sob a alegação de que preferem conhecer melhor o conjunto” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 31 de julho de 1984).

A alegação de que os futuros possíveis moradores gostariam de conhecer melhor o conjunto, possui razões sólidas. Por meio do trabalho de Lavos (2009), foi possível aferir as condições habitacionais, ainda durante o processo de construção, pelo qual passava um dos primeiros conjuntos. Em parceria com construtoras que estavam em defasagem tecnológica para a época, visando o barateamento da construção,

Do ponto de vista do projeto, a busca por uma solução cada vez mais barata implicou na construção de apartamentos cada vez menores e prédios em condições de conforto térmico, acústico e lumínico insalubres. Problemas na estrutura dos conjuntos também foram encontrados, como foi relatado em entrevista ao diretor técnico da COHAB durante a gestão Luiza Erundina (1989-1992), Caio Boucinhas. Quando a gestão Erundina assumiu a prefeitura em 1989, o corpo técnico da Secretaria Municipal de Habitação interrompeu as obras no Conjunto Habitacional Santa Etelvina e fez o levantamento das condições estruturais dos prédios. Foram verificadas irregularidades e centenas de processos contra as construtoras permanecem em andamento até os dias atuais (LAVOS, 2009, p. 56-57).

Concebido em solo arenoso e que exigia maior investimento para a fundação dos conjuntos, o bairro prenunciava, desde a sua constituição, uma série de problemas que seriam posteriormente enfrentados pelos primeiros moradores. As erosões, intensificadas pelas chuvas, em decorrência da terraplanagem em solo inadequado, renderam inúmeros processos aos engenheiros responsáveis:

Todos os engenheiros responsáveis pela construção do Conjunto Habitacional Cidade Tiradentes, na Zona Leste, ameaçado por 30 focos de erosão abertos pelas chuvas do final de semana, deverão ser processados criminalmente pela Prefeitura. Técnicos da Companhia Metropolitana de Habitação (COHAB) e do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) terminaram ontem a investigação do núcleo de 181 prédios de apartamentos e 3.346 casas. Eles concluíram que as causas dos deslizamentos estão nas obras de terraplanagem, que não respeitaram as condições do terreno nem obedeceram a estudos aerofotogramétricos para iniciar a construção. No conjunto vivem 75 mil pessoas (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 30 de agosto de 1989).

A construção do conjunto habitacional não levou em conta os aspectos geomorfológicos do terreno e o projeto tampouco contou com qualquer participação dos moradores durante o processo, salvo nesse caso, depois, com a obra já concluída, quando foram criadas 30 comissões de moradores para a fiscalização.

Posteriormente à entrega do Conjunto Cidade Tiradentes, iniciada na gestão do prefeito Reynaldo de Barros, em 1982, e entregue em 1984, pelo prefeito Mário Covas, o Conjunto Habitacional Santa Etelvina dispôs de problemas semelhantes, realizados pela mesma empreiteira.

Paralelamente à aquisição de moradias pelos cidadãos, construídas pela Cohab e CDHU, há diversas menções às constantes ocupações, denominadas de invasões pela mídia, noticiadas nos anos de formação do distrito como outro problema associado ao local. A manchete intitulada “Invasão piora situação de Cohab” relata:

A Cidade Tiradentes, um dos redutos mais violentos do extremo Leste de São Paulo, com habitantes que se espremem nos 200 prédios construídos há seis anos pela Companhia Metropolitana de Habitação (Cohab) está convivendo com os problemas de um grupo ainda mais carente - **cerca de 300 famílias de favelados que invadiram há um ano casas semiprontas do local em busca de uma vida melhor**. Os favelados não contam com serviços de água, luz ou esgoto (...) obrigados a cavar poços e tomar água do lençol freático, contaminado por grande quantidade de lixo enterrado na área. **Desde a invasão, três crianças já morreram de desidratação** (...) “Não somos contra os favelados e **a Prefeitura tem de dar condições mínimas de sobrevivência a essa população**”, reclama Maria Batista Gonçalves, diretora do Centro de Ação Comunitária da Cidade Tiradentes. A Cohab, porém, não tem nenhum programa para melhorar as condições de vida dessas pessoas. **Como a maioria delas dispõe de uma renda muito baixa e a companhia tem projetos de habitação voltados somente para quem ganha de três a cinco salários mínimos, não há perspectivas de a situação mudar**. A Cohab informou que não foi pedida reintegração de posse contra os ocupantes, como ocorreu em outros terrenos invadidos. Assim, eles poderão ficar no local por tempo indeterminado. Só que sem nenhuma infraestrutura (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 03 de março de 1990, grifo nosso).

A ocupação de casas semiprontas, ou até mesmo a autoconstrução nos vazios urbanos de Cidade Tiradentes, mostra-se como acontecimento recorrente, ultrapassando os anos iniciais de formação no distrito. Tal fato anuncia que a construção dos conjuntos não contemplou a demanda por moradia, já que o cidadão mais periférico em relação àquele que conseguiu o financiamento do imóvel, não dispunha de renda o suficiente para a inscrição. Simultaneamente, ocorria nas periferias o processo de desocupação violenta das áreas por parte do poder público, seguido de sua reurbanização (LAVOS, 2009, p. 47).

As ocupações evidenciam, de um lado, a demanda não atendida por moradia e, do outro, as diferentes tipologias habitacionais decorrentes do processo de desocupação, noticiado constantemente pela mídia com relação ao distrito.

Se apenas seis anos após a construção e aquisição dos imóveis pelos moradores contemplados pelo sorteio, o bairro já dispunha de um Centro de Ação Comunitária da Cidade Tiradentes, isto significa que toda a infraestrutura e os equipamentos foram construídos muito tardiamente para atender às necessidades dos moradores, fruto de lutas e reivindicações.

A ausência de postos de saúde, escolas, creches e outros equipamentos básicos não fazia sentido, se considerada a densidade populacional da Cidade Tiradentes, e o ritmo rápido de sua ocupação. Se na década de 1980, havia cerca de oito mil habitantes no bairro, o número de moradores aumentou para 96.281 (SEADE, 2008), demonstrando, mais uma vez, a falta injustificável de infraestrutura, obrigando os moradores a se deslocarem para outras áreas da cidade, - principalmente as mais centrais da metrópole - para a busca de emprego e usufruto de outros meios de consumo coletivo.

Limitada quase que somente à dimensão do habitar, nos anos seguintes de sua constituição, a baixa mobilidade urbana já se mostrava como um fator de dificuldade para os cidadãos, pois em decorrência da precariedade do transporte, levavam três horas ou mais para se deslocar-se até o centro da cidade. Assim,

(...) àqueles aos quais não é conferido o poder de escolha e organização territorial, constitui-se uma série de dificuldades que reduzem e/ou excluem esses cidadãos do chamado “direito à cidade” (LEFEBVRE, 1975 [1968]). Essa redução e/ou exclusão refere-se às múltiplas dimensões que compõem as práticas cotidianas espacializadas nas cidades, sendo que sua primeira condição se realiza na dimensão do habitar (RIZZON; MORCUENDE, 2020, p. 02).

O acesso dificultoso e custoso a essas outras áreas, que faz parte da lógica centro-periferia, passou a reforçar, para os moradores, as desigualdades socioespaciais, devido às dificuldades de se apropriarem de outros espaços, reafirmando a sua condição periférica.

A condição periférica e os atributos a ela associados são relevantes para a compreensão da lógica das desigualdades socioespaciais, a partir da situação espacial, e que evidenciam, por meio dos elementos pontuados, a insuficiência de infraestrutura e as dificuldades de mobilidade urbana.

A breve evolução das políticas habitacionais, discorrida neste subcapítulo, permite evidenciar a distribuição espacial residencial e de meios de consumo coletivos, na metrópole, a partir da renda. Apesar de o objetivo da Cohab ser o de favorecer condições para a aquisição de habitações dignas à população de menor renda (COMPANHIA METROPOLITANA DE HABITAÇÃO, 2020), a consonância com critérios estabelecidos pelo Governo Federal e a legislação federal, não impediram, como seria de se esperar, uma intervenção que desfavorecesse aqueles com menores condições. Lavos (2009, p. 62) pontua oito aspectos com

relação à produção do espaço urbano pelo poder público, na construção das Cohabs de Cidade Tiradentes, e que são relevantes para esta monografia:

1. A opção pela produção dos conjuntos habitacionais em Cidade Tiradentes representou custos acima dos esperados, dados os problemas enfrentados com o solo arenoso (...);
2. A estratégia de produzir os conjuntos habitacionais em terrenos baratos e distantes das áreas centrais redundou em problemas relativos ao acesso ao bairro e dificuldades na instalação de transporte público de qualidade;
3. Em Cidade Tiradentes, malgrado o investimento público para a construção dos conjuntos, houve falta de planejamento em relação aos equipamentos públicos necessários para atender a população. A luta por creches durante toda a década de 1980 evidencia esse fato;
4. A produção de conjuntos habitacionais sem planejamento para áreas verdes e áreas públicas vazias induziu ocupações irregulares;
5. A política restritiva de uso dos espaços da COHAB como espaços estritamente residenciais implicou no desrespeito às normas e na produção de espaços comerciais informais;
6. A política restritiva de comercialização dos apartamentos foi desrespeitada, e a COHAB tem até hoje grande déficit burocrático em relação a identificação dos moradores;
7. A ausência de uma norma clara e a mudança de administrações municipais implicaram num déficit burocrático em relação a regularização da situação de inadimplência dos apartamentos;
8. A segregação urbana e a má gestão dos apartamentos (com reintegrações de posse que deixaram apartamentos vazios ocupados posteriormente) auxiliaram na emergência de intensa violência urbana. (LAVOS, 2009, p. 62-63)

A autora aponta uma série de elementos relativos à construção do bairro Cidade Tiradentes, a partir das políticas habitacionais, e que se consubstanciam não somente em fatores imprescindíveis para a compreensão de sua formação, os quais se generalizaram na formação de outros bairros que se seguiram e de outras áreas periféricas.

Infere-se que, no caso de Cidade Tiradentes, o conjunto de acontecimentos citados, desde a construção mal projetada dos conjuntos, em um local distante das áreas centrais, levou ao processo de segregação imposta (CORRÊA, 1989), que separa os diferentes segmentos sociais em diferentes áreas da cidade, contribuindo para o acirramento das desigualdades socioespaciais.

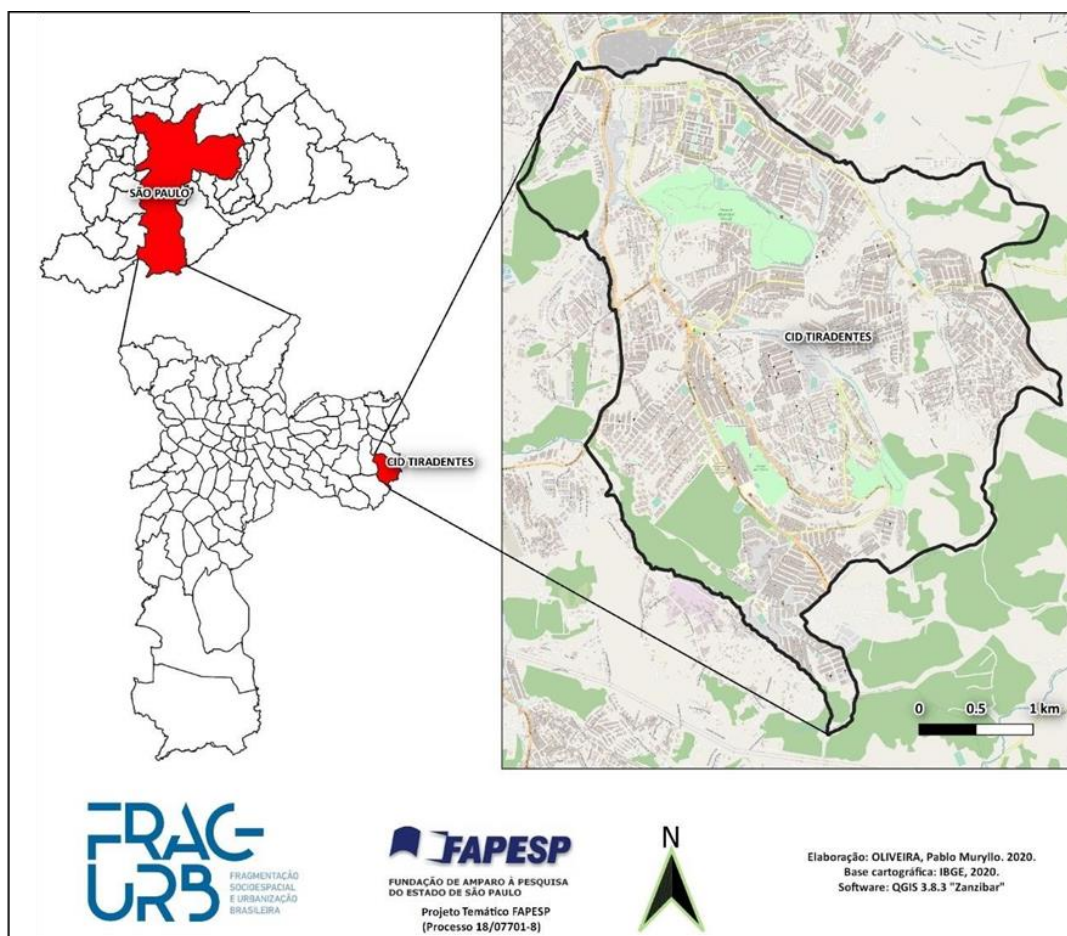
Os elementos citados, como veremos no subcapítulo seguinte, são importantes para a compreensão das desigualdades materializadas na formação das periferias, e que merecem aprofundamento em termos de compreendê-las sob a perspectiva dos diferentes indicadores sociais, que posteriormente auxiliarão na compreensão da construção do estigma territorial do distrito e de seus cidadãos, por sua condição periférica.

## 1.2 Periferia e desigualdades socioespaciais no extremo leste da metrópole

Após breve debate acerca das políticas habitacionais que formaram o bairro e, posteriormente, um distrito gerido por Subprefeitura própria, este subcapítulo dedica-se a realizar a caracterização socioespacial de Cidade Tiradentes, no presente. Para tal, discorreremos acerca de alguns índices e dados que auxiliem na compreensão atual do distrito, e que possam contribuir para a discussão sobre a construção do estigma territorial, ao qual associamos a sua condição periférica e suas implicações.

Cidade Tiradentes, distrito da metrópole de São Paulo, distante cerca de 30 km da Praça da Sé, marco zero da capital, faz fronteira com o município de Ferraz de Vasconcelos (leste) e, no município de São Paulo, com as subprefeituras de Guaianases (norte), Itaquera (oeste) e São Mateus (sul), constituindo a denominada Zona Leste 2 (Mapa 1). A população representa 1,9% do município de São Paulo, contando com 211.501 habitantes (CENSO, 2010), e que pode ter sofrido alterações.

**Mapa 1** - Cidade Tiradentes. Situação Geográfica. 2020.



**Elaboração:** Oliveira, Pablo Muryllo, 2020.

Contando com mais de dez grandes conjuntos habitacionais, que somam mais de 15 quilômetros quadrados de edificações, a ferramenta utilizada pela Subprefeitura, a fim de diagnosticar a área, foram as classificações a partir das Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), sendo 74% do distrito demarcado por elas. Assim,

69% da área é demarcada como ZEIS 1, áreas caracterizadas pela presença de favelas e loteamentos irregulares habitados predominantemente por população de baixa renda, e 5% como ZEIS 2, constituídas por glebas ou lotes não edificados ou subutilizados adequados à urbanização. Tal aspecto é revelador deste território, marcado por elevados índices de vulnerabilidade social e baixos índices de desenvolvimento humano, no qual mais de 80% da população apresenta renda igual ou inferior a três salários mínimos (CADERNO DE PROPOSTAS DOS PLANOS REGIONAIS DAS PREFEITURAS, CIDADE TIRADENTES, 2018).

A demarcação das ZEIS 1 e 2 contemplam a menção, no subcapítulo anterior, sobre outras formas de habitação que não as edificações, salientando a existência de favelas e a autoconstrução daqueles que passaram a ocupar o distrito, mas que não possuíam renda o suficiente para a aquisição de um imóvel da Cohab. Os índices de vulnerabilidade social, apresentados pelo fato de a maioria da população residente apresentar renda igual ou inferior a três salários mínimos, evidenciam a face da periferia e das desigualdades, resultado da distribuição desigual de renda, mas também da condição espacial a que estão submetidos seus moradores.

Postas as condições de habitação e a renda como fator de vulnerabilidade, faz-se necessário conceituar a periferia, pautada nas expressões da desigualdade. Adotamos, como primeira aproximação, a definição quantitativa, elaborada por D'Andrea (2020), em que ela seria composta pelos distritos onde mais de 20% dos domicílios tinham renda per capita de até meio salário-mínimo (D'ANDREA, 2020, p. 27), e que abrange não somente a Cidade Tiradentes, como também boa parte da Zona Leste. Ademais,

Para uma definição quantitativa de periferia é necessário que haja dois elementos: um social, denominado *pobreza*, e um geográfico, denominado *distância* [...] No âmbito *qualitativo*, é necessário circunscrever os debates e os significados atribuídos a periferia no correr da história. Do mesmo modo, a *dimensão quantitativa* de periferia pode se modificar de acordo com mudanças nos padrões de *distância* e acessibilidade, e de *pobreza* e vulnerabilidade social (D'ANDREA, 2020, p. 29).

Apesar das mudanças recentes no distrito, a condição de pobreza, a partir do critério apresentado e, mais do que tudo, a condição da distância para referir-se à periferia geográfica, contemplam essa definição para Cidade Tiradentes. Situada no extremo Leste, a dificuldade enfrentada com relação à mobilidade urbana foi fator de destaque negativo para os seus moradores, tanto pelo tempo despendido no deslocamento, como pela obrigatoriedade da

locomoção para outras áreas da metrópole em função do emprego, já que o distrito é o que possui a menor proporção de postos formais de trabalho, totalizando 0,2 para cada 10 habitantes (MAPA DA DESIGUALDADE SOCIAL, 2019).

A compreensão sobre o que se entende por periferia torna imprescindível a sua comparação com outras áreas, para que, assim, possamos discorrer sobre as desigualdades. Para elucidar o que pretendemos, nesta monografia, faz-se necessário o comparativo entre Cidade Tiradentes, na periferia, e áreas como as centrais. O Mapa da Desigualdade (2019) permite visualizar alguns dos atributos que fazem parte da condição periférica do distrito.

Nesse caso, alguns dados evidenciam essa condição periférica, como a idade média ao morrer, que é de 57,3 anos para os moradores de Cidade Tiradentes, em contraponto aos 80,6 anos de vida dos moradores de Moema, Zona Sul de São Paulo (MAPA DA DESIGUALDADE, 2019).

Cerca de 30 km separa uma localização da outra e percebemos a diferença na qualidade de vida, e que envolve atributos como a renda e o maior acesso aos meios de consumo coletivo, em menor proporção para áreas periféricas. Soma-se a essa explicação a densidade populacional, o acesso a uma infraestrutura urbana ruim, características familiares dos habitantes da região e a violência (NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA, 2019).

Se permanecermos no comparativo entre bairros com localizações distintas, evidenciamos também a desigualdade racial, resultado de racismo estrutural, e que promoveu a segregação racial (OLIVEIRA, 2008), possuindo implicação na condição periférica desses cidadãos. Posto isso, se em Moema, verificamos apenas 5,8% da população preta e parda, - considerado o bairro com a menor proporção desta população da metrópole -, em oposição à 56,1% da população preta e parda em Cidade Tiradentes, ou seja, mais da metade de seus cidadãos (MAPA DA DESIGUALDADE, 2021).

O comparativo entre ambas as áreas, considerando que praticamente são opostos extremos, a partir do Mapa da Desigualdade (2019), revela uma lógica baseada no esquema centro-periferia, e que leva em conta as diferentes localizações, a partir dos diferentes segmentos sociais.

Os cidadãos aos quais não são conferidos o poder de escolha do local de moradia, constitui-se uma série de dificuldades, como a imobilidade urbana, decorrente da pobreza, baixos salários e condições do local de residência, que se encontram isoladas (SANTOS, 1990, p. 89).

Tal condição altera, assim, as diferentes práticas socioespaciais, o uso e a apropriação de diferentes áreas, levando a consequências em todas as dimensões cotidianas da vida urbana, o que resulta diretamente da situação espacial da moradia.

A segregação imposta (CORRÊA, 1989), que faz parte dessa lógica, também é processo recorrente na metrópole que, pelas condições de mobilidade e renda mencionadas, pode impedir, muitas vezes, o encontro entre cidadãos de diferentes estratos socioeconômicos.

Mais do que isso, a construção de um conjunto habitacional isolado e distante da metrópole, planejada exatamente para afastar os pobres do centro da cidade, contribuiu para o distanciamento e o preconceito por parte de moradores de outras áreas da cidade. Por isso, reforçamos a desigualdade socioespacial, em Tiradentes, também pela perspectiva da segregação socioespacial, imprescindível na compreensão da produção do espaço urbano e na constituição das periferias. Complementando Corrêa (1989), “(...) a segregação seria um processo dialético, em que a segregação de uns provoca, ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, a segregação de outros” (VILLAÇA, 1998, p. 148).

Desconhecendo os conteúdos de diferentes localidades, a lógica da segregação, aliada à lógica centro-periferia, proporcionou aos cidadãos mais centrais a visão de que, quanto mais longe e isolado, certamente o local é mais pobre, perigoso, inseguro e violento. As paisagens e os conteúdos urbanos, previamente delimitadas no imaginário dos cidadãos por meio da distância e das generalizações discursivas, distanciou-os igualmente de perspectivas de fato reais acerca do lugar e dos moradores da periferia.

Esta visão generalizante acerca das áreas mais pobres da cidade e de seus moradores, certamente foi o que passou a contribuir para o estigma territorial, que passa a se constituir, nas periferias, como mais um fator de distanciamento e dificuldade de inserção sociais em outras áreas da metrópole. Por isso, a discussão do capítulo seguinte, dedica-se ao conceito de estigma e, sobretudo, à construção do estigma territorial, que se desenvolveu, no caso deste recorte espacial, a partir da condição periférica do distrito e de seus moradores.

## **2. Do estigma ao estigma territorial**

Neste capítulo, desenvolvemos as ideias principais relativas ao conceito de estigma, no que se refere à sua construção, abordado mais comumente no campo sociológico, dando, na sequência, ênfase ao adjetivo “territorial”, que lhe foi atribuído e é adotado nesta monografia. É de grande relevância compreender a sua construção, porque ela vai nos revelar os elementos contextuais necessários – razões políticas, econômicas e sociais - para a construção do estigma territorial em Cidade Tiradentes, objeto de nossa pesquisa.

Adotamos autores que em muito contribuíram no campo da Sociologia para esta conceituação. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica dos trabalhos de Wacquant (2006) e Goffman (2012). Em adição, abordamos os trabalhos que partiram da construção do estigma em termos de Brasil, e que são importantes para a compreensão e diferenciação do estigma e do processo de estigmatização, para nós, associado à condição periférica de Cidade Tiradentes, em relação à metrópole de São Paulo.

É importante destacar que o objetivo, neste trabalho, não é o de aprofundar epistemologicamente o conceito de estigma, mas sim o de privilegiar a construção de seus conteúdos e o processo de estigmatização dos moradores do distrito. Por isso, o conceito será delimitado tanto quanto for necessário para que seu detalhamento revele os conteúdos, consoante o recorte espacial eleito.

Em seguida, a partir do desenvolvimento do estigma como um conceito ao qual foi atribuída a importância territorial, a reprodução e a difusão do discurso estigmatizante, associado ao distrito periférico de Cidade Tiradentes, será destrinchada por uma perspectiva midiática, ou seja, pretendemos analisar de que forma a mídia, essencialmente jornais e redes sociais, contribuem para uma visão estigmatizada dos moradores do distrito, a partir do território onde habitam.

Para tal, foi realizada a revisão bibliográfica acerca de trabalhos referentes ao tema e o levantamento de matérias de jornal, desde a constituição do distrito, em meados dos anos 1980, até os dias atuais, por meio do acervo digital do Jornal O Estado de S. Paulo (Estadão), um jornal lido pela classe média e que traz uma perspectiva externa do distrito.

A principal razão para o levantamento de notícias nesse jornal em específico, foi a quantidade de matérias disponíveis e a facilidade encontrada, no acervo, para filtrar as notícias precisas, por meio da ferramenta de buscas. Para tal, foi utilizado o próprio nome do distrito, filtrando as notícias desde o início dos anos 1980, mais especificamente o ano de 1984, ano de

sua inauguração, em que consta na notícia um aviso para os interessados na compra de moradias na Cidade Tiradentes.

## **2.1 Da origem do conceito à (re)produção de um espaço violento e perigoso**

A definição com a qual primeiramente nos deparamos, no campo da Sociologia, é a de Erving Goffman, que, de modo simples, define o estigma como a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena (GOFFMAN, 2004, p. 08). Com o desenvolvimento de pesquisas e análises, surgiram outras categorias e processos sociais, em diferentes contextos a ele associados.

O estigma, geralmente, mostra-se como um elemento externo a um indivíduo ou grupo de indivíduos, não sendo, portanto, uma atribuição pessoal, visto sua dimensão social e dialógica, ou seja, só há o estigmatizado se há os que estigmatizam e essa relação sempre se estabelece socialmente. A estigmatização ocorre sob a presença física e a interação social entre diferentes pessoas – as consideradas normais e as estigmatizadas - em um determinado ambiente.

Há que se fazer uma análise histórica acerca do termo, já que ele sofreu diversas alterações, cada qual relacionada ao seu espaço e período histórico. A marca estigmatizante, hoje de caráter mais subjetivo, era, durante a Grécia Antiga, um sinal corporal feito a partir de cortes ou fogo, procurando propriamente marcar os sujeitos que possuíam algo de diferente em termos negativos, relacionados ao status moral, e que igualmente designavam o papel que determinado indivíduo ou grupo possuía na sociedade, podendo ser um escravo, criminoso, traidor, e que deveriam ser evitados, principalmente em lugares públicos (GOFFMAN, 2004, p. 05).

Um ponto importante em que se verifica a permanência de alguns elementos que caracterizam o estigma é o de, como atributo social, constranger, fazer evitar e evidenciar indivíduos e/ou grupos em termos de frequência de espaços públicos. Anteriormente, dando a eles marcas físicas, corporais sobre a sua diferença, e hoje, atribuindo a uma determinada vestimenta, cor de pele, origem e/ou segmento social, atributos negativos de múltiplas associações, recorrentes no imaginário de outros grupos, tema que será melhor desenvolvido adiante.

O debate posto em pauta versa sobre a relação entre a frequência de espaços públicos e a previsibilidade social, ou seja, uma certa segurança, no imaginário construído, de saber que, ao frequentar determinados espaços, se encontrará com grupos de segmentos sociais homogêneos – isto ocorrendo principalmente em segmentos de mais alta renda -, o que

igualmente homogeneiza as relações e traz a sensação de segurança de que, raramente, irá se deparar com outros grupos e/ou com diferenças existentes.

Ainda segundo Goffman (2004, p. 06), ao se deparar com diferentes grupos, existem as primeiras impressões que geralmente estão associadas à identidade social daqueles e que não possuem características previsíveis, exigindo, portanto, que se encaixem em categorias não reais, exercendo uma identidade social virtual, ao contrário daquela real, a que de fato o grupo prova possuir. Assim sendo,

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 2004, p. 06).

O atributo de que fala o autor nos direciona para os indesejáveis, já que se trata do estereótipo que é criado e previsto para um indivíduo específico, que pode ser analisado socialmente de modo negativo, como já citado. Tais atributos, que possuem certo grau de relatividade a depender do indivíduo, são vistos à luz das relações sociais, e não do atributo em si, já que um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem (GOFFMAN, 2004, p. 06).

As representações construídas, desse ponto de vista, são de muito mais valia do que a identidade social real dos sujeitos e estão intrinsecamente ligadas às relações construídas socialmente, não se tratando, portanto, de atributos reais e que os tornem indignos ou desonrosos de toda e qualquer inserção e/ou interação social, embora sejam tomados como tais.

O estigma refere-se, para o autor, a um atributo depreciativo e que pode possuir dupla perspectiva: quando o estigmatizado já possui sua característica estigmatizante conhecida e evidente, - o desacreditado -, ou quando ela não é conhecida e nem imediatamente evidente – o desacreditável (GOFFMAN, 2004, p. 07). Assim, o estigma é agrupado segundo três diferentes tipos:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que

podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 2004, p. 07).

Trazendo os três diferentes tipos de estigma à luz do contexto atual, constata-se algumas permanências. Como abominações do corpo, denominadas deformidades físicas e atualmente referidas a Pessoas com Deficiência (PcD) – nomenclatura adotada a partir da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência das Nações Unidas (2006), o estigma amplamente debatido no contexto atual refere-se ao capacitismo, ou seja, a leitura que se faz a respeito das pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que as define como menos capazes (VENDRAMIN, 2019, p. 02).

Tratando-se do segundo tipo, o que o autor considera como culpas de caráter individual, nos são revelados diferentes atributos estigmatizantes, com especial atenção para o estigma voltado a indivíduos que possuem algum transtorno mental, diferentes tipos de vício e o homossexualismo – termo atualmente em desuso e substituído por homossexualidade, já que o sufixo “ismo” é associado a algum tipo de patologia -, e que foi retirado da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) apenas nos anos 1990, pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (WELLE, 2020).

Apesar de enfrentamentos diante dos diferentes estigmas, usualmente permanecem aqueles de caráter estrutural, ou seja, acompanhados de fatores construídos em tempo longo, que fundamentam as relações sociais e se encontram mais enraizados. Eles se encaixam no terceiro tipo, como os estigmas de raça, associado ao racismo estrutural, - que leva à marginalização e à seletividade do sistema penal de indivíduos negros e pobres (SANTOS, 2014, p. 52).

Inseridos, ainda, na terceira categoria, estão, finalmente, os estigmas relacionados à tribo e à nação que, assim como os estigmas de raça, como desenvolvido pelo autor, podem ser transmitidos através de membros de uma mesma família, como se, por linhagem, herdassem os atributos estigmatizantes.

A partir de tribo e nação, Goffman (2004) atribui a dimensão espacial ao estigma, embora o debate relacionado ao território não seja por ele aprofundado, na direção de elucidar o que pode vir a ser parte do processo de estigmatização de um indivíduo ou grupo, ou até mesmo intrínseco a ele.

Isso é relevante não somente para a Geografia, porque a dimensão do espaço (SANTOS, 1996), mais especificamente o espaço urbano aqui referido, é tomado como um produto social, reflexo da sociedade constituinte de diferentes estratos socioeconômicos, que estrutura-se

segundo diferentes agentes - hegemônicos e não hegemônicos, em constante disputa (CORRÊA, 1989, p. 11). Deste modo,

As diferentes formas de apropriação desses espaços urbanos, regidas por diferentes agentes, produzem, nas cidades, diferentes padrões que, em sua forma e localização, revelam a classe e o poder de organização territorial a qual pertencem. Esse poder, por meio da condição socioeconômica dos indivíduos, segmentos e classes, valoriza o espaço consumido, produzindo e reproduzindo a segregação socioespacial (...) (RIZZON; MORCUENDE, 2021, p. 02).

A segregação imposta (CORRÊA, 2004) materializada nas cidades, proporciona a grupos de indivíduos o poder de escolha do local de moradia e maior acesso a serviços e equipamentos, em detrimento de outros que, por sua baixa condição socioeconômica, têm as margens das cidades, ou seja, suas periferias.

Marcadas como um local distante dos grandes centros, onde predominam as ausências e a precariedade de infraestrutura, equipamentos e serviços, planejadas ou não como áreas sociais e/ou de habitações irregulares, as periferias, desde os anos 1960, passaram a se tornar um padrão dominante na produção do espaço urbano, passando a se aprofundar na informalidade e ilegalidade urbanística (HUGHES, 2003, p. 08).

Como processo e resultado da segregação socioespacial e conhecido como o local de moradia dos mais pobres, as periferias, desde sua constituição, foram afirmadas como um lugar perigoso, inseguro e violento, a partir de uma série de contextos que se relacionam à falta de assistência do Estado e segurança, reforçando tais atributos.

Assim, resultado de processos combinados e intensificados pelo avanço, dentre outros fatores, do neoliberalismo, em conjunto com agentes hegemônicos e que atuam no mercado imobiliário, a periferia estabeleceu-se como um lugar, nas cidades, ao qual se associam conotações negativas, referentes aos elementos supracitados, e que possuem, até hoje, rebatimento em seus moradores.

O local de moradia de indivíduos advindos de menores estratos socioeconômicos passou a ser determinante na associação entre eles e atributos negativos, incorporando, portanto, a dimensão espacial aos processos estigmatizantes. Partindo da premissa de que locais afastados da cidade são perigosos e violentos, assim seriam, consequentemente, seus moradores.

Löïc Wacquant (2006), partindo dos estudos de Goffman (2004), ao abordar um novo regime de marginalidade nos Estados Unidos e na União Europeia, pautado na experiência da rejeição urbana, passou a desenvolver o conceito de estigma territorial, a partir das formas de pobreza contemporâneas. Assim, evidencia três tipos de propriedade espacial e suas implicações na formação do que ele chama de precariado, nas sociedades pós-industriais,

levando em conta: i) a desintegração da condição dos assalariados; ii) a desconexão funcional dos bairros deserdados; iii) as tendências macroeconômicas e; iv) a reconfiguração do Estado Providência em um modelo polarizado de cidade (WACQUANT, 2006, p. 27). Esse novo regime, afirma,

Em vez de se encontrar disseminada pelo conjunto de zonas de habitação operária, a marginalidade avançada tende a concentrar-se em territórios isolados e claramente circunscritos, cada vez mais percebidos, tanto por fora como por dentro, como lugares de perdição – que assumem a aparência de baldios urbanos ou de «pátios dos milagres» da cidade pós-industrial que só os desviantes ou os resíduos da sociedade frequentam porventura (WACQUANT, 2006, p. 27).

O aumento dos chamados lugares de perdição, abarcando as periferias ou parcelas de seus territórios, no contexto latinoamericano, levou à associação entre sua ocupação relacionada a indivíduos ou grupos com características estigmatizantes. Tais características levam ao processo de estigmatização, uma vez que as periferias, à medida em que se constituem, passam a incluir discursos que o autor chama “vindos de baixo”, relacionados às interações da vida cotidiana, assim como os discursos “vindos de cima” na esfera midiática, política, burocrática e até mesmo científica (WACQUANT, 2006, p. 28).

Os discursos de descrédito, associados a um território, para Wacquant, sobrepõem-se a estigmas já existentes, e que estão essencialmente ligados à pobreza e à pertença étnica. Concorde com Goffman (2004) ao reafirmar que, assim como os estigmas ligados à pertença étnica e religiosa, os estigmas de nação podem igualmente ser transmitidos e contaminar os membros da mesma família, o que pode ser atenuado, ou até mesmo anulado por meio da mobilidade geográfica. Ao exemplificar o território como parte do atributo estigmatizante, referindo-se às metrópoles do chamado Primeiro Mundo, afirma que

(...) uma ou mais aglomerações, sectores ou concentrações residenciais de habitação social são publicamente conhecidos e reconhecidos como os tais infernos urbanos onde o perigo, o vício e o abandono fazem parte da ordem das coisas. Alguns até adquirem o estatuto de sinónimo nacional de todos os males e perigos que doravante afligem a cidade dualizada (WACQUANT, 2006, p. 28).

Defrontamo-nos com a questão do modelo polarizado de cidade, ao qual o autor se refere, em sua configuração centro-periferia que, apesar de em parte estar sendo sobreposta por novas lógicas, - não foi superada pelos que habitam a periferia por questões ainda permanentes

de infraestrutura e mobilidade<sup>2</sup> - permanece no imaginário dos cidadãos da metrópole como o único lugar distante do que se conhece, onde impera uma visão ímpar e farta de todos os males.

Ao se planejar habitações de interesse social distante dos centros, onde a presença insuficiente dos meios de consumo coletivo disponibilizados pelo poder público predomina, a condição de circunscrição a tais áreas leva seus moradores a desenvolver estratégias, a fim de suprir o que lhes foi relegado, tornando-os agentes de si e realizando esforços além do que seria adequado, para a sua sobrevivência. Para a ausência de assalariamento, o trabalho informal; para a ausência de infraestrutura, a ação coletiva dos próprios moradores a propiciar espaços de lazer e cultura.

Ainda ao encontro das ideias de Goffman (2004), que discorre sobre a identidade virtual criada para os indivíduos estigmatizados, poderíamos igualmente discorrer sobre processos estigmatizantes pautados em um território virtual. Construído a partir da perspectiva de um lugar distante e, por vezes, somente conhecido por meio de veículos de imprensa que, de modo repetitivo, trazem à tona as mesmas manchetes pautadas na temática do perigo e da violência, a consequência é a estigmatização de seus moradores e a distorção de suas vidas cotidianas neste mesmo território.

Cidadãos com maior acesso ou acesso integral à cidade, podem se perguntar como é a vida nas periferias da metrópole, principalmente em locais onde o estigma é mais marcado, como a própria Zona Leste de São Paulo. A construção midiática ampliou, definitivamente, essa percepção única da periferia, - tanto por sua situação geográfica como pelo quadro frequentemente veiculado acerca da precariedade - de tal forma que se constitui no imaginário dos “de fora” um cenário inóspito, fonte de toda a violência, onde não somente as ruas são o perigo, como todas as pessoas que o constituem.

A existência real ou imaginada do perigo e da violência, presente em todos os lugares, e a falsa segurança oferecida por muros, grades e pelo afastamento espacial, incluída a polarização da cidade como um dos fatores para esse imaginário da concentração de atributos negativos em um só lugar, condiciona e intensifica o estigma, proporcionando igualmente o desencontro entre diferentes, e que colabora para a virtualidade e território.

Observa-se, assim, como a condição da localização, traduzida como estigma decorrente de uma classificação hierárquica dos espaços urbanos, construída predominantemente pela mídia e por indivíduos de maiores estratos socioeconômicos, leva à construção do afastamento

---

<sup>2</sup> Esta monografia de Bacharelado associa-se à pesquisa intitulada Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira, cujo objetivo central é mostrar a transição da lógica centro-periférica para a lógica espacial fragmentária, em processo constante de sobreposição daquela por esta, sem o apagamento da primeira.

socioespacial, primeiramente, no campo das ideias, o que possui forte rebatimento na forma como diferentes grupos da sociedade se relacionam. Confirmando a prevalência das construções virtuais e estigmatizantes,

Que esses lugares estejam ou não deteriorados, sejam ou não perigosos e a sua população seja ou não essencialmente composta de pobres, minorias e estrangeiros, tem pouca importância, no fim de contas: a crença preconceituosa de que assim são basta para engendrar consequências socialmente nocivas. (WACQUANT, 2006, p. 29)

O estigma desencadeia conteúdos de nocividade aos cidadãos de Cidade Tiradentes, como pretendemos mostrar adiante, por meio da análise de discurso da mídia, posto que, no decorrer dos quase quarenta anos de história do bairro desde sua constituição como distrito, seus moradores seguem recebendo atributos negativos que se desdobram a partir da falta de infraestrutura inicialmente inexistente e por se tratar de um lugar periférico e, portanto, considerado como perigoso.

## **2.2 A mídia e a reprodução do discurso sobre o estigma territorial**

Como brevemente abordado, o processo de estigmatização territorial possui artifícios de difusão e manutenção a partir do discurso, podendo ou não ter origens hierárquicas. A mídia, de um modo geral, detém e constitui poderosa e impactante ferramenta de construção e difusão do estigma sob os territórios periféricos e seus moradores.

Partindo dos estudos de Bourdieu (2000), mais propriamente aqueles que tratam da terceira perspectiva crítica sobre a mídia, em voga nos anos 1990, há que se desenvolver algumas considerações para aprofundar a relação entre mídia e estigma territorial.

Refere-se o autor, na perspectiva em questão, ao jornalismo como campo de autonomia incompleta, subordinado e constituído conforme as estratégias do campo econômico, com efeitos de homogeneização e heteronomização sobre os campos culturais e políticos (FERREIRA, 2005, p. 02), Bourdieu contribui para a compreensão do papel da mídia segundo as intenções de agentes específicos e que possuem parte nos processos sociais.

Quanto à intenção de agentes específicos, a mídia é utilizada como catalisadora de alguns processos sociais, uma vez que, não são neutros e empossados pela classe dominante,

(...) nos coloca certos temas e nos faz crer que estes é que são os problemas importantes sobre os quais devemos pensar e nos posicionar. Através da ininterrupta construção de modelos de unidade, de racionalidade, de legitimidade, de justiça, de beleza, de cientificidade os meios de comunicação de massa produzem formas de existir que nos indicam como nos relacionar; enfim, como ser e viver dentro de um permanente processo de modelização (COIMBRA, 2001, p. 02).

Determinante nas percepções, modos de ser, pensar e agir, o desenvolvimento dos meios de comunicação, intensificados durante os anos 1960 no Brasil, mais especificamente durante a ditadura militar, evoluíram de modo centralizado e controlado por poucos (COIMBRA, 2001, p. 02).

A produção do estigma associa-se, portanto, à produção - manipulada ou repetitiva - dos acontecimentos, veiculando de forma estratégica o fluxo de informações e colocando em pauta, subjetivamente ou não, formas de conduta e maneiras de pensar, geralmente homogeneizadas e/ou homogeneizadoras, acerca de determinados grupos e/ou territórios.

Ao analisar as notícias do Jornal O Estado de S. Paulo, relativas ao bairro Cidade Tiradentes, notamos que, primordialmente entre o fim dos anos 1980 e o início dos anos 1990, seus conteúdos versavam sobre a ausência ou precariedade de infraestrutura, ou sobre acontecimentos relacionados à violência entre cidadãos, no então recém-formado bairro, salvo a notícia de algumas obras como a inauguração do conhecido Posto de Saúde Glória, na Avenida dos Metalúrgicos, em setembro de 1985.

A manchete com a qual se inicia uma série de notícias monotemáticas, relacionadas aos acontecimentos no então conjunto habitacional, refere-se à violência doméstica, que levou à morte de um homem por sua esposa, que frequentemente sofria agressões por parte dele. A notícia seguinte, do ano de 1986, também faz referência à violência contra a mulher, em que um traficante é assassinado pelo pai e morador de Tiradentes, de uma filha que estava sofrendo ameaças por parte do traficante (Jornal O Estado de S. Paulo, 1986).

As manchetes que se seguem, após esse ano, fazem alusão a uma série de ausências e precariedades não somente em Cidade Tiradentes, como também em distritos próximos e com menções principalmente à Zona Leste de São Paulo.

Dois conteúdos - que podemos sintetizar em dois grupos, passam então a acompanhar e marcar a formação do bairro, ao longo do tempo: 1) notícias que evidenciam a ausência e/ou insuficiência e precariedade de equipamentos, infraestrutura e serviços urbanos básicos; 2) matérias que se referem a violência, insegurança, tráfico e saques, bem como os relativos a invasões na Cohab. Vamos centrar nossa análise no segundo grupo, que tem relação direta com o tema de nossa monografia, ainda que temas relativos ao primeiro também possam contribuir para a construção de estigmas.

Uma das primeiras notícias que fazem menção à insegurança no bairro e ao início do que seria um movimento de reforço ao estigma territorial na área e em seu entorno, ocupando

uma página inteira do jornal do Estado de S. Paulo (1987), revela-nos importantes trechos que podem colaborar para evidenciar a construção do estigma.

Em julho de 1987, a partir da chamada “A paranóia dos saques na periferia”, o jornal noticiou uma série de saques ocorridos em mercados de pequenos comerciantes em algumas áreas da Zona Leste, como Guaianases e São Mateus, mas também na Zona Sul, deixando os donos de estabelecimentos nas periferias com medo. Por meio dela, há uma denúncia explícita da falta de segurança e vigilância por parte da polícia. A seguir, alguns trechos de destaque:

“**A violência é maior na Zona Leste**, principalmente em Guaianazes, na região onde a prefeitura construiu uma série de grandes conjuntos habitacionais (...)”

“Os moradores das imediações também reclamam da **falta de policiamento**. Com receio de se identificar, eles contam que “pelo menos 10 das moradias da Cohab já foram **invadidas por favelados e marginais**” (...).

“(...) **A clientela é muita e pobre** - as favelas cercaram tudo. Mas Paulo Yagi [comerciante] nunca teve problemas, pelo menos até o ano passado. Ele lembra: “Foi logo na virada do dia 28 de fevereiro, quando apareceu o Plano Cruzado (...). (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 8 de julho de 1987, grifo nosso).

Por meio dos trechos citados, ainda que no início da constituição do distrito, infere-se que a violência é associada à Zona Leste, principalmente onde estão os grandes conjuntos habitacionais. Ainda, há a questão das ocupações - lidas como invasões - nos prédios recém-construídos da Cohab e a referência de que os consumidores dos mercados são pobres, empobrecimento esse que parece ter se agravado após o Plano Cruzado.

Apesar disso, na mesma notícia, foram colocadas opiniões de especialistas com relação aos saques, sob o título de “Entre as causas, a crença na impunidade”, indicando, segundo sociólogos e cientistas políticos, que “a miséria e a fome talvez não expliquem a onda de saques em São Paulo” (Jornal O Estado de S. Paulo, 1987). Ao apontar que especialistas foram cautelosos em suas análises, por não contarem com informações mais detalhadas, destacam-se trechos do texto acerca dos saques:

“Bolivar Lamounier, por exemplo, acredita a violência à situação de “tensão social e deboche”. Já Leôncio Martins Rodrigues tem a impressão de que os saques estão sendo promovidos por grupos organizados. “É difícil imaginar que aconteçam sem uma liderança” (...) segundo Leôncio Rodrigues, a pequena ou inexistente vigilância policial; a hipótese de a população da periferia estar mais organizada; ou porque quem pratica um saque entende que é um ato legítimo, apoiado pela Igreja ou por grupos de esquerda (...) E muita gente cometeria uma violência por razões econômicas ou mesmo rancor, segundo o raciocínio de Lamounier (...) Mesmo assim, Lamounier acha que saques sempre ocorrem e somente em alguns momentos chamam mais a atenção da imprensa” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 8 DE JULHO DE 1987).

Esta passagem e a anterior podem nos revelar particularidades importantes para compreender os conteúdos do estigma, em uma perspectiva da reprodução midiática, a partir do recorte do distrito periférico em questão. Tais particularidades fazem parte de um panorama geral, merecendo destaque as de origem econômica e social.

Como pano de fundo, especificamente com relação ao ano de 1987, temos a menção ao Plano Cruzado, lançado no começo do ano de 1986, durante o governo de José Sarney, e que, meses depois, no ano seguinte, causou transtorno aos mutuários e moradores de Cidade Tiradentes, pelo reajuste nos contratos, aumentando o valor das prestações. Vejamos trechos da notícia intitulada “Mutuários levam contrato à Justiça”:

“A Associação e Comissão Popular da Cidade Tiradentes e a Federação das Associações dos Mutuários do Estado de São Paulo entraram na Justiça, ontem, com uma ação civil pública para obrigar a Cohab a refazer os contratos com os moradores e fixar a prestação dos imóveis com base no mês de fevereiro do ano passado - antes do Plano Cruzado - o que na prática significaria uma redução de mais de 100% no seu valor. (...) **De acordo com os moradores, o preço dos imóveis foi estabelecido, mas com o Plano Cruzado, a Cohab protelou a assinatura dos contratos até fevereiro passado.** Em julho de 86, porém, **para evitar que o conjunto fosse inteiramente tomado por invasores, a empresa começou a instalação dos mutuários (...)** A Cohab exigia para os mutuários que adquiriram apartamentos médios renda familiar de 2.400 cruzeiros por mês, mas quando os contratos foram assinados a renda familiar de alguns compradores estava alterada para mais (...) **e com o novo contrato, (...) a prestação de um apartamento médio, que deveria estar em torno de Cz\$ 1.080,00, está custando de Cz\$ 3.000,00 a Cz\$ 5.000,00**” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 17 de novembro de 1987).

Entende-se que os interessados no financiamento de unidades habitacionais nos prédios da Cohab, ou seja, indivíduos de grupos sociais de menor poder aquisitivo, não somente de Cidade Tiradentes, como de outros bairros que surgiram em paralelo, na Zona Leste, são resultado da desigualdade social o que também faz parte da lógica centro-periferia.

O trecho nos mostra que o Plano Cruzado, por mais contrária que fosse a intenção, após sua implantação, rendeu à parte dos agentes hegemônicos - no caso, a Companhia Metropolitana de Habitação (COHAB) -, uma estratégia, ainda sem entrar no mérito da intencionalidade da ação, que se consubstanciou em mais um empecilho para a garantia da moradia por parte dos cidadãos, uma vez que reajustou para mais as prestações.

A pressa para a instalação dos mutuários, devido ao risco de invasão, mostra-nos mais uma face da desigualdade, em que há sempre o mais periférico diante daquele que já é periférico.

Como essa e outras passagens podem auxiliar a compreender o estigma construído pela mídia, a partir de seu discurso? As notícias levantadas ao longo dos anos 1980 revelam um

pouco do que viria a ser Cidade Tiradentes segundo esse discurso. Foi, nos anos 1990, que as notícias acerca do distrito apareceram com mais frequência. Se desde 1984, anualmente, o número de matérias variava entre dois e cinco, já em 1989, o distrito aumentou a frequência de aparição, se comparado aos anos anteriores, variando de seis a nove ou mais matérias jornalísticas.

E não se trata somente da veiculação das notícias, desde a sua constituição, que se referiam aos acontecimentos negativos que lá ocorriam, mais especificamente aqueles voltados à crimes de diversos tipos, que puseram a passar a imagem de um lugar violento e perigoso. A frequência de notícias negativas associado à força do discurso, em tom repetitivo, igualmente prenunciavam e reforçavam o processo de estigmatização do bairro e de seus moradores.

Uma das mais impactantes matérias jornalísticas levantadas no acervo do Jornal O Estado de S. Paulo, em agosto de 1989, reitera a tendência do discurso jornalístico construindo e reforçando a estigmatização. Sob o título de “Cidade Tiradentes, sob o signo da rejeição”, uma página completa na seção “Cidades”, referia-se ao distrito com uma série de acontecimentos negativos. O colunista refere-se ao distrito como uma “bomba relógio” difícil de desarmar:

Figura 2 - Jornal O Estado de São Paulo. “Cidade Tiradentes, sob o signo da rejeição”. Agosto de 1989.

34 - O ESTADO DE S. PAULO

Cidades

DOMINGO, 13 DE AGOSTO DE 1989

# Cidade Tiradentes, sob o signo da rejeição

No bairro de 75 mil habitantes da Zona Leste de São Paulo o crime virou rotina e os moradores só pensam em uma coisa: sair de lá

MOACYR CASTRO

A Prefeitura armou uma bomba relógio e 40 quilômetros da zona leste e desobediência não é fácil desarmá-la. Nesse betão chamado Cidade Tiradentes, último bairro da Zona Leste de São Paulo, a violência é a primeira explosão conhecida. Além disso, as 11.502 moradias empilhadas em 181 prédios de apartamentos ou agrupados em 700 casas e 2.504 unidades estão prontas para desabar a cada chuva, pressas ao ameaçador pavio da erosão.

É o maior reduto de bandidos e invasores da Capital e sua "cidade" de 75 mil habitantes. Eles nem conseguem formar uma comunidade, porque todos têm um objetivo na vida: fugir de lá. A criminalidade é tanta nessa terra de ninguém que a primeira e única reivindicação comum às 32 sociedades de amigos de bairro do lugar é a construção de um velório. Nos últimos quatro meses, 60 pessoas foram assassinadas ali.

No corredor de entrada do centro comunitário da Prefeitura, o aviso de maior destaque alerta que é proibido organizar velórios em locais públicos. No entanto, familiares mais revoltados das vítimas desafiaram de arma na mão escolas e sociedades de bairro em busca de um espaço para velar seus mortos.

Essa cidade nasceu sob o signo da rejeição. Quando o ex-prefeito Ruybaldo de Barros começou a construção, em 1962, e seu sucessor Mário Covas convocou os insurretos na Cohan, todos os pretendentes rejeitaram o bairro. A cidade fantasma, porém, não ficou vazia. Os invasores tomaram o que puderam. Cinco anos depois, ela está ocupada e seus moradores adiam tentos, com medo, cada um para si e insegurança para todos.

Hoje, das 11.502 habitações seis mil ainda estão nas mãos

dos invasores, que vivem da incerteza de ser expulsos. Alguns têm rendimentos regulares e acertaram a vida na Cohan. Seus vizinhos são favelados e mutáveis antigos que aceitaram morar ali. Para estes, Cidade Tiradentes é um salto de qualidade na vida, mas, para outros, o conjunto é o último degrau na decadência provocada pela escalada vertiginosa nos preços do aluguel. São re-

voltados, desacomunados e tanta falta de recursos urbanos. Os marajais, cerca de cinco mil segundo a polícia, completam a convivência.

Bese conflito de interesses explode diariamente nas ruas sem nenhuma leveza, em vilas que ainda não receberam água nem luz, entre blocos de cimento que escondem um dos maiores índices de promiscuidade de São Paulo. A Cohan conta com a

média de sete moradores por habitação. É demais para quem vive em apenas 51 metros quadrados, quando chega a isso. O resultado é a existência de 32 sociedades de amigos de bairro, porque uma só é incapaz de representar interesses diversos.

A polícia chegou tarde ao bairro mais violento da cidade. As celas da delegacia estão sempre vazias e os bandidos, soltos.

Não há centros de lazer. No domingo, programar um passeio é uma tarefa difícil. Os ônibus de Cidade Tiradentes só chegam à estação do metrô de Itaquera. Direto para o centro de São Paulo, os ônibus só aparecem quando o metrô faz greve. Enqueram que uma "cidade" desse tamanho precisa de um pronto-socorro e um hospital. Além, eles ficam longe de tudo, até da saúde.

**A vida no bairro, por suas crianças**

As crianças da Cidade Tiradentes levam para a escola o trauma da violência vivida nas ruas e até em casa. Por sugestão da reportagem do Estado, alunos da 7ª e 8ª séries das escolas Vladimir Herzog e Maurício Goulart fizeram uma redação com os temas O meu bairro e A minha casa. A seguir os principais depoimentos:

"Os problemas de Cidade Tiradentes são muitos. É uma das maiores Cohan e não tem policiamento. As casas e prédios são mal construídos e têm muitos problemas de encanamento, piso, eletricidade etc. Pedeamos de policiamento e a atenção em dobro da Prefeitura, porque do jeito que está logo isso aqui parecerá um cortiço." (Alexandre, 16 anos)

"Eu gosto muito da minha casa, mas não do lugar onde está situada. Não sei se porque fica na esquina e já foi assaltada quatro vezes. Agora, no nosso ponto de vista, não há mais como entrar ladrões: a casa tem um muro alto, e nas janelas e na porta da sala tem grade de proteção. Mas tem um ditado que diz: 'Ladrão tem a chave de todas as fechaduras'." (Neemi Cristina, 7ª série)

"As pessoas de Cidade Tiradentes ficam sempre se perguntando o que está delegacia está fazendo aqui. Só pegam pessoas inocentes, em vez de procurar os bandidos. Eles matam na frente da delegacia, assaltam e eles não sabem nada, os ficam quietos

Menina brinca em terreno da Cidade Tiradentes: bairro não tem centro nem infra-estrutura e é reduto de criminosos

Paulo Lencina/AB

**Violência alia-se à impunidade**

**Família vive desiludida**

“A Prefeitura armou uma bomba relógio a 40 quilômetros da Praça da Sé e descobriu que não é fácil desarmá-la. Nesse petardo chamado Cidade Tiradentes, último bairro da Zona Leste de São Paulo, a violência é a primeira explosão conhecida (...) É o maior reduto de bandidos e invasores da Capital essa “cidade” de 75 mil habitantes. Eles nem conseguem formar uma comunidade, porque todos só têm um objetivo na vida: fugir de lá” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 1989).

Associada ao que parece ser um processo de estigmatização já consolidado, apesar do pouco tempo de formação do distrito, levando-se em conta o ano da notícia veiculada, a rejeição de que fala a matéria está evidenciada, primeiramente, pela alusão à violência de modo generalizado no texto analisado.

Isso porque, na matéria, é como se todos os acontecimentos negativos possuíssem associação com a violência e a criminalidade. Um exemplo pode ser o efeito, para o leitor, da contiguidade entre “bandidos e invasores”, na frase, quando na verdade, o invasor de que fala a matéria é o indivíduo mais periférico em relação ao morador do distrito, e que passou a ocupar apartamentos e prédios da Cohab, por não ter acesso à moradia. Completa:

“Hoje, das 11.562 habitações, seis mil ainda estão nas mãos dos invasores, que vivem da incerteza de ser expulsos. Alguns têm rendimentos regulares e acertaram a vida na Cohab. Seus vizinhos são favelados e mutuários antigos que aceitaram morar ali. Para estes, Cidade Tiradentes é um salto de qualidade de vida, mas, para outros, o conjunto é o último degrau na decadência provocada pela escalada vertiginosa nos preços do aluguel. São revoltados, desacostumados a tanta falta de recursos urbanos. Os marginais, cerca de cinco mil segundo a polícia, completam a convivência” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 13 de agosto de 1989).

Sem desconsiderar a violência como um fato nos anos recentes de constituição do recém-formado bairro onde, nos últimos quatro meses em relação à notícia analisada, 63 pessoas foram assassinadas (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 13 de agosto de 1989), a reprodução midiática constante das generalizações acerca da violência criou uma violência imaginada, paralela àquela real, e que afeta tanto os cidadãos residentes e/ou trabalhadores como os de fora do distrito, alterando suas práticas. A fala de um dono de supermercado no bairro afirma:

**“Até pouco tempo, nenhum caminhão de mercadorias chegava à Cidade Tiradentes, por causa dos assaltos”,** lembra. A violência não diminuiu, mas Ney confia apenas nos três números de telefones que dominam sua mesa - o do helicóptero da polícia, o do Centro de Operações da Polícia Militar (Copom) e o do Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic). **“Se eu precisar, espero que cheguem na hora, porque aqui a tensão é constante” E ele nunca foi assaltado**” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 13 de agosto de 1989, grifo nosso).

Ao difundir o medo através da repetição e do sensacionalismo, com consequências como inversões, a partir das quais, frequentemente, o particular assume papel de regra (SPOSITO;

GOÉS, 2013, p. 173), a mídia possui o duplo papel de veicular notícias com conteúdos estigmatizantes, assim como veicula essa imagem aos seus leitores.

Não convivendo com cidadãos do bairro e nem o vivenciando, em seu cotidiano, o leitor externo a ele constrói, em seu imaginário, uma visão geral negativa acerca do lugar e de seus moradores, sem que sempre essa visão esteja totalmente ancorada em fatos ou no peso que elas têm no conjunto do bairro e de seu cotidiano.

A constante tensão proporcionada pela repetição midiática, com enfoque apenas em certas áreas da cidade - no caso da metrópole de São Paulo, não somente Cidade Tiradentes como outras áreas da Zona Leste -, atribui apenas às áreas periféricas e seus sujeitos, os conteúdos da violência urbana. Desse modo,

“(...) a mídia procura formalizar o real, introduzindo certa ordem onde parecia haver caos, propiciando aparente conforto ao indicar aos telespectadores, atônitos frente à visibilidade da violência garantida pela própria mídia, horários (ou períodos) em que a violência ocorre, locais perigosos a serem evitados, sujeitos perigosos de que se proteger, ancorando, portanto, práticas tais como evitar certos bairros, não frequentar praças onde há consumo de drogas, não contratar funcionários tatuados etc., refletindo e exercendo forte influência nos processos de segregação socioespacial, tanto objetivos como subjetivos (ou simbólicos), que frequentemente a mídia também ajuda a transformar em estigmas territoriais” (SARAVI, 2008, apud SPOSITO e GÓES, 2013, p. 173-174).

Portanto, para Cidade Tiradentes, a estigmatização territorial, que exerce maior influência a partir de quem está fora do bairro, possui conteúdos que se associam, são reforçados e se constituem como permanências no que se refere ao estigma, embora o lugar tenha passado por importantes mudanças ao longo dos anos, incluindo a diminuição da violência: i) seu caráter periférico, que atribui o sentido de nos referirmos ao estigma como territorial e que aparece nas notícias como atributo negativo; ii) uma série de ausências e/ou insuficiências e precariedades no bairro, em decorrência da negligência da Prefeitura e dos agentes envolvidos, como a Cohab; iii) a generalização dos sujeitos periféricos e moradores de Tiradentes, a partir da veiculação de notícias, sobretudo, associadas à violência, invasões e criminalidade.

Apesar da diminuição dos índices de violência, a confirmação de que Cidade Tiradentes já começava a enfrentar as consequências da estigmatização em decorrência da mídia, que fez do bairro um lugar perigoso e violento, assim como seus moradores, é a manchete do ano de 1995, seis anos após a notícia analisada neste subcapítulo. Alguns trechos importantes merecem destaque e se associam aos três pontos assinalados anteriormente:

Figura 3 - Jornal O Estado de São Paulo. “Cidade Tiradentes enfrenta o preconceito”. Março de 1995.

O ESTADO DE S. PAULO

# Cidades

DOMINGO, 12 DE MARÇO DE 1995

**Cidade Tiradentes enfrenta o preconceito**

A 40 km do Centro, bairro da Zona Leste nascido há 12 anos tornou-se uma espécie de síntese do que a cidade tem de pior, mas essa imagem, apesar dos muitos problemas, não faz justiça ao lugar e a seus moradores

CLAUDIA FONTOLRA

Cidade Tiradentes, a 40 quilômetros do Centro, não é um lugar bom de se morar, mas é um lugar onde mora muita gente boa. O bairro da Zona Leste é um mito paulistano. Todo mundo já ouviu falar mal do lugar. Para muita gente, o bairro é uma “boca quente”. Ninguém vai lá passear. Não há nada além dos milhares de habitantes que se distribuem em prédios, casas e barracos e se espremiam nos ônibus.

As vendas esburacadas que têm nomes de categorias profissionais desenharam o bairro-dormitório que nasceu em 1983, na gestão do prefeito Mário Covas. Concluído três anos depois, Tiradentes foi entregue à população pelo prefeito Jânio Quadros. Praças e áreas verdes parecem ter sido negociadas pelas arquitetas que pensaram os conjuntos habitacionais da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (Cohab). Transporte, saúde, educação e segurança também são foram lembradas mais tarde. “É um aglomerado de pessoas que foram empurradas para lá sem que houvesse a menor infraestrutura”, define o administrador regional de Guaiunases, Adilson da Silva, responsável pela área.

A população de Tiradentes é pouco mais de 450 mil habitantes. “É tão grande quanto Sorocaba”, compara Silva. A estimativa da Cohab, contando quai-

tro moradores em cada um dos 36.074 apartamentos, aponta para um total de 130 mil habitantes.

A suspeita de que integrantes do Comando Vermelho carioca teriam tentado se infiltrar em São Paulo pelo bairro já não existe mais, mas a fama de lugar violento se mantém. Grandes lojas da cidade, como o Mappin, torcem o nariz quando na hora da compra, o consumidor pede que o produto seja entregue em Tiradentes (...). As entregas são feitas apenas se o comprador morar fora da região que a loja chama de “área de risco”. “Quando a pessoa mora em prédio e a rua tem nome direitinho a gente faz a entrega”. Segundo os moradores, as entregas são feitas em caminhões sem o logotipo da loja.

A violência está presente em Cidade Tiradentes como em outros bairros de São Paulo. “É melhor do que muitos lugares da Zona Sul”, diz o coronel Roberto Lemes, da divisão de Comunicação Social do Comando

da Polícia Militar (Copom). Segundo as estatísticas do Copom, ocorrem três homicídios por mês em Tiradentes. “Nos últimos três meses, nove pessoas morreram assassinadas”, informa o major Marciano, do Copom. A comparação mostra que Cidade Tiradentes está longe de ser a campeã em homicídios. No Parque América, em Parelheiros, Zona Sul, a PM registrou 41 homicídios no mesmo período.

O trabalhador não tem medo de morar no bairro, ao contrário do que ocorre no Morumbi. “Aqui há muito medo”, diz o capitão Ailton Nogueira de Mello, da 1ª Companhia do 19º Batalhão da PM. Ladrão que mora em Tiradentes só rouba fora do bairro. O morador se adapta às regras do bairro e ninguém pode falar nada”, avalia Cláudio Francisco, fiscal de trânsito na Avenida dos Metalúrgicos.

Para os moradores, as maiores dificuldades são a distância do Centro, a falta de metrô, hospital e áreas de lazer.

■ Mais informações nas páginas 8 e 9

**BENVINDO A CID. TIRADENTES**

**BAIRRO TEM MENOS CRIMES QUE OUTROS**

**ONDE FICA**

**Pórtico na entrada de Cidade Tiradentes: chegam a contar 450 mil habitantes, mas só tem 130 mil**

Acervo: Jornal O Estado de S. Paulo, 12 de março de 1995.

“A 40 km do Centro, bairro da Zona Leste nascido há 12 anos tornou-se uma espécie de síntese do que a cidade tem de pior, mas essa imagem, apesar dos muitos problemas, não faz justiça ao lugar e a seus moradores”

“Cidade Tiradentes, a 40 quilômetros do Centro, não é um lugar bom de se morar, mas é um lugar onde mora muita gente boa. O bairro da Zona Leste é um mito paulistano. Todo mundo já ouviu falar mal do lugar. Para muita gente, o bairro é uma “boca quente”. Ninguém vai lá passear. Não há nada além dos milhares de habitantes que se distribuem em prédios, casas e barracos e se espremiam nos ônibus”.

“A suspeita de que integrantes do Comando Vermelho carioca teriam tentado se infiltrar em São Paulo já não existe mais, mas a fama de lugar violento se mantém”.

“Grandes lojas da cidade, como o Mappin, torcem o nariz quando na hora da compra, o consumidor pede que o produto seja entregue em Tiradentes (...) As entregas são feitas apenas se o comprador morar fora da região que a loja chama de “área de risco”.

“A violência está presente em Cidade Tiradentes como em outros bairros de São Paulo. “É melhor do que muitos lugares da Zona Sul”, diz o coronel Roberto Lemes, da divisão de Comunicação Social do Comando da Polícia Militar”.

“Segundo as estatísticas do Copom, ocorrem três homicídios por mês em Tiradentes. “Nos últimos três meses, nove pessoas morreram assassinadas”, informa o major Marciano, do Copom. A comparação mostra que Cidade Tiradentes está longe de ser a campeã em homicídios. No Parque América, em Parelheiros, Zona Sul, a PM registrou 41 homicídios no mesmo período” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 15 de março de 1995, grifo nosso).

Os excertos revelam uma oposição em relação às notícias que vinham sendo veiculadas acerca de Cidade Tiradentes e de seus moradores. A estigmatização territorial sofrida em um breve e surpreendente período foi o suficiente para, segundo a matéria, o bairro se tornar um “mito paulistano”, que associa a má fama tanto ao lugar onde se estabeleceu, quanto de quem nele vive.

Ainda, revela que, diante de fatos como o de que o bairro, na época, não era o campeão de homicídios e muito menos uma síntese do que a metrópole teria de pior, a mídia se constitui como uma das principais ferramentas de implementação e manutenção da estigmatização territorial.

Índices comparativos e relativos a outros recortes espaciais, levando em conta índices de violência urbana, auxiliam a interpretação dos fatos de maneira menos parcial, se comparados às notícias monotemáticas e repetitivas que vinham sendo veiculadas - não excluindo o fato de que elas se seguiram nos próximos anos.

Quanto à generalização de sujeitos periféricos, assim como a própria generalização existente com relação às periferias, citada no terceiro item dos conteúdos do estigma territorial, o trecho retirado da matéria afirma que “Não há nada além dos milhares de habitantes que se distribuem em prédios, casas e barracos e se espremem nos ônibus” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 15 de março de 1995).

Por generalização, e até mesmo, neste caso, banalização, o trecho leva a entender que Cidade Tiradentes, por possuir muitos habitantes e por eles trabalharem em outras áreas urbanas, tem a função exclusiva de ser o lugar onde eles moram, não possuindo estes moradores outras necessidades, como estudar, ter vida social, política e cultural, portanto, diferentes cotidianos e práticas, tampouco identidades. É interessante indagarmos o porquê da mesma visão reducionista não se aplicar a áreas com a mesma densidade populacional.

Esse distanciamento entre o distrito e os sujeitos, - ao mesmo tempo em que são unidos pelos conteúdos negativos veiculados -, pode ser um reflexo do não conhecimento da identidade e realidade dos moradores periféricos, relacionada inclusive a todas as dimensões da vida cotidiana vividas e experienciadas por eles. As notícias analisadas fazem, portanto, parte de uma lógica de observação externa e distante do distrito e de seus moradores, por quem as escreve e que é destinada igualmente aos leitores de fora.

Ambos os distanciamentos - de quem escreve e para quem se escreve - constituem certa intencionalidade que leva, mais uma vez, a um ciclo de reprodução da estigmatização territorial. A interpretação e a análise de acontecimentos, realizados a partir de uma única perspectiva

sensacionalista e parcial - a cobertura midiática - colabora para a realidade virtual de Cidade Tiradentes e de seus moradores, impedindo que protagonizem suas próprias experiências urbanas cotidianas.

Como veremos no capítulo seguinte, essa perspectiva parcial da cobertura midiática possui rebatimento, não somente na percepção de quem está de fora do distrito, como também contribui para as percepções e situações pelas quais os moradores de Tiradentes passaram a presenciar, em suas vivências cotidianas locais e atreladas à metrópole, em decorrência da estigmatização territorial, relacionada igualmente à condição periférica desses sujeitos.

### 3. Sujeitos periféricos e estigma territorial

O objetivo deste capítulo é o de, ao considerar a trajetória de constituição de Cidade Tiradentes, no espaço e no tempo, analisar e sistematizar como é que seus moradores - sujeitos periféricos - decodificam o estigma territorial. A partir de suas perspectivas, sem deixar de mencionar a influência externa na construção de suas percepções - tendo em vista a influência midiática acerca do tema -, coloca-se em evidência, mais uma vez, a relação entre o estigma territorial e a condição periférica.

Assim, a fim de compreender as percepções acerca do estigma e suas possíveis consequências para os moradores, foram realizadas entrevistas com cidadãos do distrito, a partir de roteiro semiestruturado<sup>3</sup>. Abrangendo as cinco dimensões - habitar, consumir, trabalho, consumo e lazer -, cada qual com seu bloco, as falas analisadas das entrevistas se deram, sobretudo, com relação à dimensão do habitar. Os cidadãos-alvo das entrevistas, foram jovens, a partir de 18 anos, e adultos de diferentes idades, o que propiciou apreender diferentes representações acerca do distrito. Abrangeram, ainda, cidadãos com diferentes rendas e tipo de habitat, sendo eles, majoritariamente, os conjuntos habitacionais e as áreas em que predominam habitações autoconstruídas.

Isso porque, foi possível apreender falas que remetessem ao estigma territorial sentido pelos moradores - apesar de todas as entrevistas realizadas terem sido analisadas em sua totalidade -, por meio das falas a partir de perguntas consideradas centrais para o nosso estudo. São elas: i) O que gosta no bairro; ii) O que não gosta no bairro; iii) O que as pessoas pensam sobre o bairro; iv) Se considera o bairro inseguro; v) Se considera sair/se mudar de Cidade Tiradentes.

Esse conjunto de perguntas, embora não tivessem como objetivo, no momento da entrevista, decodificar o estigma segundo os sujeitos, revelaram pistas importantes para a sua compreensão, e que estão associadas, como demonstrado no capítulo anterior, às ausências e precariedades e à percepção de Cidade Tiradentes como um lugar violento, perigoso e também inseguro.

Além disso, retomam alguns aspectos relacionados ao sentimento de pertença e identidade em relação ao distrito, revelando também mudanças na decodificação do estigma territorial em uma perspectiva periférica dos sujeitos.

---

<sup>3</sup> O roteiro semiestruturado foi elaborado levando em conta a apreensão do processo de fragmentação socioespacial pelos cidadãos, em vista dos objetivos do Projeto FragUrb, e está anexado ao fim desta monografia (Item 7). As entrevistas foram realizadas e transcritas pela equipe, ação da qual participamos, de modo remoto, entre os anos de 2020 e 2021, em decorrência da pandemia de Covid-19. O nome verdadeiro dos entrevistados foi preservado.

Inferiu-se que as diferenças e semelhanças vividas pelos sujeitos relacionadas à estigmatização territorial, possuem um conteúdo geracional, ou seja, esse processo, para os primeiros moradores, deu-se de modos diferentes em relação aos jovens moradores, sejam eles filhos dos primeiros moradores, ou mesmo aqueles que passaram a residir no distrito mais recentemente.

Portanto, por meio da análise das 23 entrevistas realizadas<sup>4</sup>, considerando os trechos pertinentes ao tema desta monografia, este capítulo é dedicado a compreender como os sujeitos entrevistados decodificam o estigma territorial, a partir do tempo de vivência no bairro e, conseqüentemente, suas faixas etárias. Além da influência da faixa etária na decodificação, serão analisados os elementos que possuem relação, no caso de Cidade Tiradentes, com a estigmatização territorial.

Para o desenvolvimento deste capítulo, é relevante a conceituação do que se entende por sujeitos periféricos. Adotamos as reflexões de D'Andrea (2020), que parte de um conjunto de elementos, associados a contextos específicos relacionados à periferia, os quais unem de certa forma os cidadãos. Por meio de mudanças decorrentes das décadas de 1980 e 1990 - e que serão melhor detalhadas no subcapítulo seguinte -, são apontadas cinco pré-condições na formação de sujeitos periféricos, e que abrangem tanto sujeitos populares, como os periféricos (D'ANDREA, 2020, p. 30):

1. Assujeitamento às condições: toda sorte de situações sociais que sujeitam o indivíduo e existem para além de sua vontade.
2. Formação de subjetividades: a partir de relações sociais produzidas em dadas condições geográficas, sociais e históricas, calcadas em experiências basilares de socialização na família, no bairro e na escola, é formadora de um dado habitus (Bourdieu, 2005) territorial que se entrelaça com a experiência racial, de gênero e de classe.
3. Códigos culturais compartilhados: são experiências e modos de vida comuns que produzem uma linguagem compartilhada, em contraposição a linguagens típicas e características de outros territórios.
4. Consciência de pertencimento: elaboração intelectual que permite a compreensão de uma posição urbana compartilhada a partir de um dado território (esse processo não abarca a totalidade da população).
5. Agir político: ato de apoderar-se da própria história, tornando-se sujeito político a partir da ação em prol do território (esse processo não abarca a totalidade da população) (D'ANDREA, 2020, p. 31).

O assujeitamento às condições que existem para além de sua vontade, de que fala o autor, está baseada para nós, no processo de segregação socioespacial por que passaram os cidadãos, partindo da situação espacial periférica, relativa às áreas centrais, o que implicou em uma série de dificuldades na vida urbana cotidiana.

---

<sup>4</sup> O quadro de caracterização geral das entrevistadas e entrevistados encontra-se no item 7.2 desta monografia.

A experiência racial, de gênero e classe contempla, para Cidade Tiradentes, trajetórias dos sujeitos que tiveram elementos em comum, dados os diferentes contextos pelos quais passou o distrito, e que agruparam duas diferentes gerações de moradores e o que experienciaram nesta perspectiva.

Os códigos culturais compartilhados, conjuntamente com a consciência de pertencimento, exploradas nesta monografia, como debateremos a seguir, fazem parte não somente da condição periférica, mas de contextos de luta pelo espaço e que levaram os moradores a compartilhar experiências em comum, seja a identidade com o bairro a partir da conquista da casa própria, seja a partir dos equipamentos de lazer e cultura.

Algumas falas dos primeiros e dos jovens moradores contemplarão a quinta condição colocada por D'Andrea (2020), e que, para os cidadãos de Tiradentes, associa-se com a apropriação do lugar onde vivem pela exaltação às transformações positivas que ocorreram com o tempo, bem como a apropriação positiva do que os moradores entendem por ser periférico, com todas as suas contradições.

Considerando os elementos referentes à construção da identidade, por meio de contextos históricos que levaram à existência de trajetórias em comum, por fim, são apontadas por D'Andrea, 13 características próprias de sujeitos e sujeitas periféricas, que embasam a sua ação política, e mais uma vez, associam-se às circunstâncias particulares, decorrentes dos anos 1990 (D'ANDREA, 2020, p. 31):

1. **Utilização de periferia como classe:** periferia passou a ser utilizada como totalidade abarcadora de distintas localidades com situações sociais próximas, sendo uma expressão de classe trabalhadora em um momento histórico em que se necessitava de uma categoria unificadora, mas o trabalhador se fragilizava como categoria de representação.
2. **Periferia, periférica, periférico e favela como posicionamento político-territorial:** por mais que esses termos tenham sido empregados por alguns grupos nos anos 1970 e 1980, é incontestável que sua disseminação ocorreu nos anos 1990 e 2000.
3. **Organização em coletivos:** o coletivo como forma organizativa passou a se disseminar.
4. **Arte e cultura política:** atividades artísticas e culturais adquiriram maior peso na e como atuação política.
5. **De objeto de estudo a sujeito do conhecimento:** o acesso à universidade possibilitou que a população periférica questionasse o papel de objeto de estudo que lhe era relegado, passando então a produzir conhecimento.
6. **Sistematização da própria história:** possibilidade de acesso a recursos técnicos e tecnológicos, somada ao crescimento de atividades culturais, jornalísticas e ao ingresso na universidade, permitiu que essa geração sistematizasse sua experiência histórica.
7. **Fim da necessidade de mediadores:** por uma série de circunstâncias, essa geração passou a prescindir de mediadores na política, na academia, no jornalismo, na arte, entre outras esferas, passando ela mesma a se representar.
8. **Do estigma ao orgulho:** nas últimas três décadas houve um processo social de combate aos estigmas, preconceitos e vergonhas com relação ao local de moradia. Periferia e favela passaram do estigma ao orgulho, da fragilidade à potência.

9. **Relevância dos debates sobre opressões raciais e de gênero:** essa geração passou a debater de maneira mais sistemática as opressões raciais e de gênero, colocando tais discussões em outro patamar.

10. **Consciência ecológica e por direitos de LGBTs:** a luta contra a destruição do planeta passou a ter mais reverberação, assim como a luta empreendida pela população lgbt por direitos e visibilidade. Vale destacar como a cultura produziu intelectuais orgânicos dessa luta, como Linn da Quebrada.

11. **Diferença como bandeira:** o direito à diferença é uma pauta que ganhou relevância, em contraposição à luta por igualdade, preponderante na geração anterior.

12. **Era digital:** intensificação do uso de meios digitais e tecnológicos.

13. **Agentes e processos sociais distintos:** essa geração interagiu com distintos processos sociais, como o neoliberalismo, o lulismo e o conservadorismo, e com agentes sociais como as ongs, o pcc e os evangélicos (D'ANDREA, 2020, p. 31-32).

A síntese que traz o autor, relativa a um movimento que passou a ocorrer nas periferias, nas últimas décadas, faz parte das transformações das representações dos moradores sujeitos periféricos de Cidade Tiradentes quanto à identidade, associada ao local de moradia.

Tal fato possui relação com a categoria unificadora citada no primeiro ponto, e com trajetórias semelhantes dos moradores. Isso afirma-se por meio das condições de desigualdade socioeconômica, da segregação, das opressões raciais e de gênero, associadas à condição periférica, e que passaram a engendrar lutas políticas que difundiram a apropriação dos termos periferia e periférico, colaborando, cada vez mais, para as organizações coletivas frente aos desafios enfrentados.

Em suma, as treze precondições adotadas para este capítulo, são essenciais para a compreensão de que as falas dos entrevistados fazem parte de um conjunto de processos maiores atinentes à subversão do que se entende por periferia e suas contradições, e que, implícita ou explicitamente, aparecem nos relatos dos moradores. As contradições, igualmente exploradas nesta monografia, são relevantes para a compreensão da relação entre a condição periférica dos sujeitos e o estigma territorial, e que fazem parte da decodificação desse processo pelos moradores, como veremos adiante.

### 3.1 O estigma territorial segundo os sujeitos

Como brevemente abordado, assume-se que, no caso de Cidade Tiradentes e de seus moradores, o estigma territorial possui como elemento importante, senão essencial de sua constituição, o caráter periférico do bairro e, em decorrência dele, a condição urbana a que estão submetidos seus moradores. Vamos ao encontro do conceito de sujeitos e sujeitas periféricas (D'ANDREA, 2020), para abranger as generalidades e particularidades dos moradores da periferia.

O conceito tomado para esta monografia surge, segundo D'Andrea (2020), ao final dos anos 1980 e decorrer dos anos 1990, em que ocorreram mudanças na sociedade brasileira, que se refletiram nas periferias. Conjunturalmente, assume-se que:

“Em primeiro plano, as formas de produção capitalistas se modificaram. O aumento do desemprego e o ataque aos direitos trabalhistas enfraqueceram os sindicatos. Houve também uma crise nas formas clássicas de participação. O desalento com relação ao Estado e às formas de representação baseadas em eleições abalou a legitimidade dos partidos políticos. Os movimentos sociais perderam força. No caso dos territórios populares, a desarticulação das CEBs acentuou essa fragilidade. A esses fenômenos somou-se o aumento da pobreza e da violência. Dado contexto produziu novas formas de organização política, engendradas por protagonistas aqui conceituados como *sujeitas e sujeitos periféricos*” (D'ANDREA, 2020, p. 13).

Este movimento, ocorrido entre os anos 1980 e 1990, que fez surgir novas formas de organização política, realizadas por lideranças e moradores da periferia, dá à luz a uma nova concepção do que é ser periférico, dando a esses sujeitos sociais a oportunidade do protagonismo, incorporando, assim, particularidades identitárias e que fazem parte dos processos ocorridos.

Embora se tenha notícias acerca da construção de equipamentos culturais e a ocorrência de eventos no ano de 1994 (ACERVO ESTADÃO, 1994), o que favorece a tomada de consciência dos “sujeitos periféricos” sobre suas vidas urbanas, isso não significou mudança radical de suas condições. O protagonismo e o início da construção da identidade, no caso dos moradores de Cidade Tiradentes, foram ainda marcados pela prevalência estigmatizante dos conteúdos que se associavam à periferia.

Por isso, a relevância de se levar em conta, sobretudo, as vivências a partir das falas desses cidadãos, o que ora se assemelham às notícias analisadas, - principalmente no que se refere à questão da infraestrutura -, ora desmistificam a ideia parcial veiculada acerca do perigo e da violência.

Ao longo da sistematização das entrevistas realizadas, percebeu-se que as trajetórias de vida individuais dos sujeitos no bairro, acabavam por desembocar em trajetórias coletivas, pela similitude das falas e da memória construída, e que muito tinham a ver com o momento em que passaram a residir no bairro, as condições em que ele se encontrava e, consequentemente, as experiências cotidianas que compartilharam.

A análise detalhada que uma metodologia qualitativa como a das entrevistas proporciona, levou-nos à apreensão de que existem, nas falas, vivências que se assemelham a partir de diferentes gerações que residem no bairro. Para a finalidade desta pesquisa, entendemos geração, de acordo com Turra Neto (2008, p. 393), como “um conceito que emerge

no quadro do debate sobre juventude para salientar a diferença entre os grupos de idade e entre jovens de períodos diferentes”.

O enfoque não deve estar tanto atrelado à faixa etária dos moradores do distrito, e sim ao tempo em que estão residindo nesse bairro. No entanto, inevitavelmente, a geração tem um peso, visto que os primeiros moradores possuem mais idade do que os jovens moradores. Apesar do agrupamento feito para esta monografia, é importante salientar que, em ambos os grupos, em que sejam pesadas as tendências centrais, há interpretações diferentes acerca de determinados assuntos.

A divisão geracional, a partir do estigma territorial, deu-se, no caso dos primeiros moradores, pela forte percepção e vivência no bairro em decorrência da ausência e precariedade de infraestrutura, dos equipamentos e serviços urbanos, seguido dos índices mais elevados de violência do que os atualmente presenciados, acompanhados do forte sensacionalismo midiático. Ao mesmo tempo, a conquista da casa própria e a saída do aluguel, mesmo em um lugar onde, inicialmente, nada havia, exerce certa unidade geracional entre os primeiros moradores. Assim,

Para fazer parte de uma unidade de geração, mais que experimentar os mesmos problemas decorrentes da sua situação de contemporaneidade no tempo e no espaço, como um grupo etário, é preciso considerar as formas específicas de elaboração dessa experiência. Ou seja, a unidade de geração envolve uma “[...] identidade de reações, uma certa afinidade no modo pelo qual todos se relacionam com suas experiências comuns e são formados por elas” (MANNHEIM, apud TURRA NETO, 2008, p. 394).

No caso dos jovens moradores, como veremos, existe uma relação diferente com o distrito, no que se refere, sobretudo, à infraestrutura, aos equipamentos e aos serviços e à sua apropriação por eles. Além disso, quando se trata de jovens, filhos de moradores mais antigos, a memória se apresenta como um forte recurso de reforço aos atributos relacionados ao bairro, embora seus usos e apropriações se deem de modos diferentes dos primeiros moradores.

Posto isso, a distinção entre os primeiros moradores e os jovens moradores pode nos auxiliar na compreensão da decodificação do estigma territorial, a partir de suas próprias experiências, e que tem a ver com uma série de permanências e mudanças ao longo do tempo residindo no distrito, além da compreensão de como o estigma é sentido a partir de uma perspectiva de práticas e vivências dentro e fora de Cidade Tiradentes, como pretendemos discorrer nas próximas seções.

### 3.1.1 Os primeiros moradores

Um dos elementos cruciais para a compreensão da decodificação do estigma territorial a partir dos primeiros moradores é o fato de que, por meio do sorteio da Cohab para a aquisição do imóvel próprio, ou mesmo a partir da ocupação dos prédios, como ocorreu, passaram a habitar um novo lugar, onde prevalecia uma série de ausências e precariedades.

Existe, na fala dos entrevistados, a contradição vivida entre a conquista da casa própria e a menção às ausências e/ou insuficiências, logo na constituição do bairro. Essa dualidade apareceu nas narrativas dos entrevistados, a partir de questões diferentes que compunham o roteiro:

**[Descreva com suas palavras como é Cidade Tiradentes]** “Geograficamente, é o maior conjunto habitacional da América Latina. Para mim, tem um valor além de moradia digna, tem um valor emocional, Cidade Tiradentes foi a primeira vez que eu tive um banheiro dentro de casa, foi aqui que eu me construí cidadã, minha autoestima aqui no bairro melhorou muito, porque é a primeira vez que eu tenho uma casa organizada, não durmo com os ratos, baratas...e o valor tanto financeiro do bairro que me propiciou uma estrutura financeira, por não pagar mais aluguel, também me propiciou dignidade e autoestima” (Ludmila, 47 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 35 anos).

**[O que significou para você, sair da casa alugada lá em Santana e conseguir comprar esse apartamento?]** Eu acho que é uma conquista para a gente, porque quando você paga... aluguel você paga hoje e amanhã já está devendo. E aqui não, aqui a gente não paga, a gente comprou, continua pagando a prestação, mas é uma coisa nossa, é uma conquista que vai conquistando a cada dia. Você está pagando, mas está pagando uma coisa que futuramente vai ser seu, então para a gente é uma conquista (...) Eu e minha esposa andamos em bastantes bairros caçando um lugar para a gente comprar, mas eram mais caros e aqui, tudo o que eu tinha dava para comprar aqui e compramos. Foi isso aí, a gente veio, se agradou do lugar e o que a gente tinha podia comprar naquele momento, era aquilo lá e a gente veio (Euclides, 54 anos, morador do bairro há 23 anos).

**[Por que a senhora escolheu este bairro para morar?]** Eu não escolhi. Eu morava em um lugar maravilhoso, que era cinco minutos a pé do metrô Jabaquara. Eu morava ali há cinco minutos. Era descer do metrô e já estava praticamente dentro da minha casa. Mas eu pagava aluguel. Eu pagava aluguel e aí eu já havia feito uma inscrição da Cohab, e pela inscrição na época em que eu fiz, era para eu morar no bairro de Artur Alvim, que fica próximo a Itaquera e tal, um lugar super bacana de morar. Mas infelizmente, quando chegou minha vez, quando fui sorteada e tal, vim parar aqui. Eu, solteira, órfã de pai e mãe. Iria fazer o que? Tinha de agarrar a oportunidade que Deus estava me dando, de ter uma casa própria. (Maria Odete, 65 anos, moradora do bairro há 40 anos).

Por ocasião dos sorteios ocorridos para a aquisição de apartamentos no bairro recém-formado, em Cidade Tiradentes, verificou-se como foi valiosa a possibilidade de sair do aluguel rumo à estabilidade financeira, para os entrevistados e suas famílias. Ainda que significasse abdicar de maior proximidade de seus locais de trabalho, por exemplo, a aquisição de imóvel próprio possui o significado de conquista, e que tem relação direta com a identidade e a

autoestima para esta geração. Em oposição, aparece com intensidade nas falas dos entrevistados, a ausência de meios de transporte, equipamentos públicos e toda a infraestrutura necessária que teria que ter sido provida por ocasião da ocupação das habitações.

**[Vocês foram para aí no começo de Cidade Tiradentes?]** No começo! Não tinha nada aqui, não tinha nada. Não tinha escola, hospital, nada (Ludmila, 47 anos, moradora de Cidade Tiradentes).

(...) Vim, com trancos e barrancos, sofri muito, porque esse bairro, só pela misericórdia do senhor, um bairro assim, com muitas dificuldades (Maria Odete, 65 anos, moradora do bairro há 40 anos).

(...) Eles invadiram, construíram e jogaram o povo para cá, colocaram a gente aqui sem escola, sem creche, transporte, sem nada. Para trabalhar, eu tinha que andar 8 km, para pegar um ônibus que saía do Prestes Maia, que foi a primeira Cohab feita, então só lá tinha ônibus quando eu vim para cá. Foi uma época terrível, eles se livraram do pobre, mas nós começamos a lutar, a lutar por esse local, ele está bem desenvolvido agora (...) (Hélio, 56 anos, morador de Cidade Tiradentes há 38 anos).

Nas entrevistas com os primeiros moradores, existe sempre esta conexão entre o que viveram e experienciaram no bairro, no passado, e as mudanças que ocorreram depois. Com relação à evolução dos meios de consumo coletivo (infraestruturas, equipamentos e serviços públicos), os quais tem a ver com a identidade a partir da habitação, os entrevistados citam as transformações como parte da melhoria na qualidade de vida do bairro e apontam relação direta entre essas mudanças e os governos municipais de esquerda:

(...) entrou um governo popular, as quadras de futebol estão todas pintadinhas, os *playgrounds* são estruturados, é feita uma manutenção... colocam-se aqui, para nós, aquela academia ao ar livre, luz *led* para iluminar, você vai no posto de saúde, tem remédio, tem médico, enfim. (...) se você vier para cá como agora, agora vamos para cinco anos de um governo impopular, para ter uma praça construída, alguma coisa feita, tem que brigar muito, e é muito mesmo, tem que encaminhar, ir até a Câmara brigar por emenda parlamentar (...) Existem duas Cidade Tiradentes, uma quando é o PT que está no poder, outra, quando não é o PT que está no poder, infelizmente (...) (Hélio, 56 anos, morador de Cidade Tiradentes há 38 anos).

(...) Quando tem governos do PT, eles arrumam bem, então tem bastantes espaços com aquelas peças de fazer exercício, não lembro os termos corretos. Aqui, onde estou, na rua de baixo tem umas peças daquelas, na minha esquerda tem e na minha direita tem, perto do ecoponto, aqui perto de casa, tem um ecoponto e aquela máquina de exercício (Marialva, 54 anos, moradora de Cidade Tiradentes).

A negligência do poder público e, sobretudo das gestões dos governos, principalmente, quando se trata das consideradas de direita, é marcante para os moradores com relação aos equipamentos por eles utilizados, com relação à deterioração ou abandono. Entretanto, pouco se observou, nas falas dos primeiros moradores, negligência relacionada ao policiamento ou à segurança no bairro, e que envolveria outros agentes.

A insuficiência ou deterioração de meios de consumo coletivo, bem como a descontinuidade em sua manutenção, a depender das gestões governamentais, reforça o estigma territorial relacionado às ausências debatidas no capítulo anterior, e que tem a ver com a constituição do bairro. Além disso, ajuda a explicar o não uso de certos espaços no distrito, retomando a questão da insegurança nas ruas.

Sobre o tema, e que se relaciona com a pergunta sobre considerar ou não o bairro inseguro, há, dentre os moradores, convergências e divergências. Comentam:

Depende do seu posicionamento, do que você faz no bairro, como você entra nos lugares. Eu entro nos alojamentos e favelas que têm aqui tranquila, respeitando todo mundo, não tem o menor problema. Eu não ando por aí de madrugada, correndo risco, como eu correria em qualquer outro lugar que eu estivesse. Eu não estou na Suíça, então acho que a sua postura, o respeito que você tem pelo outro, não se meter onde não é chamada e por aí vai (...) Acho que é o Brasil, essa segurança que não tem no Brasil, mas quando ouço falar "fulano morreu", eu fico até abismada, porque não vejo nada disso em Cidade Tiradentes (...) Nunca fui assaltada, nunca fui assaltada no centro da cidade, nunca tive nenhuma briga (Ludmila, 47 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 35 anos).

A gente ouve alguns comentários dos outros, mas é que nem eu falo para você, você sabendo viver, você pode viver em qualquer lugar. Eu acho que não tem bairro ruim, eu acho que é você que faz a convivência, tem que saber conviver, se você vai morar em um lugar ruim, mas você é uma pessoa boa e não vai se envolver com coisa ruim. Então para mim, eu acho que não tem, eu não tenho esse preconceito (Euclides, 54 anos, morador de Cidade Tiradentes há 23 anos).

(...) Eu lembro uma vez que nós fomos em um show ali da Nação Zumbi, eu e meu esposo, minha filha. O show foi a noite, o pessoal falou: Você é louca? Ir em um show ali a noite. Você não tem medo? Eu falei: Gente, se o artista sai de onde ele sai para vir fazer um show aqui. Acho que a maior preocupação seria o artista, não é? Porque o artista tem uma carreira, uma vida pública, e ele veio... (Eliete, 38 anos, moradora da Vila Cosmopolita, divisa entre Cidade Tiradentes e Guaianases, há 62 anos).

As falas dos entrevistados convergem na medida em que não somente não percebem o bairro como inseguro, como também avaliam que Cidade Tiradentes não se constitui como o antro da insegurança e violência, - visão potencializada pela mídia nos anos iniciais de constituição do bairro.

Ainda, associam a insegurança aos tipos de práticas espaciais individuais realizadas e se desprendem da visão estigmatizante do bairro como tal, apontando que a insegurança existe, também, em outros bairros. Além disso, ao longo das três entrevistas, relatam nunca terem passado por nenhum acontecimento associado a crimes, roubos ou violência.

Embora os primeiros moradores estejam agrupados nesta primeira geração, algumas percepções acerca da insegurança diferem, certamente, pelas diferentes experiências vivenciadas no bairro. Assim, alguns dos cidadãos apontam a insegurança que sentem no bairro e em outros lugares:

(...) eu acho que o problema maior aqui está sendo a segurança nos arredores aqui. Tem um lugar chamado Barro Branco, que o pessoal sai muito cedo para trabalhar, a iluminação está muito defasada, então constantemente você escuta falar que o pessoal está sendo assaltado, é um lugar que precisa de muita ajuda do governo, porque é um lugar de extrema necessidade, entendeu? Eu acho que tinha que ter uma visão maior para esse lado, Barro Branco (Palmira, 60 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 38 anos).

Eu não acho nenhum lugar seguro, não é seguro porque às vezes você... nunca aconteceu comigo, mas a gente ouve falar que estão na rua e passa moto, e o motoqueiro pega a bolsa da mulher, ou o motoqueiro bate, ou pega o celular. Então é um bairro comum, igual a todos os outros, e em São Paulo, ultimamente está desse jeito. Aconteceu muito desemprego agora na pandemia, então as pessoas ficam mais vulneráveis a esses problemas (Eloah, 61 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 36 anos).

**[E a senhora acha o bairro que a senhora mora inseguro?]** Sim. Ah, tem bastante bandidos, viu? (Maria Odete, 65 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 40 anos).

Na primeira fala, deparamo-nos com a menção ao bairro Barro Branco, que fica em Cidade Tiradentes, e pode ser considerado um dos mais estigmatizados pela má fama que levou, desde a sua formação, associada à criminalidade. A estigmatização, portanto, pode ocorrer também dentre cidadãos de mesma origem e que ocupam áreas urbanas próximas e semelhantes entre si, e pode possuir associação com a marca de acontecimentos que permanecem associados àquele lugar, mesmo com o passar dos anos.

A permanência no tempo de certas representações relacionadas à insegurança e que possui efeito estigmatizante, também é levada em conta, para alguns cidadãos desta geração. Ao mesmo tempo em que alguns possuem a percepção de que os índices de violência e criminalidade diminuíram com o tempo, e agora Tiradentes é considerada tão insegura quanto outros bairros de São Paulo, há cidadãos que discordam dessa visão ou não tomam conhecimento das mudanças.

As falas podem revelar percepção individual da realidade, baseada em elementos externos e vivências cotidianas, assim como podem estar fundamentadas nos índices atuais de violência e criminalidade.

(...) De 10 anos para cá, eu dei uma parada de andar de madrugada sozinho, porque anos atrás era muito fácil, muito normal. **[Então vamos dizer que você considera mais inseguro de uns 10 anos para cá, mas antes não?]** É, então, mas eu não sei se isso também se deve pela idade, a gente fica mais *cagão* conforme fica mais velho, e eu senti, passei a sentir essa insegurança mesmo. Andar de madrugada, que eu andava despreocupado há 10 anos atrás, hoje passa muita moto e você não sabe... você não está na cabeça das pessoas, sabe? (Luís Fernando, 34 anos, morador de Cidade Tiradentes).

A sensação do cidadão de ter perdido a sua segurança, ao andar por Tiradentes, pode coincidir com a visão do historiador e morador de Cidade Tiradentes, Márcio Reis, que, ao conceder uma entrevista, mencionou seus estudos sobre os índices de criminalidade e violência no bairro, apontando para a relação entre tais índices e as épocas pelas quais passou o distrito.

Quando eu cheguei aqui, até os moradores brincam que antes de 1995 aqui era o Texas, aqui era terra de ninguém, parece que a época de ouro do bairro é de 1995 a... até em pesquisas, eu tenho muitas pesquisas em jornais, parece que de 1995 a 2015 aqui foi a época de ouro em relação à segurança. [Inaudível 40:00] foi o crime que fez isso aqui, colocou uma certa disciplina, quando [inaudível] chega aqui no bairro, aí já coloca aquela ordem, ninguém pode brigar e ninguém pode matar ninguém sem pedir a autorização deles, aí o bairro virou uma maravilha, a criminalidade foi a zero, fora a zero mesmo, e pior que eu tenho isso tudo em pesquisas em jornais antigos (...) [...], a criminalidade aqui, a Cidade Tiradentes tem ficado em último lugar depois de 1995, aqui era uma maravilha. Hoje está voltando isso (...) (Marcio Reis, 44 anos, historiador e morador de Cidade Tiradentes).

Ele aponta, portanto, a “época de ouro”, para referir-se ao período em que havia melhor segurança, entre os anos de 1995 e 2015, atribuindo o crime como um fator “disciplinante” para a ordem e segurança do bairro, e que levou a índices praticamente nulos de criminalidade.

Apesar de o historiador mencionar diferentes interregnos de tempo em relação à questão da segurança no distrito, que ele afirma estar piorando, sabemos que permanece o estigma territorial, como marca, principalmente para a primeira geração de moradores, apesar das oscilações ocorridas e as consequências da estigmatização não serem as mesmas para as duas gerações.

A seguir, veremos, por meio das falas dos entrevistados, como é que os primeiros moradores decodificam o estigma. A pergunta do roteiro semiestruturado “O que as pessoas pensam sobre o seu bairro?” foi essencial, não somente para perceber o estigma territorial relacionado ao distrito e aos seus moradores, como também para entender como o papel da visão externa possui influência acerca de suas considerações.

A pergunta supracitada, apesar de não fazer menção especificamente a quais pessoas que possuem determinada opinião sobre o bairro, levou os entrevistados, imediatamente, a comentarem sobre pessoas que, ou não moram em seu bairro, ainda que residam no distrito de Cidade Tiradentes, ou, principalmente, pessoas que residem fora do distrito. Afirmam:

Primeiro, quando é educado eles falam que aqui é muito longe, os outros falam que aqui é perigoso, que tem muito bandido, que todos os carros que roubam no bairro vizinho, eles falam que os ladrões são daqui, porque realmente, muitos dos carros que são roubados nos bairros vizinhos, quando a polícia acha, acha aqui. Assim, tudo quanto é bandido é daqui, os outros bairros falam assim “Esses caras vêm tudo de Cidade Tiradentes”, mas não é só aqui que tem malandros (...) (Wilma, 41 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 30 anos).

(...) Ao longo do dia, ele soube que tiraram a vida desse colega aqui, então eles têm esse entrave muito grande, percebo o preconceito. Minha filha vem para cá, está grávida, eles ficam preocupados, mandando mensagem à ela, se aconteceu alguma coisa, se vai nascer, tem essa coisa, então percebo que uns mais claramente, outros menos, que tem o preconceito com a Cidade Tiradentes (Marialva, 54 anos, moradora de Cidade Tiradentes).

Que é criminalidade no nível mais alto. A minha esposa tem amigas que... a mãe de uma amiga dela sempre alerta a filha dela para não vir para cá, e quando vier ter muito cuidado porque é Cidade Tiradentes, ela não precisa dizer muita coisa, já está implícito (Luiz Fernando, 34 anos, morador de Cidade Tiradentes).

A mobilidade, como veremos nesta e noutras falas, também configura parte dos conteúdos do estigma territorial no distrito, pela referência realizada inclusive nas matérias de jornal veiculadas, em decorrência da distância de Tiradentes até o marco zero da capital, no centro de São Paulo. Além disso, mais uma vez, as passagens retiradas das entrevistas com cidadãos nos confirmam a visão parcial e unificada acerca do que as pessoas que não moram em Cidade Tiradentes, pensam sobre o distrito e seus moradores.

Igualmente reforçando o conceito de estigma territorial utilizado nesta monografia, percebe-se, nas falas dos moradores, o fato do lugar ser determinante à associação do perigo, violência e crime por parte dos cidadãos de fora, além da generalização feita acerca dos cidadãos de dentro, podendo ser essa forma de estigma territorial mais explícita ou mais velada.

Ambas as formas citadas possuíram consequências, diretas ou indiretas, as quais foram sentidas intensamente pelos primeiros moradores do distrito, justamente pelo fato de terem passado a residir em Tiradentes, ainda durante a sua formação.

Vivenciaram, naquele momento, todos os conteúdos recentes que passaram a ser atrelados sobre o lugar que moravam e também sobre si próprios. Retornando à conceituação de Goffman (2004), relacionada à inabilidade para a aceitação social plena dos indivíduos estigmatizados, os primeiros moradores relatam:

Horrível! Assim, hoje em dia não é mais, mas quando você ia para a cidade, para o Centro de São Paulo, para a Praça da Sé, aquele Centro, procurar emprego e falava que morava aqui, nem chegava na porta. Então você tinha que mentir “Onde você mora?” Itaquera”, Itaquera ou Guaianases, até Guaianases você arrumava emprego, falou ser de Cidade Tiradentes, não arrumava (Eloah, 61 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 36 anos).

(...) antigamente, até na entrevista de emprego que você ia, e você falava que era da Cidade de Tiradentes, o pessoal já olhava para você como se fosse... eles marginalizam. Aqui tem muita gente boa, gente ruim e gente boa tem em todo lugar, mas o pessoal já nos olhava com outros olhos, tinha até vezes que você perdia a vaga de emprego (...) eu já vi colega meu passar por isso, de perder vaga de emprego por falar que mora aqui. É uma coisa que hoje em dia eu acho que está menos, eu não sei,

mas eu acho que está menos (Euclides, 54 anos, morador de Cidade Tiradentes há 23 anos).

Eu quando fui fazer a minha graduação eu optei em estudar em Mogi das Cruzes, e eu lembro que quando eu estudava a noite, o pessoal queria ir para os barzinho, eu nunca fui de barzinho, o pessoal usava a justificativa para os professores dispensarem mais cedo, até me fere um pouco, porque eu senti que já tinha, eu comecei a sentir na pele, não vou dizer,... Eu reconheço meu privilégio com relação a cor da minha pele, mas eu sinto quando o preconceito além de racial é social, quando aquelas piadas são...Como eu posso dizer?...normalizadas com relação a estrutura da sociedade. Eu lembro que colegas de turma falaram: "Professor, dispensa a gente mais cedo, porque a Eliete mora na Cidade Tiradentes e lá tem toque de recolher" (Eliete, 38 anos, moradora da Vila Cosmopolita, divisa entre Cidade Tiradentes e Guaianases, há 62 anos).

(...) as pessoas daqui, todas se sentem seguras aqui, agora quem vem de fora não se sente, um exemplo, eu vou pegar um Uber, quando o Uber é de fora, sabe o que eles fazem? (...) eles ficam no prédio de trás, de longe, esperando para ver quem é que vai entrar no carro, se eles virem que é homem, sozinho, eles passam direto. Teve um dia, antes da pandemia, que eu estava indo no aniversário da minha tia, era umas 8:00 da noite, e eu chamei um Uber (...) e quando eu vi que o Uber estava na minha rua, (...) meu marido e meu filho ficaram esperando o carro chegar, e o que aconteceu foi que o carro parou um pouquinho na frente, o meu marido foi conversar com o Uber e ele acelerou e saiu correndo, e o meu marido gritou "Ei, é o Uber da Wilma! Ele *saiu fora*, ele não esperou, então ele ficou com medo do meu marido, e até nisso a gente sofre preconceito. Eu não sei se é o 99 que eu não pego mais, porque eles ficam sabendo para onde vai antes de chegar no local, e eles não vêm, eles ficam parados até a gente cancelar; muitos, muitos mesmos, não gostam de vir para cá (Wilma, 41 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 30 anos).

Os relatos dos primeiros moradores, expondo três diferentes situações vivenciadas por eles ou conhecidos, demonstram que o estigma territorial, para esta geração, perpassa o discurso midiático e/ou o discurso de pessoas de fora do distrito, trazendo graves consequências no que se refere à sua inserção social e ao uso e apropriação dos espaços de outras áreas da cidade.

A estigmatização, nesta perspectiva, reforça e afirma a condição periférica dos sujeitos, generalizando os moradores negativamente, a partir do lugar onde vivem. As falas de Eloah e Euclides, relacionadas à dificuldade de conseguir emprego, se contassem sobre o lugar de moradia, demonstram a face mais literal do estigma territorial, posto que os empregadores, apesar de estarem diante de cidadãos que gastaram um alto tempo de deslocamento até o centro da cidade para essa busca, logo perderiam a oportunidade por residirem em Cidade Tiradentes.

As consequências postas diante dos relatos acerca da busca de emprego, podem apontar para a ausência de empregos para os moradores no recém-formado bairro, que vieram ou de outros bairros de São Paulo, ou de outras partes do país, em busca de oportunidades, como o já citado imóvel próprio.

Ou seja, já em uma situação insegura, relacionada à falta de oportunidade pela ausência de infraestrutura para esses cidadãos, a recusa de emprego e novas oportunidades os coloca

diante de uma situação que se retroalimenta: a condição periférica, que acaba por marginalizá-los e segregá-los, em relação à sua integração plena com outros cidadãos em outros espaços e, por essa mesma razão, a dificuldade de conseguir um emprego.

Ambos os moradores afirmaram não ter a mesma impressão, atualmente, sobre a falta de oportunidade de emprego por morarem no distrito, e que a situação parece ter sido minimizada, não justificando, entretanto, o motivo que teria levado à minimização do estigma relacionado a essa situação em específico.

O relato de Eliete, revela mais uma situação em decorrência da estigmatização territorial, em que, apesar de já estar inserida, na época, em uma universidade, era motivo de chacota por parte de seus colegas de turma, já que Cidade Tiradentes estava passando pelo toque de recolher e precisava voltar para a sua casa mais cedo.

Identifica, ainda, que sofria uma espécie de preconceito social, relatando ter se sentido “ferida”. A entrevistada nos deixa indícios de que o que pode ocorrer, além do estigma territorial pela condição periférica do lugar de habitação, os cidadãos podem sofrer preconceito racial, o que torna ainda mais difícil a aceitação social plena desses indivíduos nos espaços.

O relato mais recente relacionado à estigmatização, identificado nas entrevistas analisadas, é o da moradora Wilma, discorrendo sobre a desconfiança dos motoristas por aplicativo em relação aos moradores de Tiradentes, principalmente se o morador que requisitou a corrida é do gênero masculino. Posto que, se os motoristas de fora tomam conhecimento de que a corrida é em Cidade Tiradentes e evitam fazê-la, verificamos mais uma vez a presença do estigma territorial, que, desta vez, possui consequências na mobilidade dos cidadãos, os quais já possuem baixa mobilidade urbana, devido à oferta de transporte público e ao tempo despendido.

Não somente as falas que demonstram as consequências do estigma territorial, por meio dos relatos, como também as outras falas recortadas e focadas nas perguntas mencionadas, demonstram um ponto crucial do processo: o estigma territorial e suas consequências foi e é sentido pelos cidadãos que, em partes, saíram do distrito, - seja para procurar emprego ou estudar -, ou seja, podemos dizer que a estigmatização é mais sentida por aqueles que, por algum motivo, utilizam outros espaços da metrópole, seja da Zona Leste, seja de outros setores.

Isso ocorre porque, como debatido e analisado no capítulo anterior, sobre o discurso midiático, a construção do estigma territorial se deu a partir de percepções de quem está fora do distrito - salvo os moradores que passaram um tempo morando no bairro, o deixaram e passaram a comentar negativamente acerca do lugar. Infere-se que a percepção negativa de

Tiradentes não se dá como condição que está distante dos cidadãos, como as notícias veiculadas, e, também, que os moradores passam por situações que denotam extrema proximidade com a estigmatização.

Apesar dos relatos negativos realizados de acordo com as suas próprias vivências, analisamos, em algumas entrevistas, ao mesmo tempo, o sentimento de pertença que possuem com o distrito, associado à conquista da moradia, como já mencionado, e com relação às mudanças ocorridas em Tiradentes, ao longo do tempo, e que tem a ver com a evolução da infraestrutura.

Ao perguntar sobre se os entrevistados/as gostariam de se mudar de Cidade Tiradentes, salvo exceções justificadas pela mobilidade, melhor oportunidade para os filhos e qualidade de vida na aposentadoria, responderam:

Assim, eu gosto da minha casa, o comércio está ficando muito bom porque tem o mercado Extra, tem o Negreiros, tem muitas farmácias, o comércio em si, está muito bom. Se você não quiser ir para a cidade, para o Centro, você não precisa, porque tem tudo aqui (...) Hoje em dia já não está mais essa visão, você pode falar que mora em Cidade Tiradentes, porque melhorou muito com o Centro cultura, com o hospital, o hospital trouxe muito benefício para nós, trouxe uma visão muito boa, o CEU também, que é o Centro Unificado, trouxe essa visão muito boa, o mercado Extra, os mercados de nomes. Então o lugar ficou bem-visto, mas tem muitas pessoas que falam “Nossa! Misericórdia morar em Cidade Tiradentes, que lugar longe!”. Eu não acho longe porque nós temos o trem, que você sai de casa e em 1 hora você está na Estação da Luz, você sai daqui às 13:00 e às 14:00 você está na Estação da Luz, o ônibus daqui até no metrô é 40 minutos se não tiver trânsito, de 40 minutos a 1 hora. (Eloah, 61 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 36 anos).

Eu não tenho a menor vontade de sair daqui eu gosto muito daqui, o lugar que eu estou é um lugar bom. A minha casa como ela foi construída sobradinho, eu tenho uma visão de boa parte lá embaixo do Barro Branco, tem a visão aqui do lado de trás da minha casa, dá para ver o pôr do sol, então eu fico aqui nos meus crochezinho o dia inteirinho, graças à Deus! Não saio daqui tão cedo, entendeu? Eu gosto muito daqui, dá para ver o nascer do sol, o pôr do sol junto com as minhas plantas, sabe? Não tenho terra, só tenho o corredorzinho que ficou, ficou pouco espaço, mas enchi de vaso até nas paredes (risos). Eu gosto daqui, não sairia daqui não (Palmira, 60 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 38 anos).

Eu acho que os meninos que são mais novos devem estranhar um pouco, mas a gente é acostumado aqui. Aqui é muito bom para pegar condução para ir para o metrô ou para o trem, eu estou acostumado aqui, eu conheço quase todo mundo, então para mim é bom (...) não, até que eu e minha esposa não queremos, mas os meninos, porque estão estudando, eles querem ir para um outro lugar melhor, o ponto de vista deles é outro. A gente que já se acostumou aqui, não, a gente acha bom, mas acho que para eles sim. Eu não, para mim está muito bom aqui, não tenho que reclamar de nada (Euclides, 54 anos, morador de Cidade Tiradentes há 23 anos).

Não mudo, porque eu vou para onde eu quero! Não é a Cidade Tiradentes que me limita a voar, que nem diz Mía Couto, o importante não é a casa onde você mora, é a casa que você leva. Aqui economizo dinheiro para voar, para viajar para onde eu quero. Não tem lógica, não é inteligente mudar daqui (Ludmila, 47 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 35 anos).

Primeiramente, as falas dos moradores, que relataram não ter vontade de sair de Tiradentes, além de gostarem do distrito e do bairro onde moram, divergem da notícia veiculada e debatida no capítulo anterior (Figura 3) quanto à vontade generalizada dos moradores de “fugirem” do lugar onde estavam, não possuindo nenhum senso de comunidade e pertencimento.

Para os primeiros moradores entrevistados, principalmente aqueles com as falas citadas, a autoestima e a identidade se deram a partir da casa própria, mas também com a evolução da infraestrutura, dos equipamentos e dos serviços urbanos no bairro, relatando também terem passado pelo processo de se acostumar com o lugar. As referências aos meios de consumo coletivo são, principalmente, relativas aos equipamentos de saúde e cultura, além da evolução do comércio, desobrigando-os a se deslocarem para outros distritos da Zona Leste, por exemplo, para o consumo de bens e serviços.

É interessante pontuar, igualmente, que os moradores que possuem mais idade e que estão há mais tempo vivendo no bairro passam o sentimento de conforto ao morar em Tiradentes, não percebendo a mobilidade, por exemplo, como um empecilho para as suas práticas cotidianas, ao contrário dos jovens moradores, - como no caso dos filhos do morador Euclides -, que possuem diferentes cotidianos e necessidades, em que a mobilidade e o transporte, para eles, seria imprescindível.

Em partes, podemos dizer que essa percepção positiva acerca do distrito, apesar da contradição constante entre benefícios e malefícios que a condição periférica proporciona, é oriunda de uma construção cotidiana de relação com o bairro e entre seus moradores.

Além da luta não somente por moradia, mas por melhores condições, no geral, a primeira geração de moradores, foi aquela que lutou e persistiu no bairro, já que persistir significaria melhor qualidade de vida também para eles, não sendo, portanto, uma escolha e nem algo que foi facilmente adquirido. Sobre isso, a moradora Marialva afirma:

(...) tem uma turma que acho que temos que ter muito respeito, porque foi a turma que amassou o barro aqui, os idosos, tem que ter muito respeito e paciência (...) você vai no mercadão, o que tem nas filas, pagando as contas, foram eles que carregaram isso aqui nas costas. No começo, tiveram paciência, não depredaram, não abandonaram (Marialva, 54 anos, moradora de Cidade Tiradentes).

A entrevistada exalta os primeiros moradores, justamente pelo fato de que eles carregaram o bairro nas costas, e não o abandonaram. O respeito a que ela faz menção, pode também nos direcionar para o conflito entre as gerações, ou seja, o conflito entre os primeiros e os jovens moradores, no que se refere ao uso e apropriação do distrito, em seu cotidiano.

Muito mencionado pelos primeiros moradores, algumas atividades recorrentes nos bairros de Tiradentes, como os fluxos, os bailes *funk* e a música alta, é comum entre os moradores mais jovens como atividade de lazer aos fins de semana. O “conflito” se inicia justamente pelas diferentes percepções do que consiste em atividades de lazer para essas diferentes gerações e as diferentes práticas ocorridas em espaços ocupados por moradores de idades diferentes.

As divergências de idade e experiências vividas, em um distrito periférico que tem se transformado de diversas formas, põem à luz das práticas socioespaciais as diferentes maneiras de vivenciar Cidade Tiradentes. Por fim, se os primeiros moradores possuíram, na sua construção da identidade, a conquista da casa própria no recém formado bairro, os jovens moradores, passam a construir sua identidade e relação com o estigma territorial a partir de diversos outros elementos que compõem a ascensão da cultura periférica, a relação com outros espaços da metrópole e a utilização de equipamentos de lazer e cultura no distrito, como veremos a seguir.

### **3.1.2 Os jovens moradores**

A diferença de idade entre os primeiros moradores e os jovens moradores, possui rebatimento direto na percepção e nas vivências, dentro e fora de Cidade Tiradentes. A discrepância estrutural do distrito, em relação a outras áreas da cidade de São Paulo, foi minimizada com as melhorias ocorridas a partir dos anos 2000, ainda que as disparidades ainda sejam grandes no conjunto da metrópole. Essa evolução pode ter levado os jovens entrevistados à possibilidade de usos e apropriações desse espaço mais frequentes e mais diversificados, se comparado aos primeiros moradores.

Ainda assim, veremos que suas práticas cotidianas, assim como as da primeira geração, são marcadas pela dificuldade na mobilidade e pela distância do distrito em relação a outros espaços da cidade, onde se realizam eventos culturais que anseiam frequentar. Ainda que as entrevistas obtidas com os jovens moradores tenham se dado em menor quantidade, se comparado aos primeiros, elas nos dão um panorama interessante a partir do recorte das experiências da juventude.

O estigma territorial, para a juventude de Tiradentes, possui diferentes conteúdos sentidos por eles, e que podem não possuir as mesmas condições e consequências, principalmente no que diz respeito à conquista do emprego frente à sua condição periférica, por

exemplo, e que se constituía como um elemento estigmatizante para as oportunidades, em relação aos primeiros moradores.

É importante, neste subcapítulo, realizar percurso semelhante ao efetuado a partir das falas dos primeiros moradores, posto que a análise das falas dos jovens, consoante as mesmas perguntas feitas para os moradores do subcapítulo anterior, auxiliarão à compreensão dos diferentes pontos de vista relacionados à decodificação do estigma territorial, vivências no bairro e suas percepções acerca da segurança e da infraestrutura.

A memória dos primeiros moradores acerca das condições do bairro e da conquista da casa própria, faz-se presente na construção da memória de seus filhos, também moradores de Cidade Tiradentes e que foram entrevistados. Atentando-se à idade dos jovens entrevistados e à sua relação de dependência com os familiares, podendo compartilhar da sua mesma opinião:

**[Os seus pais falam, às vezes, sobre o significado de ter conseguido essa casa? É um assunto que aparece? Eles rememoram isso, foi importante para a sua família?]** Sim, eu admiro bastante meus pais, por conta de eles construírem praticamente tudo sozinhos, nesses vinte anos juntos, eles construíram tudo sozinhos, eu não posso reclamar de nada que eu tenho aqui, porque tudo que eu tenho eu gosto, eu tenho tudo que eu preciso, não tem muita dificuldade para conseguir as coisas, sabe? Então admiro bastante eles por conseguirem construir tudo sozinhos (João Vitor, 16 anos, morador de Cidade Tiradentes há 16 anos).

(...) tem uma cena que marcou minha infância, que é muito assim, simbólica, porque eu era nova, devia ter cinco ou seis anos na época. Eu desci as escadas do apartamento muito feliz, falando para todo mundo que eu ia embora, porque achava o apartamento pequeno, e a casa aqui onde a gente mora, por ter sido um terreno, ela é grande comparada às habitações de costume de Cidade Tiradentes, então estava muito feliz falando para todos que eu ia embora. Acredito que ter a casa foi uma conquista, porque querendo ou não é ter um espaço e segurança de não precisar confiar no aluguel, que às vezes é uma coisa incerta para muita gente e é uma segurança, já é, querendo ou não, um alívio em relação às outras questões. Para mim, essa cena da minha infância é simbólica, quando lembro disso eu lembro muito feliz, porque mesmo para uma criança, isso já significava muito, de um espaço tão pequeno para um espaço maior, enfim, ter meu próprio quarto, eu dividia com meu irmão na época (Adriana, 21 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 21 anos).

Conquista, acredito que isso foi conquista, sabe? Porque a minha mãe, durante todos esses tempos, sempre lutou para ter a sua vida própria, sempre lutou para ser uma pessoa independente, e ela lutou, trabalhou muito. Ela trabalhava aqui no Negreiros, e ela passou esse aprendizado de vida para mim, para me tornar uma pessoa independente e lutar pelos meus objetivos, lutar para ter a minha própria vida, minha casa, meu lar (...) com determinação, e por causa disso que hoje temos nossa própria casa, nosso próprio usufruto, nossa própria terra... (José Antônio, 18 anos, morador de Cidade Tiradentes há 18 anos).

Embora, para os primeiros moradores, a pertença e a identidade apareçam, com mais força, relacionadas à conquista da casa própria, a memória, para os jovens moradores, seja para aqueles que acompanharam a mudança de um apartamento da Cohab, - como no caso da

moradora Adriana -, para uma habitação autoconstruída, denota uma conquista e parece servir de inspiração para os seus próprios projetos de futuro, e uma sensação de alívio relacionada à saída do aluguel.

O diferencial, no caso dos jovens entrevistados, é o de que, como se nota, já nasceram em Cidade Tiradentes e não têm, assim, um passado em outro espaço urbano para fazer comparações. Constituindo, portanto, uma realidade diferente de seus familiares, que passaram por diferentes situações quanto ao local de moradia, seja residindo, anteriormente, em outras áreas da Zona Leste e/ou São Paulo, seja residindo em outras partes do país, como é o caso de muitos dos primeiros moradores, advindo de diversas partes da região Nordeste.

Com isso, queremos dizer que as vivências dos jovens moradores se deram a partir desta primeira realidade que lhes foi apresentada, já no distrito, e que as realidades dos primeiros moradores, por sua idade e diferentes locais de origem, resultam de uma trajetória de múltiplas outras experiências.

Deste modo, as dimensões da vida cotidiana desses jovens, espacializadas no distrito por meio de suas práticas, estão atreladas ao período que envolve suas experiências de vida no bairro, desde que passam a desenvolver a formação de suas identidades e relações de sociabilidade, que têm profunda associação com os equipamentos utilizados, e que dependem da sua identificação com eles. Sobre isso, relatam:

Gosto das áreas, da minha igreja, temos o Centro de Formação Cultural, que tem uma biblioteca enorme, é um espaço muito bacana. Tem muito canto aqui, eu gosto só de andar, ali na Metalúrgicos, quando preciso resolver minhas coisas e fazer compras nas lojinhas, ir em alguma gráfica imprimir alguma coisa que preciso, ir andando até o meu estágio é bom, é algo que eu gosto. Eu moro perto do terminal novo, e eu faço estágio no CEU Água Azul, na EMEI, eu consigo ir andando, então de manhã já é uma caminhada. Eu gosto do espaço, do bairro, não vejo problema (Adriana, 21 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 21 anos).

Agora, na pandemia, eu não tenho muitas formas de lazer, eu fico, como já disse antes, me divertindo jogando algum jogo no computador, no videogame aqui mesmo. Mas, antes da pandemia, eu costumava ir bastante jogar basquete num clube que tem aqui próximo de casa, o clube Juscelino Kubitschek, que tem coisas de esporte, tem quadra para jogar basquete, futebol. E a minha antiga escola também tinha esse tipo de coisa. Aos sábados, eu ia jogar basquete, lá na minha escola. Mas lá também tem esse tipo de esporte, taekwondo, jiu jitsu, esse tipo de coisa, tinha lá na minha antiga escola, que é o CEU Inácio Monteiro (João Vitor, 16 anos, morador de Cidade Tiradentes há 16 anos).

Eu gosto bastante de eventos que ocorrem aqui no bairro, de institutos como o Centro Cultural que temos, eles sempre têm projetos de leitura, de artes, de cultura, até o próprio cinema tem ali. Gosto bastante dos projetos que tem no CEU Água Azul, projetos de leitura, sarau, teatro, se apresentar também. Gosto muito das oportunidades que nosso bairro, apesar de ter muitas dificuldades como todos têm, oferecem também para nós, para a nossa população que carece disso, de projetos, de

culturas, leitura, informação, então é isso que gosto bastante, de aproveitar isso em Cidade Tiradentes (José Antônio, 18 anos, morador de Cidade Tiradentes há 18 anos).

(...) gosto do CEU, eu amo o CEU, é verdade! Nossa, eu amo o CEU, meu Deus, eu amo o CEU! O CEU é um lugar assim, tranquilo, o CEU é um céu! E eu gosto da minha antiga escola, das minhas duas antigas escolas do fundamental e do ensino médio, eu as amo (Miguel, 20 anos, morador de Cidade Tiradentes há 20 anos).

Os excertos, retirados das entrevistas com os jovens moradores, quando perguntados acerca de suas práticas de lazer, ou do que eles gostam no bairro, demonstram inclinações positivas sobre os equipamentos de lazer e cultura de Cidade Tiradentes. O destaque vai para o Centro de Formação Cultural, o clube poliesportivo Juscelino Kubitschek e o Centro Educacional Unificado (CEU) Água Azul, inaugurado no ano de 2007, muito exaltado pelos jovens, principalmente o jovem morador, Miguel, já que o CEU oferece diversas atividades e projetos culturais e esportivos.

Além disso, nas entrevistas, destacam positivamente as escolas onde estudaram, no distrito, e a importância da Escola Técnica Estadual de Cidade Tiradentes (ETEC), inaugurada no ano de 2009, e que justifica a referência dos jovens - principalmente os entrevistados que estudaram na escola em questão -, à importância do ensino de qualidade, visto passou a oferecer diferentes cursos e oportunidades.

Apesar do distrito ainda dispor de condições de lazer reduzidas para todos os públicos, se levarmos em conta a densidade populacional, os equipamentos existentes no distrito, parecem ser utilizados, em maior parte, pelo público jovem, que inclusive se identifica com os espaços e as atividades ofertadas. Mais do que o sentimento de pertença pela conquista da casa, como é o caso dos primeiros moradores, a identidade, para os jovens moradores, está mais associada à dimensão do lazer e da cultura.

Para eles, podem existir uma série de relações com outros jovens no bairro, pelo fato de alguns deles estarem em idade escolar, assim como relações com jovens que habitam em outros bairros, como é o caso daqueles que estão inseridos na universidade ou no mercado de trabalho.

Verificou-se que, partindo da estigmatização como um processo elaborado externamente, mesmo aqueles que ainda estão em idade escolar e estudam no bairro, como o morador João Vitor, expressam, nas suas falas sobre o estigma territorial, teor semelhante ao mencionado pelos primeiros moradores.

(...) falando por Cidade Tiradentes inteira, o povo acha que é tudo perigoso, que só tem favelado, sabe? Essas coisas assim (...) **[você já se sentiu alguma vez estigmatizado por causa disso? Sofreu algum tipo de brincadeira ou fala desagradável por causa disso?]** Nada que me incomodasse muito, assim, o que teve mais são brincadeiras entre amigos, que falam “Ah, você mora na Cidade Tiradentes, não tem nada lá, só tem favelado lá”, nesse sentido, sabe? Nada que me deixasse

abalado ou algo assim, mais na brincadeira mesmo (João Vitor, 16 anos, morador de Cidade Tiradentes há 16 anos).

*“É longe né, onde você mora”*. Geralmente a galera fala que é longe, faz a piadinha do monotrilho, é isso. *“Ah, mas Guaianases e Cidade Tiradentes é igual, né?”* Não, não é igual, é diferente! É mais isso (...) **[quando você vai trabalhar na Paulista e você diz que mora aí, tem algum outro tipo de comentário diferente?]** *“Nossa, lá é perigoso, né?!”* Sim, é perigoso, como qualquer outro bairro (...) Morumbi também é perigoso... perigo tem em todo lugar. Mas lá tem mais acesso do que aqui, é diferente algumas coisas. **[Você já se viu em alguma situação, circunstância que você pensou que seria melhor não dizer onde você mora?]** Não, não ligo muito para isso. Eu falo que sou da Zona Leste, Cidade Tiradentes, e o que a pessoa pensa é o que ela pensa, não tenho muito o que fazer com pensamento de terceiros (Magali, 25 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 20 anos).

Que é um bairro longe, que é marcado pelos fluxos, pelos movimentos dos jovens, como é característica do bairro, a gente tem uma juventude muito grande. Que é um bairro entre aspas violento, digo entre aspas porque eu nunca fui assaltada aqui, nunca tive esse problema (Adriana, 21 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 21 anos).

A menção ao perigo e à violência, independente das gerações às quais foram feitas as perguntas, é o discurso que prevalece nas falas dos moradores, com relação à visão dos cidadãos de fora da Cidade Tiradentes. Podemos considerar que, passado o tempo, essa é uma visão que permanece, mas que, levando em conta os relatos dos jovens, não foram mencionadas por eles consequências relacionadas à dificuldade de inserção social plena, em decorrência da estigmatização.

Se comparados aos relatos dos primeiros moradores, que se viam na condição de omitir seus endereços, a fim de garantir uma vaga de emprego no centro da metrópole, os jovens entrevistados não relatam ter passado por alguma situação que lhes privasse de oportunidades, apesar de já terem ouvido o mesmo discurso desagradável.

Ainda, demonstram um nível de consciência com relação à sua condição espacial, semelhante àquele de alguns dos primeiros moradores entrevistados, relatando que, assim como outros distritos ou bairros de São Paulo, em Cidade Tiradentes também podem ocorrer situações de perigo e violência. Quanto a essas possíveis situações, que envolvem a sensação de segurança, afirmam:

Eu não tenho insegurança, não. Ando tranquilo por aqui, também porque eu já conheço bastante gente daqui eu ando tranquilo, não ando preocupado, com medo não. Não sei se já me acostumei também, mas o povo que vem de fora, eles têm um pouco de receio de andar aqui, mas eu já acostumei não é nada demais para mim (João Vitor, 16 anos, morador de Cidade Tiradentes há 16 anos).

Chegando muito tarde, por exemplo, teve um período da faculdade ano passado, que precisei cursar matérias à noite e chegava aqui meia noite e meia... então, nesse período para voltar sozinha do terminal até em casa, sim! Porque, enfim, uma mulher na rua à noite, sozinha. Mas eu não sinto medo de andar durante o dia, eu saio, posso resolver minhas coisas, banco, caixa eletrônico, enfim, com todo cuidado que já tomamos, mas nunca tive essa questão, sabe? Sempre passei pela favela muito

tranquila, nunca tive esse problema, mas é claro que os moradores relatam assalto em ponto de ônibus, existe. A gente vê vídeos na página da Cidade Tiradentes com a questão do tráfico, com a questão de prédios que são biqueiras, mas nunca foi uma questão assim, que afetasse a mim, o meu dia a dia (Adriana, 21 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 21 anos).

A vivência cotidiana no distrito, proporcionada pelas diferentes atividades realizadas pelos jovens, considerando todos os anos em que lá passaram, aparenta passar a eles a sensação de tranquilidade e costume, seja no seu bairro ou fora dele. Podemos dizer que, quanto mais a rua nos é familiar, menos o imaginário associado ao perigo e à violência são alimentados. Quanto à segurança no distrito, há, entre os jovens, divergências:

Já senti mais segurança, hoje não tanto. **[Por quê?]** Não sei, eu nunca tinha sido assaltada em vinte anos da minha vida, eu fui assaltada na minha rua, chegando em casa, bizarro... acho que agora, não sei explicar, mas não está tão seguro quanto antes (Magali, 25 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 20 anos).

**[Você considera o seu bairro inseguro?]** Considero, sim. Vemos muitos casos de roubo, de morte, de estupros aqui, já vimos bastantes casos na nossa cidade, mas o bom é que tem uma delegacia de polícia aqui perto, então estão sempre vendo esses casos. Mas mesmo assim, ainda sinto uma falta de segurança na questão nossa mesmo, dos indivíduos, entre as famílias, porque para uma pessoa entrar em uma casa aqui, para saquear ou roubar, fazer algo ruim, é muito fácil. Então, sentimos aqui essa falta de segurança, por mais que tenha polícia, que tenham militares que estão aqui sempre, sentimos ainda um pouco inseguro por esses motivos (José Antônio, 18 anos, morador de Cidade Tiradentes há 18 anos).

**[Do que você gosta no seu bairro?]** Tem uma coisa que eu gosto, mas é meio controversa, não sei se pega mal falar, mas eu gosto um pouco dos “manos” daqui os manos eu digo, que conseguem controlar um pouco, então se eu fosse para outro lugar seria pior, então é mais controlado. Eu nunca fui roubado, mas se alguém me roubar, eu tenho a quem recorrer. Isso é um fator que eu gosto, o controle. Eu não gosto da falta de controle que tem no bairro, a criminalidade tem uma hora que perde o controle, e às vezes, alguém toma um tiro aqui em frente, então não gosto do medo (...) Eu tenho medo, mas a minha segurança é trancar a porta e rezar [Risos] confiar que não dará em nada, mas dá medo, às vezes eles invadem apartamento, minha avó às vezes fala, que tem no *Facebook* (Miguel, 20 anos, morador de Cidade Tiradentes há 20 anos).

O relato da jovem Magali, que diverge da opinião positiva sobre a segurança no bairro, advém da situação que passou em sua rua, voltando para casa, quando foi assaltada. Se antes, considerava seu bairro um lugar seguro, tal situação pode ter alimentado, em seu imaginário, o medo e o perigo de residir em Tiradentes, o que pode tê-la levado a adotar medidas de segurança, evitar certos horários, andar acompanhada, entre outras.

Uma interessante contradição a se pontuar é a diferença de perspectivas entre as falas dos jovens José Antônio e Miguel: enquanto o primeiro, ao considerar o bairro inseguro e relatar casos de roubo, morte e estupro, atribuindo como positiva a existência de uma delegacia de polícia nas proximidades, o segundo atribui o controle e a segurança aos “manos” do distrito,

atribuindo a eles, sem fazer menção à delegacia ou outros agentes, a sua segurança e sobre ter a quem recorrer, nesses casos.

Apesar das divergências quanto à sensação de insegurança, consideramos, a partir das entrevistas, que os jovens utilizam os espaços existentes no distrito, e que esses equipamentos proporcionam a eles certa identidade com o lugar onde moram, pois parece que não evitam as práticas de lazer, em razão de se sentirem inseguros. Sobre a utilização desses espaços e suas práticas de lazer, ressaltam:

O meu lazer é aqui em casa, eu sou uma pessoa bem caseira mesmo, sempre gosto de ficar em casa, às vezes gosto também, quando não estávamos nesta época de pandemia, de ir ao cinema, sempre ia ao cinema do Centro Cultural, de semana em semana, eu sempre estava lá vendo algum filme ou participando de algum projeto, evento. Sempre tento prezar, não tenho muito o que reclamar (...) Lá tem de tudo, biblioteca, cinema, teatro, tem sarau, sala de informática, de leitura, então sempre ia por esses motivos, era um lugar muito bom, sem palavras, que serviu de muito apoio para a nossa população (José Antônio, 18 anos, morador de Cidade Tiradentes há 18 anos).

(...) gosto muito de parque, gosto muito de visitar museu, e os museus são meio longe, mas gosto muito do centro de São Paulo, dos lugares históricos dali. Tem também o Centro Cultural, eu gosto de pegar livro emprestado na biblioteca, que é grande e bonita, mas no CEU onde eu estou também tem biblioteca, então as vezes pego lá. A Cidade Tiradentes tem algumas praças que dá para andar de bicicleta, então geralmente, em ciclovias também, embora tenham tirado uma parte da ciclovias, gosto de andar de bicicleta, de fazer caminhada, às vezes de manhã bem cedinho dá para fazer, é tranquilo de fazer caminhada por aqui. Tem tanta coisa que fazemos para lazer. Eu gosto dos parques como já falei, gosto de ler, cinema quando dá (...) (Adriana, 21 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 21 anos).

Já mencionamos a relação dos jovens moradores com a utilização dos espaços públicos. A partir das entrevistas analisadas, observamos que os primeiros moradores utilizam e frequentam muito menos estes espaços do que os jovens moradores, possuindo, então, uma adesão positiva no CEU e no Centro de Formação Cultural. O agrupamento dos moradores em duas diferentes gerações não impede, entretanto, que haja diferentes experiências entre os que compõem o mesmo grupo:

**[Como é para você, Cidade Tiradentes?]** Eu acho que é uma cidade dormitório, não tem muito lazer aqui. Então tudo o que você precisa, você vai querer conhecer um lugar, aqui não tem muitos parques, teatros, shopping, cinema... então tudo que envolve lazer, precisa ir para fora, para conhecer, para fazer. Para mim, eu sempre falo, é um bairro dormitório (...) **[você considera que a oferta de áreas públicas é razoável na Cidade Tiradentes? Deveria ter mais, não tem, como é?]** Poderia ter mais, mas tem. Tem pista de skate, centro cultural..., mas poderia ser... porque aqui é muito grande, é uma área muito enorme, então se tivesse mais e também mais divulgação, a galera frequentaria (Magali, 25 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 20 anos).

Tiradentes fica longe de tudo, então o lazer da gente aqui é andar na rua, é ir ao mercado, é ficar vendo as prateleiras ou andar na praça, já que para ir ao shopping tem

que pegar um ônibus que é quarenta minutos, fora que é mais R\$ 4,50, a gente fica andando por aqui mesmo. Quando chega à noite, às vezes eu saio com amigos, muito às vezes mesmo, saio para uma hamburgueria ou algo assim, mas tem sempre um receio, de voltarmos até umas dez da noite, porque é aquela coisa, a paisagem urbana de dia é uma, de noite já muda completamente, é opressora, é bem assustador andar aqui à noite, então volto para casa, durmo e tudo recomeça (Miguel, 20 anos, morador de Cidade Tiradentes há 20 anos).

A jovem moradora Magali, apesar de reafirmar sua identidade com o distrito ou mesmo ao afirmar que Tiradentes é diferente de Guaianases, quando perguntada sobre o que as pessoas pensam de seu bairro, considera-o como uma cidade dormitório, sem opções de lazer, ao mesmo tempo em que reconhece a existência de centros culturais e pista de *skate*.

Sua percepção pode dever-se, particularmente, ao fato de projetar sua vida e seu cotidiano, após sua inserção na universidade e no mercado de trabalho, fora do distrito. Suas experiências cotidianas, relações sociais e vínculos, que passaram a se entrelaçar com a metrópole, podem ter influência em suas práticas em Tiradentes e representações que elabora sobre o bairro.

O entrevistado Miguel, apesar de ter declarado sua afeição ao CEU e de frequentar alguns espaços em Tiradentes, concorda com Magali quanto a ter que ir para fora do distrito, se quiser usufruir de determinados serviços. O sentimento de pertença e identidade com o lugar onde habitam possui, portanto, essa contradição, que também nos foi revelada nas falas dos primeiros moradores. A visão que elaboram é reforçada por certa ausência ou precariedade dos meios de consumo coletivos, e que faz parte dos conteúdos do estigma territorial.

A evolução recente desses meios de consumo coletivo, percebidos como melhoria não é suficiente, entretanto, para a permanência dos jovens no distrito, em especial os que foram entrevistados. Retornando à reportagem debatida no capítulo anterior, em que se fazia alusão a que os recém moradores não formariam uma comunidade, pois o objetivo era o de fugir do distrito. Analisando as entrevistas e, percebemos algumas discrepâncias, comparativamente ao que foi observado em relação aos primeiros moradores:

**[Certo. E se você, João Vitor, pudesse escolher, onde você gostaria de morar?]** Não sei, aqui pela região da Zona Leste tem uns lugares legais, na região de Itaquapé, Itaquera, acho esses bairros legais. Vila Matilde, eu acho muito bonito as casas por ali e parece um bairro legal de se viver, porque tem comércio, tem as coisas perto, não é tão longe do centro também. **[Quer dizer que você ficaria na Zona Leste mesmo?]** Sim! Não penso em ir para muito longe, não (João Vitor, 16 anos, morador de Cidade Tiradentes há 16 anos).

Eu mudaria para um bairro em que a questão da locomoção fosse melhor, porque acredito que é um sofrimento muito diário, não por não gostar de Tiradentes, eu gosto

daqui, acredito que o bairro está crescendo muito, enfim, eu gosto. Como disse, é o lugar que eu cresci e nasci. Mas os cantos em que preciso ir, acho muito difícil ter que demorar mais para chegar na estação onde eu vou pegar o trem, do que chegar no próprio lugar onde tenho que ir, sabe? No trem, dois segundos estou no lugar, mas é complicado. Ao mesmo passo que a minha história está aqui, meus amigos, meu círculo social, tudo que construí até hoje está aqui (...) Não tenho um bairro específico, eu gosto da Zona Leste, gosto dos bairros, é o que eu disse, de São Paulo, é o que eu conheço melhor. Não teria pretensão de dizer que quero ir para um bairro perto da linha amarela, não! Se eu estivesse perto do trem, se estivesse perto de Belém, Penha, Tatuapé, aquele conjunto ali, estaria ótimo (Adriana, 21 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 21 anos).

**[Eu gostaria de saber se, Cidade Tiradentes tivesse mais lugares de lazer, você consideraria permanecer morando em Cidade Tiradentes?]** Não! Pela locomoção, aqui é muito longe. A probabilidade de uma empresa, tipo da minha empresa, que tem plano de carreira, então me vejo e foco na minha carreira para crescer lá dentro, então não tem como eu morar aqui para sempre, vamos dizer assim, e me locomover todos os dias e gastar duas, quatro horas dentro do transporte, sabe? Perde um tempo da sua vida dentro do transporte, eu acho que não **[existiria na Região Metropolitana de São Paulo, um bairro que você não moraria?]** Zona Sul, não moraria (...) Porque eu trabalho para aqueles lados, então eu não suporto aquela galera da Zona Sul, estilo Zona Sul, não gosto (...) não me identifico com a galera (Magali, 25 anos, moradora de Cidade Tiradentes há 20 anos).

**[Quando você olha para esse futuro, ele é na Região Metropolitana de São Paulo? É fora? Tem algum bairro que você preferiria?]** Eu quero dar aula em Tiradentes, na escola em que estudei, não queria fugir daqui, mas não queria morar na Tiradentes, queria morar... não sei, Vila Matilde, Zona Leste, queria ficar na Zona Leste, mas queria estar presente em Tiradentes, mas não queria morar aqui (Miguel, 20 anos, morador de Cidade Tiradentes há 20 anos).

Houve unanimidade nas respostas dos jovens moradores, ao serem perguntados se gostariam de se mudar de Tiradentes, ou sobre onde projetavam seus futuros. A resposta foi positiva em todos os casos, e a principal razão, para eles, é o desejo de morar em áreas onde não haja baixa mobilidade, elemento que alimenta o caráter periférico do distrito, e que sempre constituiu, para todos os seus moradores, uma dificuldade.

A distância entre o local de moradia, os locais de estudo ou trabalho, ou até mesmo de outros serviços, constituem-se como decisivos para os jovens não terem vontade de permanecer no distrito, a longo prazo. As horas diárias despendidas no transporte público, para realizarem suas atividades cotidianas, são relatadas como “sofridas” e também como “perda de tempo de vida”.

O anseio dos jovens em projetarem suas vidas fora do distrito, tem a ver não somente com a sua geração, mas com o que lhes foi proporcionado. A ascensão da cultura periférica, a inserção dos jovens na universidade e, em consequência, no mercado de trabalho, acaba por levá-los a explorar outras escalas geográficas. Ao mesmo tempo em que saem, levam a periferia

para outros espaços a partir de suas próprias identidades e vivências construídas no distrito, razão pela qual o fato de sair de Tiradentes não exclui, portanto, o sentimento de pertencimento.

É porque, para mim, o centro do meu mundo é Tiradentes, sabe? Quando eu tento me localizar em São Paulo, olho Tiradentes, e é um lugar que costuma ser excluído, segregado, tido como o fim do mundo, o “cu” do mundo, como o pessoal fala, e eu discordo! Por que seria o fim do mundo? É o começo do meu mundo, é onde surgiu como pessoa (...) a Tiradentes foi o lugar que eu surgiu como pessoa, então é meu centro, é onde eu irradio (Miguel, 20 anos, morador de Cidade Tiradentes há 20 anos).

Esse sentimento, observado na narrativa de Miguel, caracterizado por uma identificação com a Zona Leste, apareceu na maioria das falas dos jovens entrevistados, ou seja, sua pretensão não é a de “negar” Cidade Tiradentes, e sim, apenas morarem em lugares onde a mobilidade seja facilitada para eles e seus planos de vida. Existe, na fala de Adriana, e mais fortemente na de Magali, uma não identificação com outras áreas da metrópole, como a Zona Sul e Sudoeste, que seriam as abrangidas pela linha amarela do metrô, mencionadas pela primeira entrevistada.

Ao classificar “aquela galera da Zona Sul” e “estilo Zona Sul”, Magali expressa uma oposição de identidades, no sentido de suas diferenças. O que seria “a galera da Zona Sul”? Podemos entender que os jovens dessa área diferem dos jovens da Zona Leste e que isso pode estar relacionado aos diferentes estilos de vida, vivências e segmentos sociais a que pertencem. A entrevistada, apesar de não pensar em permanecer em Tiradentes, compreende a sua identidade, em oposição à desses outros jovens, reafirmando sua diferença em relação a eles.

A reafirmação da identidade, a partir das falas analisadas, a utilização de equipamentos do bairro, a vivência nele, as falas positivas em relação ao local onde moram, - embora existam as contradições e os trechos relacionados à insegurança -, e, sobretudo, o reconhecimento da existência de discursos exteriores que estigmatizam o distrito e a eles, e que não parece interferir intensamente nos seus cotidianos, podem constituir-se em caminhos para a minimização do estigma territorial.

Ainda, concluímos que a mobilidade, desde a constituição do distrito, permanece como elemento que dificulta e segrega os jovens, em especial, do ponto de vista do maior acesso a outros espaços da metrópole.

A menção à distância de Cidade Tiradentes, como analisado, também faz parte do discurso dos moradores de fora do distrito, juntamente com os outros atributos negativos dos quais debatemos.

Uma importante análise a ser realizada, quanto à menção à distância do distrito, é o fato de a periferia ser constantemente observada em relação às áreas mais centrais da cidade, que

estariam em primeiro plano. Entretanto, olhar para a periferia, a partir da própria periferia, principalmente no que diz respeito aos acontecimentos cotidianos, em vista das mudanças mais recentes, é o que pode auxiliar no entendimento da diversidade da cultura periférica e, mais do que isso, compreendê-la sob o ponto de vista dos sujeitos.

O excerto retirado da entrevista do jovem Miguel, elucida, de fato, a importância da subversão desse ponto de vista. Ao afirmar que Tiradentes é o centro de seu mundo, e que ele se localiza a partir de Tiradentes, lugar de onde ele irradia, propõe a reflexão sobre a pluralidade da periferia e as possibilidades que ela contempla, assim como reforça a importância de compreender suas mudanças, - a partir dos diferentes tempos e gerações -, em uma perspectiva que considere e entenda como relevante o que tais espaços têm irradiado, e também suas recentes relações com a metrópole.

Todos os pontos desenvolvidos levam a possíveis formas de minimização do estigma territorial, considerando-se diferentes aspectos pelos quais passou Cidade Tiradentes e seus moradores. Como veremos adiante, não somente a ascensão da cultura periférica, a partir dos anos 1990, como também o desenvolvimento do distrito, economicamente falando, ensejam uma série de novas perspectivas, que são possibilidades de superação do estigma. Tanto as mudanças menos como as mais expressivas no distrito serviram, para esta monografia, como objeto de reflexão sobre o tema estudado.

#### **4. Estigma territorial e possibilidades de superação**

Para o desenvolvimento deste capítulo, devemos retomar alguns aspectos debatidos na seção sobre a mídia e a reprodução do discurso acerca do estigma territorial em Cidade Tiradentes: i) seu caráter periférico, que atribui um dos sentidos do estigma como territorial e que aparece nas notícias como atributo negativo; ii) uma série de insuficiências e precariedades no bairro, em decorrência da negligência dos agentes envolvidos no processo de produção desse espaço e de provisão dos meios coletivos, como a Cohab e a Prefeitura Municipal; iii) a generalização de imagens negativas acerca dos sujeitos periféricos e moradores de Tiradentes, a partir da veiculação de notícias, sobretudo, associadas à violência, invasões e criminalidade.

Os três pontos elencados, e que fazem parte da análise dos discursos da mídia, somados às análises das entrevistas realizadas, nos colocam diante de outros pontos de partida para a interpretação das mudanças e permanências desses elementos.

Por isso, a elaboração deste último capítulo, partiu de uma reflexão acerca das possibilidades, seja de superação, seja de minimização do estigma territorial do distrito e de seus moradores. É importante destacar que se trata de um conjunto de hipóteses, e que foram elaboradas durante o percurso da pesquisa e que se apresentam como possibilidades para o aprofundamento da reflexão.

Por meio da análise das entrevistas, principalmente no que se refere aos jovens moradores, identificamos um movimento interessante quanto à reafirmação da identidade periférica, mais do que em relação aos primeiros moradores. Por isso, o primeiro subcapítulo desta seção, possui o objetivo de incorporar à fala dos jovens entrevistados, o contexto da ascensão da cultura periférica e a construção de suas identidades, adicionando a elas um contexto temporal, que constitui uma série de elementos importantes para essa geração.

Já no segundo subcapítulo, enfocamos a possibilidade de minimização do estigma territorial a partir de possível superação de Cidade Tiradentes como uma cidade dormitório, - que igualmente faz parte do estigma -, destacando as mudanças pelas quais passou o distrito, pelo menos nos últimos dez anos, levando em conta as observações realizadas em trabalho de campo e dados desagregados, obtidos da Pesquisa Origem e Destino (OD) do Metrô de São Paulo, comparados os anos de 2007 e 2017, considerados os mais recentes.

No terceiro e último subcapítulo, trataremos brevemente do estigma territorial, em Cidade Tiradentes, a partir do processo mais recente de fragmentação socioespacial. Partindo de reflexões iniciais acerca da combinação desses dois processos, nos dedicamos a desenvolver como o último, a partir da homogeneização dos espaços, por exemplo, pode vir a reforçar o

estigma territorial, impedindo que diferentes indivíduos, de diferentes segmentos sociais, por exemplo, se encontrem em espaços em comum.

Nesses termos, este é um ponto de partida para a reflexão acerca do estigma territorial, levando em consideração as mudanças mais recentes no distrito, na Zona Leste e também na relação de seus moradores com a metrópole.

#### **4.1 A construção da identidade a partir da ascensão da cultura periférica**

A identidade periférica está intimamente ligada à apropriação positiva do conceito de periferia e do que é ser periférico, por sua população, passando a ganhar novas definições, a partir de novos momentos históricos e de diferentes lutas políticas, que mudam a relação dos sujeitos com este espaço.

Assim, a construção da identidade nas periferias, em especial em Cidade Tiradentes, parte de uma história marcada pela luta dos moradores, as quais possuem diferentes conteúdos. Para os primeiros moradores, foi importante a luta por condições dignas de habitação e equipamentos, que vieram tardiamente ao distrito; bem como ficaram marcados o abandono e a deterioração, que deixaram o distrito marcado pelas ausências, pela pobreza e desigualdade, pelo perigo e violência.

A luta dos jovens moradores, além do reconhecimento das mudanças ocorridas, relaciona-se à manutenção desses meios de consumo coletivos, o que se consubstancia em luta por espaços, em Cidade Tiradentes, com os quais se identifiquem, façam parte e deles possam usufruir. Mais do que isso, há a luta pela inserção e permanência em outros espaços da metrópole, por meio da superação das dificuldades impostas pela mobilidade com que se deparam. Trata-se, assim, da construção de uma identidade que os reafirme frente aos estigmas impostos.

Entre o fim dos anos 1999 e início dos anos 2000, houve uma série de matérias de jornal associadas à cultura, em meio às outras notícias, sobre Cidade Tiradentes e Zona Leste. Títulos como “Guia Leste Cultura”, “Especial mostra tradição paulista do hip hop”, “Livro mostra o hip hop como alternativa cultural” (Jornal O Estado de S. Paulo, 1999), começam a nos dar pistas da ascensão do hip hop e do rap, que passaram a denunciar, em forma de música, a desigualdade social e a segregação dos moradores da periferia.

Esse movimento, que teve como motor o grupo Racionais MC's, passou a influenciar jovens das periferias paulistanas a participar desse novo movimento cultural, seja se promovendo como MC, seja se apropriando das músicas para validar a sua identidade.

Em notícia veiculada sobre isso, Cidade Tiradentes aparece, a partir do protagonismo do grupo Apologia das Pretas Periféricas (APP), no livro-reportagem divulgado, intitulado *Hip-Hop: A periferia grita*. Atribuindo fidelidade à realidade cantada pelo grupo, as cidadinas afirmam:

“O jovem da periferia que se identifica com o hip-hop tem nas palavras a sua arma (...) desvendamos um mundo novo para a classe média, sempre cercada pelos muros invisíveis do centro da cidade” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 31 de dezembro de 1999).

A oposição ao centro da cidade, vem da (re)afirmação de sua própria identidade periférica, através do hip-hop, e parte da premissa de que tanto os jovens de Tiradentes, como os grupos musicais formados, estavam vindo de um lugar, com suas próprias características e vivências, sem precisar apropriar-se de identidades juvenis centrais, e muito menos sucumbir a elas.

Como manifestações que se dispersaram pelas periferias, cada qual com suas particularidades culturais, o grafite também ganhou ascensão na mídia, como tentativa de desconstruir a imagem marginalizada a que está vinculada até os dias atuais. Os artistas de rua e grafiteiros, surgidos na periferia, igualmente lutaram pela conquista do reconhecimento de sua arte, e que, pela mesma condição periférica mencionada, resulta em muitos empecilhos. A notícia destaca:

“Grafiteiro é o artista que luta para expor sua produção nos muros da cidade para fazer de São Paulo, ou de outra grande cidade, uma grande galeria a céu aberto. Para isso, grafiteiros de origens diferenciadas, dos que estudam artes plásticas aos que antes apenas pichavam, enfrentam intempéries e perseguições policiais” (JORNAL O ESTADO DE S. PAULO, 31 de dezembro de 1999).

A condição do morador da periferia e artista, ativista, líder de movimentos sociais ou ONGs e coletivos, coloca-os como protagonistas de sua própria história e, mais uma vez, engendra e denuncia a luta pela iniciativa daqueles que são de dentro, pautando a ausência e a negligência do poder público. A expressão “nós por nós”, amplamente difundida, direciona para a importância de protagonismos que transformem a realidade cotidiana, proporcionem novas projeções de futuro e transformem a realidade local, em articulação com movimentos de outras periferias.

**Figura 4 -** Jornal O Estado de S. Paulo. “Livro mostra o hip-hop como alternativa cultural” e “O grafite ganha espaço nas escolas”. São Paulo.



**Acervo:** Jornal O Estado de S. Paulo, 31 de dezembro de 1999.

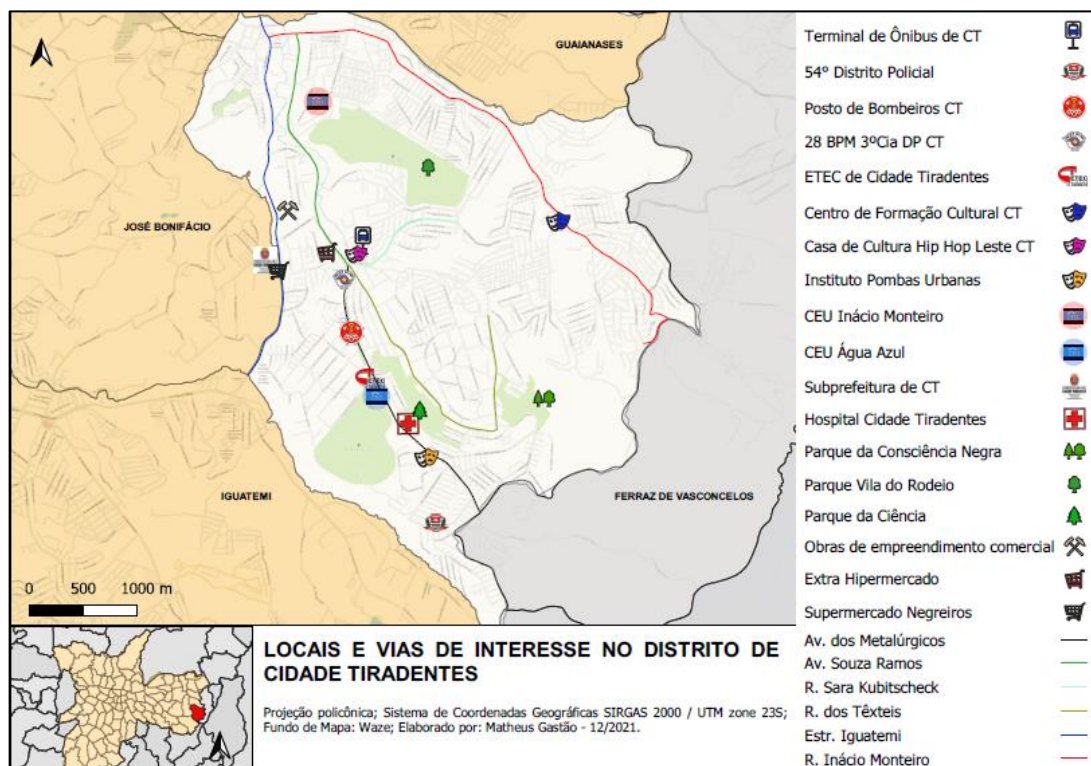
Todos esses movimentos de luta, inclusive os incorporados à cultura, em maior ou menor proporção, fazem parte das trajetórias de vida dos cidadãos periféricos, o que os coloca na constante contradição entre o estigma territorial e as possibilidades de sua superação. Por possibilidades frente a uma série de obstáculos que compõem a condição periférica, destacamos:

Afirmar-se por meio da pobreza e da violência era, de saída, afirmar-se sobre termos que buscariam uma mutação de sua característica original. Desse modo, periferia continha e negava violência e pobreza. Continha porque, como denúncia, afirmava o conceito nesses dois fenômenos. Negava porque queria superar tais fenômenos. Tem início então um processo social de ampliação do significado de periferia por meio da tentativa de transformar a realidade da periferia, dando sequência a lutas que já ocorriam. A versão crítica do conceito periferia nascia com o germe da sua própria mutação. A partir daquele momento, as mudanças nas condições sociais se deram fundamentalmente pelo incentivo à produção cultural, buscando minorar os efeitos da violência e da pobreza. Aos poucos, o significado de periferia passava a englobar também cultura e potência. Os sentidos do conceito se alargavam, incluindo ainda atributos positivados (D'ANDREA, 2020, p. 24)

A transformação da realidade, em Cidade Tiradentes, iniciou-se, primeiramente, com a construção de equipamentos públicos, e que desobrigassem os cidadãos a se locomover para outros distritos. É o caso, por exemplo, do Hospital Municipal de Cidade Tiradentes, inaugurado no ano de 2007, juntamente com outros equipamentos, como as Unidades Básicas de Saúde distribuídas pelo distrito.

Com relação à educação e aos esportes, destaca-se a inauguração do Centro de Educação Unificado Água Azul (CEU), o CEU Inácio Monteiro, a Escola de Ensino Técnico de Cidade Tiradentes, inaugurada no ano de 2007, e que inclusive levou os jovens moradores entrevistados à inserção na universidade, além de muitas outras Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI), Escolas Municipais de Educação Fundamental (EMEF), creches e outros serviços.

**Mapa 2 - Cidade Tiradentes. Vias e equipamentos principais. 2021.**



**Elaboração:** Matheus Gastão, dezembro de 2021.

O investimento na educação mostra-se como fator fundamental de mudança nas condições sociais, principalmente dos jovens do distrito, e que proporciona a eles outras possibilidades.

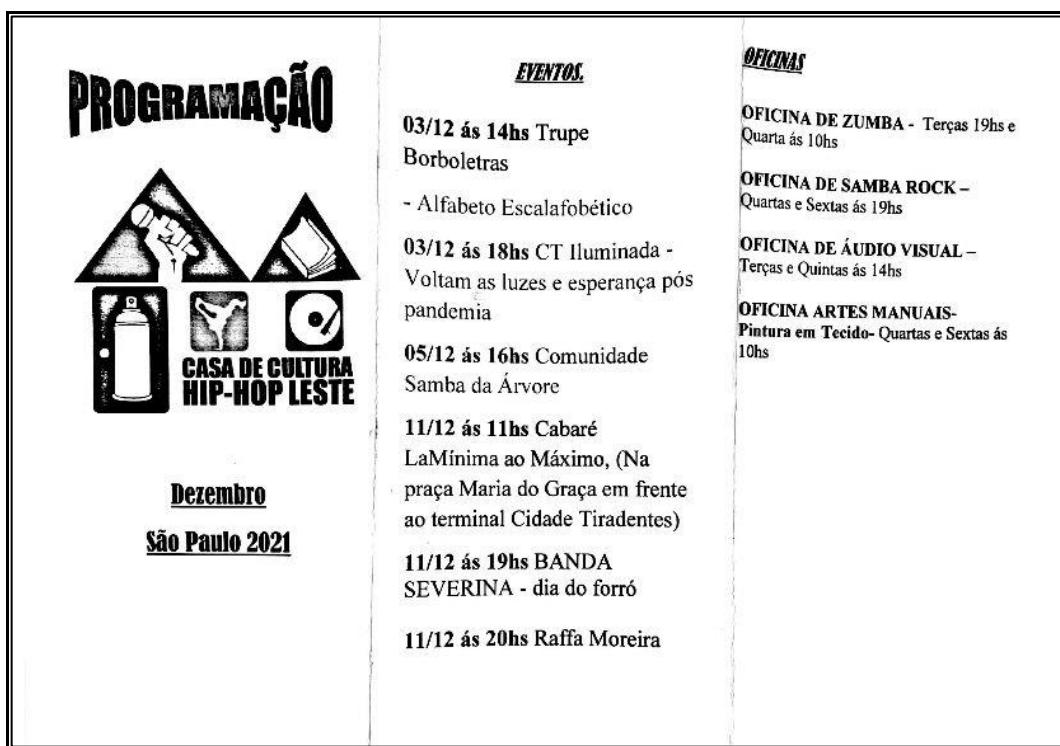
Paralelamente, há os espaços para a produção cultural de Cidade Tiradentes e sua difusão. Destacamos os centros culturais, - Centro de Formação Cultural de Cidade Tiradentes e o Instituto Pombas urbanas -, já mencionados pelos entrevistados, e que são frequentados

pelos jovens moradores. Todos os centros culturais estão localizados nas principais vias do distrito (Mapa 2), facilitando, de certa forma, o acesso a eles.

Em trabalho de campo, tivemos a oportunidade de conhecer a Casa de Cultura Hip Hop Leste de Cidade Tiradentes, localizada próxima ao novo terminal do distrito. Em associação com um programa da Prefeitura, a Casa de Cultura, que conta com diversas atividades culturais, é gerida por jovens que, ou residem nas redondezas do distrito, ou passaram a residir em Tiradentes para trabalhar na área.

Segundo os jovens monitores, a construção onde atualmente se localiza a Casa de Cultura, foi edificada nos anos 1940, e fazia parte da antiga Fazenda Santa Etelvina. Anteriormente conhecida como Casa da Fazenda. A Casa Municipal Hip Hop Leste está vinculada à Secretaria Municipal de Cultura, contando com programações semanais.

**Figura 5** - Casa de Cultura Hip Hop Leste. Folheto da programação semanal. Cidade Tiradentes.



**Acervo:** Autora, 2021.

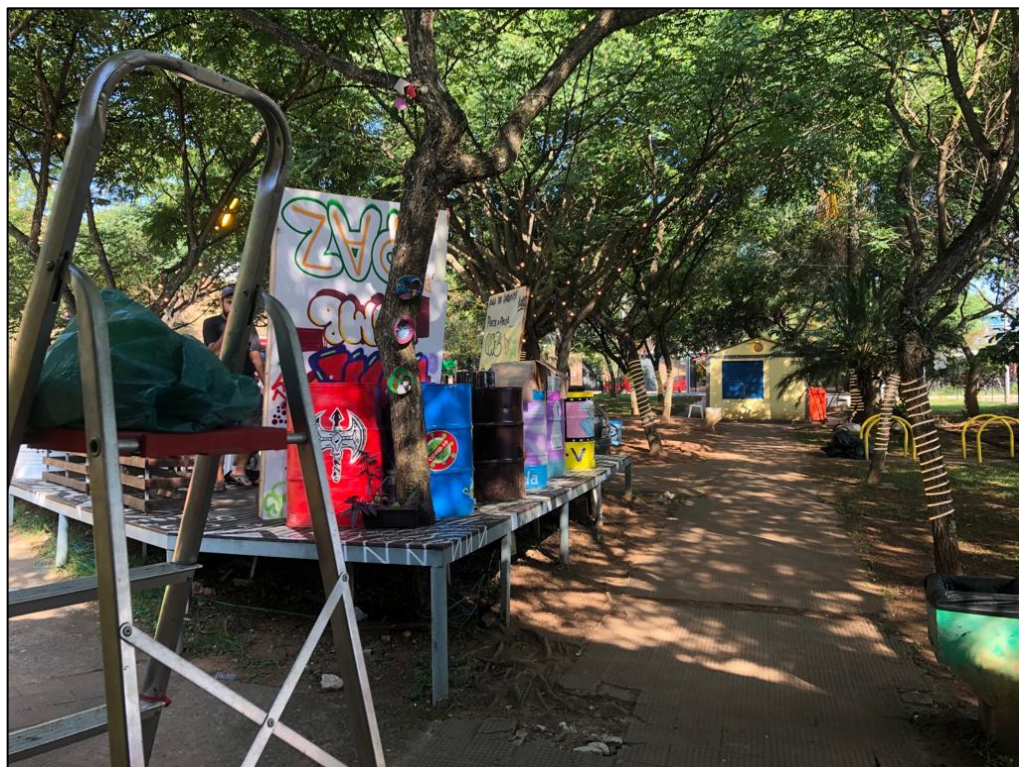
Tendo como público-alvo, principalmente, os jovens do distrito e os de lugares próximos à Tiradentes, a Casa conta com eventos como shows, teatros, rodas de samba e os shows de rap, que fazem muito sucesso. É importante ressaltar, com relação ao protagonismo, que os próprios monitores da casa também são artistas e produtores culturais, - como no caso do Ka\$h MC -, ou estão vinculados à gestão de políticas públicas em Tiradentes.

**Figura 6** - Casa de Cultura Hip Hop Leste. Cidade Tiradentes. São Paulo



**Acervo:** Autora, dezembro de 2021.

**Figura 7** - Área externa da Casa de Cultura Hip Hop Leste. Oficina de Grafite. Cidade Tiradentes.



**Acervo:** Autora, dezembro de 2021.

Além dos eventos semanais, a Casa também oferece oficinas fixas, que possibilitam aos jovens a aprendizagem na área da música e da arte. No dia em que a Casa de Cultura foi visitada, estava ocorrendo a oficina de grafite e os preparativos para o show, que ocorreria à noite e que, segundo os moradores, possui alta adesão dos jovens. Além disso, ocorria também uma oficina de tranças com a participação de moradoras, em um dos espaços do local.

Destacam-se outros ativismos e produções culturais, como o trabalho da “*Love CT - Inclusão e Resgate*”, um projeto social, fundado pela *crew Love CT*, que, por meio da prática de esportes como a do *skate*, ensina crianças e adolescentes, dos 4 aos 17 anos, os valores para a vida a partir do incentivo ao esporte.

A Academia Carolinas, fundada no ano de 2020 e coordenada pela professora Simone Rêgo, é um coletivo de Cidade Tiradentes, que atua para que haja o empoderamento das mulheres, principalmente aquelas vítimas de violência, e de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, na comunidade Souza Ramos, auxiliando na capacitação dessas moradoras e moradores, e visando a geração de renda e também incentivo à cultura.

A *Funk TV*, produtora localizada na Rua do Suspiro, em Cidade Tiradentes, também se destaca por ser uma produtora cultural, com grande alcance em plataformas como o *YouTube*. No ano de 2017, a produtora, em conjunto com associados, produziu um filme do gênero de etnoficção, o *Fabrik Funk*, que retrata a cena do *Funk* na periferia da metrópole. O filme resultou em artigo, na área das Ciências Sociais:

Em *Fabrik Funk*, os personagens são interpretados por moradores de Cidade Tiradentes que de alguma forma se relacionam com o universo do Funk. A atriz que interpreta a protagonista efetivamente trabalhava em uma central de telemarketing, tal como a personagem Karoline, que aparece na primeira cena do filme. Se no filme ela sonha em ser uma cantora de Funk, na realidade Negaly já é uma MC, que vem sendo promovida pela Funk TV, empresa que na história é a encarregada da seleção de dançarinas para um videoclipe, uma das atividades efetivas dessa empresa. O cabeleireiro com quem Karoline trava um diálogo a respeito de diferentes gêneros musicais é Daniel Hylario, que de fato possui um salão « Afro » em Cidade Tiradentes, e é também um « filósofo da periferia » apaixonado por música e bastante crítico com relação ao funk (BOUDREAULT-FOURNIER et al, 2017, p. 12).

Partindo das realidades locais, e com atores que exercem papéis associados à realidade que vivem, a produção cultural e musical em Cidade Tiradentes, denota-se, têm chamado a atenção pela riqueza das diferentes trajetórias de vida, que se mesclam no distrito.

Em um panorama geral, a produção cultural, musical e artística e também do esporte da periferia pela periferia, é um movimento cada vez mais consolidado e que passa a ganhar outros espaços e abranger outras escalas geográficas.

A inserção dos jovens periféricos nas universidades, - outro fator importante a destacar -, como é o caso de alguns dos entrevistados, que passam a formar, cada vez mais, intelectuais orgânicos, pode igualmente favorecer a sua presença em espaços anteriormente inacessíveis a eles. A reafirmação das suas identidades e trajetórias de vida, baseadas no ativismo dos próprios moradores, aponta possibilidades que se dão por meio de tais produções:

(i) forma de pacificar contextos tomados pela violência; (ii) forma de sobrevivência material alternativa ao trabalho capitalista e às atividades ilícitas; (iii) forma de melhorar o bairro; (iv) maneira de fazer política; e (v) tentativa de humanização em um contexto violento. Esse amplo movimento cultural foi o mais importante difusor de uma consciência periférica, ao afirmar o pertencimento e denunciar as condições de vida. A prática social desses coletivos também experimenta novas formas para o fazer político, tendo como uma de suas principais potências a capilaridade nos territórios periféricos (D'ANDREA, 2020, p. 33).

Os cinco indutores dessa movimentação, que acompanharam a explosão de manifestações culturais nas periferias, nos últimos trinta anos (D'ANDREA, 2020, p. 33), encaixam-se igualmente no contexto de Cidade Tiradentes. As possibilidades de superação e/ou minimização do estigma territorial, para os cidadãos, têm como uma de suas vertentes a base cultural, e que, conseqüentemente, proporciona melhorias no distrito, já que a esfera cultural possui relações diretas com a esfera política.

Tornando-os agentes de suas próprias transformações, por meio dos diferentes ativismos, os sujeitos periféricos passam a protagonizar as suas trajetórias, contadas a partir de suas relações com a própria identidade, advinda de diferentes manifestações culturais contra hegemônicas, permitindo que outros sujeitos também contêm suas histórias frente às potências, e que atuam combatendo os estigmas.

A implementação de diversas atividades no distrito proporciona, conseqüentemente, diferentes usos e apropriações do espaço. Juntamente com a explosão cultural nas periferias, as mudanças recentes, ocorridas nos últimos dez anos, modificaram esses usos, acompanhando a sua evolução também em termos econômicos, além dos sociais e culturais.

Esse conjunto de transformações, discurridos no subcapítulo seguinte, e que têm proporcionado maior dinamicidade à Cidade Tiradentes e seus moradores, advém da evolução da infraestrutura, e que têm dado fortes indícios de que seu estigma associado à uma cidade dormitório pode ser superado.

Conhecido como um lugar onde os moradores única e exclusivamente residem nos bairros e precisam, obrigatoriamente, deslocar-se para outras áreas da metrópole, a fim de exercer suas atividades cotidianas, a ideia de que Tiradentes é um distrito que “não tem nada” tem sido, em partes, refutada.

#### 4.2 De cidade dormitório à possível formação de um subcentro?

Dadas as mudanças que se seguiram, nos últimos dez anos, em Cidade Tiradentes, apresentamos, neste último subcapítulo, breves reflexões sobre a possibilidade de superação da ideia do distrito como cidade dormitório. Nossa hipótese baseou-se em três direções: i) a fala dos entrevistados, alegando a evolução da infraestrutura e dos equipamentos em Cidade Tiradentes, no que se refere ao aumento das áreas comerciais e da oferta de bens e serviços; ii) os dados acerca da mobilidade, proporcionados pela Pesquisa Origem e Destino, que evidenciam a quantidade de viagens dos moradores, sejam elas internas ao distrito, ou para outras áreas da metrópole e; iii) o trabalho de campo, que permitiu a verificação da presença de mais elementos no distrito que reforçam nossa hipótese.

As alegações de alguns moradores, relacionadas à fama de cidade dormitório associada ao distrito, contrapõe-se a algumas outras, que destacam suas diversas atividades cotidianas, impulsionadas pela evolução das áreas comerciais e a construção de equipamentos, que foi destaque de uso e apropriação, principalmente pelos jovens moradores. Pode-se dizer que a crescente área comercial surgiu da necessidade e demanda de um enorme contingente de cidadãos, facilitando o seu acesso e evitando o deslocamento para outras áreas, para acessar bens e serviços básicos.

Destacamos, nas vias principais do distritos, o crescimento de pequenos comércios e também de supermercados atacados, como o Negreiros, bastante frequentado pelos moradores, além de lojas que constituem grandes franquias ou redes comerciais, como o MC Donald's, Extra Hipermercados, Lojas Cem, Marabrás, Magazine Luiza, as lojas Caedu, populares na Zona Leste, e que estão mescladas aos pequenos comércios de bairro e outros comércios informais, como aqueles distribuídos próximos ao Terminal Cidade Tiradentes, na Rua Sara Kubitschek.

Além disso, durante o trabalho de campo, deparamo-nos com a construção de um enorme empreendimento, - fazendo parte do grupo de franquias Bem Barato -, e que segundo os responsáveis pela obra, trata-se de um futuro *shopping*, acoplado a mais um Atacadão, localizado na Estrada do Iguatemi, única via de acesso ao distrito.

**Figura 8** - Obra de empreendimento comercial. Cidade Tiradentes. 2021.



**Acervo:** Autora, 10 de dezembro de 2021.

Não somente a inauguração desta obra, prevista para o primeiro semestre de 2022, como também o estabelecimento de áreas comerciais nas principais vias do distrito, colaboram para a diversidade das práticas socioespaciais dos cidadãos associadas ao consumo. Mais do que isso, podem atrair moradores de outros distritos, que passarão a usufruir do comércio local, aumentando os deslocamentos para Cidade Tiradentes e diversificando seus usos.

Em trabalho anterior, Rizzon e Morcuende (2020) verificaram que o aspecto monofuncional do distrito, que em sua constituição apenas contemplava a dimensão do habitar, tem se transformado drasticamente, em conjunto com a evolução de áreas comerciais e subcentros também em outras porções da Zona Leste, fazendo com que os cidadãos dependam menos do centro considerado como principal da cidade de São Paulo, e facilitando suas atividades cotidianas.

**Tabela 1** - Cidade Tiradentes. Quantidade de viagens diárias dos moradores por modo coletivo e área. 2007 e 2017.

| ANO                             | 2007   | 2017   |
|---------------------------------|--------|--------|
| <b>Viagens Internas Diárias</b> | 20.849 | 55.592 |
| <b>Zona Leste (*)</b>           | 22.984 | 23.961 |
| <b>Centro (**)</b>              | 18.947 | 21.195 |

(\*) **Zona Leste:** Mooca, Penha, Vila Prudente, Aricanduva, Ermelino Matarazzo, São Miguel, Itaim, Guaianases, Itaquera e São Mateus.

(\*\*) **Centro:** Sé, República, Bela Vista, Liberdade, Brás, Pari, Cambuci, Consolação, Bom Retiro e Santa Cecília.

Fonte: Metrô/SP - Pesquisa Origem e Destino (2007) e Pesquisa Origem e Destino (2017). Elaboração: Autores, 2020.

Por meio da tabela, inferimos algumas mudanças entre os anos de 2007 e 2017. A quantidade de viagens internas diárias obteve aumento de 66%, número expressivo, se comparado ao aumento das viagens para o Centro (RIZZON; MORCUENDE, 2020, p. 18). Se comparados os dados das viagens para o Centro e para a Zona Leste, perceberemos certa paridade, o que reforça a existência de comércios e serviços, provavelmente também de alguns postos de trabalho, que atendem aos moradores, passando o centro da metrópole e outras áreas centrais a perderem, relativamente, importância.

Isso também se justifica pelo fato de que os entrevistados relatam frequentarem mais outras áreas da Zona Leste para usufruir do comércio, serviços e afins, como Itaquera e Guaianases, bem como as tradicionais compras no bairro do Brás, por exemplo, e que possuem fins de consumo mais específicos, do que propriamente o considerado centro da metrópole. Quando Silva (2008) apontou o crescente processo de valorização do espaço, ainda em curso, em Cidade Tiradentes, colocou-nos diante da possibilidade de uma série de transformações no distrito, brevemente discutidas neste subcapítulo.

Paralelamente ao surgimento de novos estabelecimentos comerciais, destacamos os futuros empreendimentos que têm se instalado naquele espaço, em que já estão sendo divulgados os novos projetos residenciais: por meio da For Casa, em parceria com o Programa Casa Verde e Amarela e a Caixa, o empreendimento residencial Eucaliptos, próximo ao Terminal de Cidade Tiradentes, e o Villas do Sarandi, próximo à Estrada do Iguatemi.

Os novos empreendimentos residenciais, por sua localização privilegiada no distrito, podem gerar densificação demográfica, configurar novo processo de valorização imobiliária e propiciar ampliação do mercado consumidor e consequente aparição de novos estabelecimentos comerciais e de serviços que atendam aos moradores. As transformações recentes, apontadas nesta monografia, possibilitam afirmar que há grandes possibilidades de superação do estigma de Cidade Tiradentes como cidade dormitório, uma vez que a evolução da infraestrutura, equipamentos e serviços, - confirmada pelas entrevistas, trabalho de campo e análise de dados da Pesquisa Origem e Destino -, proporciona um aumento das práticas socioespaciais, no distrito, além de maior diversidade dos usos e apropriações do espaço.

A recente evolução na infraestrutura, apontada como possibilidade de formação de um subcentro, entretanto, foi explorada em menor proporção, e se propõe como uma reflexão inicial, a partir das mudanças ocorridas nessa e em outras periferias.

A diversificação de áreas comerciais e de serviços, a implantação de equipamentos e a oferta de novos serviços, em Cidade Tiradentes, é um fator que está aliado ao maior uso desses espaços pelos cidadãos, merecendo que novas investigações sejam feitas tanto para maior levantamento empírico como reflexão analítica.

Assim como merece atenção a dimensão cotidiana para a compreensão dos usos, a possível formação de um subcentro pode ser objeto de reflexão a partir desta mesma perspectiva, para as quais são necessárias maiores pesquisas.

Por isso, concluímos que nossa hipótese de um subcentro não está completamente consolidada, tanto porque é necessário ampliar o levantamento e a análise, como devido à subordinação do distrito a outras áreas centrais, com maior complexidade. De outro lado, será necessário averiguar também a capacidade ou não das áreas comerciais de Tiradentes de transpor e superar escalas, a partir da atração de outros cidadãos. Em adição, a análise deve igualmente partir da capacidade das principais vias do distrito de suportar o avanço do comércio e equipamentos, uma vez que o tráfego é dificultoso nas horas de pico, e existe apenas uma via principal que liga o distrito a outras áreas da metrópole.

De outro lado, a hipótese de que Tiradentes tem superado o estigma de cidade dormitório, ao menos para seus moradores, mostra-se como uma forte tendência, e que revela a dimensão econômica como elemento importante a se considerar, quando se pensa na busca por maior autonomia dessas áreas, assim como no acesso facilitado aos meios de consumo, já que a mobilidade, em relação à localização, coloca-se como dimensão central nos estudos de uma periferia no extremo Leste.

## 5. Considerações Finais

O desenvolvimento da pesquisa, baseado na análise de diferentes condicionantes analisados para a compreensão do estigma, possibilitou atestar a existência do estigma territorial associado à Cidade Tiradentes e seus moradores, logo nos primeiros anos que se seguiram após a sua constituição. Não somente o estigma existe, como está baseado na situação espacial do distrito, na periferia do extremo leste, e na condição periférica dos seus moradores.

Alguns deles, já em situação de vulnerabilidade social e que, por esse motivo, buscavam alguma estabilidade por meio do acesso à casa própria, foi o que fez explodir as periferias, como consequência do agravamento da crise da habitação, dos anos 1980 e, ao mesmo tempo, redefinindo o perfil da crise a estrutura espacial da metrópole.

Seja a aquisição da casa própria por meio da autoconstrução, seja por meio do financiamento e sorteio da Cohab, Cidade Tiradentes evidencia elementos considerados gerais às periferias: i) ausências e precariedades das condições para a vida urbana; ii) negligência do poder público, seja municipal, seja estadual ou federal quem mesmo a partir de políticas públicas, inclusive as habitacionais, favorece os maiores estratos econômicos no que se refere à situação espacial de suas moradias e o acesso aos meios de consumo coletivo da cidade; e, por fim, iii) o ciclo de uma série de escolhas e empreendimentos realizados, ainda que promovam o acesso à casa própria, afastam socioespacialmente os mais pobres e os segregam, retroalimentando processos como o de estigmatização territorial.

Todos esses elementos põem em xeque as diferentes trajetórias dos sujeitos, que por sua condição periférica, compartilham e compartilharam momentos em comum e que os unem. Os momentos partilhados, no espaço e no tempo, culminaram em contextos semelhantes, sentidos e percebidos com relação ao estigma territorial, nos permitindo a divisão geracional para tal compreensão.

Para os primeiros moradores, a identidade foi reafirmada na conquista da casa própria, frente a tanta luta nas histórias de vida individuais, caracterizando-se como um elemento que os faz permanecer no distrito, além de terem acompanhado as diversas melhorias.

Para os jovens moradores, o novo contexto no qual estavam inseridos, pautados na apropriação da ideia de periferia, subvertendo o seu sentido negativo, fez com que experienciassem a Cidade Tiradentes num momento de ascensão da cultura periférica e de maiores evoluções na infraestrutura, nos equipamentos e nos serviços urbanos. Comparativamente aos primeiros moradores, os mais jovens, a partir da presença de equipamentos e programas que propiciam acesso à cultura e uma vivência mais ampla,

construíram seu sentimento de pertença ao bairro por meio do uso e da apropriação dos espaços educacionais, culturais e esportivos, como pudemos atestar pelas entrevistas analisadas. Em oposição, merece destaque o papel da mídia na construção do estigma territorial para esses cidadãos, principalmente para os primeiros moradores entrevistados, que perderam oportunidades de emprego ou possibilidades de sociabilidade em outros espaços, como foi relatado à medida que discutiam sobre os primeiros tempos no bairro. A hierarquização dos modos de pensar, que se constroem no imaginário dos cidadãos de fora do distrito, foram expressas nas falas daqueles de fora, que se apropriaram da visão parcial e negativa acerca do distrito, construída pela mídia e pelo senso comum, estigmatizando e subordinando seus moradores, não dando a eles a oportunidade de se mostrarem sem os atributos da percepção generalizante.

Esta monografia aponta para a necessidade de maiores reflexões, uma vez que, ao mesmo tempo em que ocorreram importantes transformações no distrito, consideramos que a condição periférica não foi superada, e que a ela estão sendo atribuídos novos conteúdos. Assim, a periferia reafirma-se como a contradição constante entre as ausências e as possibilidades.

Por esse motivo, a metodologia qualitativa, por meio da apreensão das falas dos sujeitos, tornou imprescindível para a apreensão do que esses sujeitos periféricos pensam sobre si mesmos, perante a sua condição e a abordagem acerca do estigma territorial, evidenciando diferentes experiências e formas de vivenciar o distrito e as dinâmicas da metrópole. Mais do que isso, possibilita que esses sujeitos protagonizem suas próprias trajetórias o que, para a pesquisa, possibilita diferentes direcionamentos.

Concluimos também que o tema desta monografia necessita de maior pesquisa e aprofundamento, tendo em vista a possível existência e persistência de outros conteúdos do estigma territorial e de suas consequências, dada a densidade populacional do distrito, o que possibilita múltiplas representações e experiências da vida urbana, na condição periférica.

Isso se justifica devido à pluralidade de vivências dos jovens moradores, por exemplo, e o estigma que pode estar relacionado àquele que é mais periférico diante do periférico, e que não pudemos abordar nesta monografia

Ainda, destacamos a relevância de avançar no tema não somente para a compreensão do estigma e de sua persistência, como decodificá-lo a partir de processos recentes, como o de fragmentação socioespacial, e que se sobrepõe à lógica centro-periferia. Como processo mais amplo que o de segregação, discutido nesta monografia, a lógica fragmentária pode, por meio

do acirramento das desigualdades e da homogeneização dos espaços, por exemplo, dificultar o encontro entre indivíduos e grupos de diferentes segmentos sociais no espaço e cotidiano urbanos, o que pode reforçar o estigma territorial dos moradores da periferia da metrópole.

Ainda que haja aspectos a serem aprofundados e temas novos a serem desvendados, o que mostra que se abrem oportunidades de novas pesquisas, por meio desta monografia esperamos ter oferecido uma contribuição à compreensão da relação direta entre estigma territorial e condição periférica no distrito de Cidade Tiradentes.

## 6. Referências

ACERVO ESTADO DE S. PAULO. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>

BOUDREAULT-FOURNIER, A.; CAIUBY NOVAES, S.; HIJIKI, R.S.G. (2017). **Fabricar o Funk em Cidade Tiradentes, São Paulo**: performance em etnoficção. Cultures-Kairos. Retrieved from <http://revues.mshparisnord.org/cultureskairos/index.php?id=1441>

CARTA CAPITAL. Há 30 anos OMS retirava homossexualidade da lista de doenças. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas/>

CIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO. **Pesquisa Origem e Destino 2007**. Secretaria de Transportes Metropolitanos.

COIMBRA, C. M. B. Mídia e produção de modos de existência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. vol. 17, n. 1, p. 001-004, 2001.

COMPANHIA METROPOLITANA DE HABITAÇÃO. 2020. Disponível em: <http://cohab.sp.gov.br/historia.aspx>

CORDEIRO, S. L. **Cidade Tiradentes e COHAB**: Moradia Popular na Periferia da Cidade de São Paulo – Projetos e Trajetórias (1960 – 1980). Tese de Doutorado em História Social pela PUC – SP, 2009.

CORREA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

D'ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. **Novos Estudos**. CEBRAP, v. 39, p. 18-36, 2020.

GOFFMAN, E. **Estigma: nota sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LAVOS, A. P. A. **Sociabilidade em conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado**: O caso da COHAB Cidade Tiradentes. 2009. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA (NEV). **Universidade de São Paulo (USP)**. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/>

OLIVEIRA, R. J. **Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo**: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela. 2008. 330 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

PCDMAIS. **PcD, PNE, afinal, que termo usar para Pessoas com Deficiência?** Disponível em: <https://pcdmais.com.br/pcd-pne-afinal-que-termo-usar-para-pessoas-com-deficiencia/>.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras** - Cidade Tiradentes. São Paulo, dezembro de 2016.

REDE NOSSA SÃO PAULO. Mapa da Desigualdade. 2019/2021. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/>

RIZZON, R. C.; MORCUENDE, A. **Fragmentação socioespacial e mobilidade:** Cidade Tiradentes na região metropolitana de São Paulo. In:XXI Semana de Geografia, XVI Encontro de Estudantes de Licenciatura em Geografia, VII Seminário Nacional de Integração da Graduação e Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP. 2021, Presidente Prudente/ SP. **ANAIS do XXI Semana de Geografia: outras Geografias e (A) diversidades.** p.706- 727, 2021.

SANTOS, M. **Metrópole Corporativa Fragmentada:** o caso de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/Nobel, 1990.

SANTOS, V. L. Z. **O negro, o racismo, a exclusão social e a relação dos estigmas com a seletividade do sistema penal.** 2014. Monografia (Bacharelado em Direito) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Acesso em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37861>

SILVA, M. R. **"Mares de prédios" e "Mares de gente":** território e urbanização crítica em Cidade Tiradentes. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, 2008.

SPOSITO, M. E. B; GÓES, E. M. Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: **Editora Unesp**, 2013.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava:** territórios e redes de sociabilidade. 2008. 526 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/105044>>.

VENDRAMIN, C. Repensando mitos contemporâneos: O capacitismo. **Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**, v. 2019, p. 16-16, 2019. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/article/view/4389/4393>>

VILLAÇA, F. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Nobel, 1998.

WACQUANT, L. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. Sociologia. **Departamento de Sociologia** – Faculdade de Letras/UP, vol.XI, Porto, 2006.

## 7. Anexos

### 7.1. Roteiro semiestruturado das entrevistas

|                                                                                    |                     |
|------------------------------------------------------------------------------------|---------------------|
|  |                     |
| <b>ROTEIRO - ENTREVISTAS COM CIDADINOS</b>                                         |                     |
| Cidade:                                                                            |                     |
| Entrevistada/o:                                                                    |                     |
| Entrevistador/a/es:                                                                |                     |
| Local de realização da entrevista:                                                 |                     |
| Data:                                                                              | Horário aproximado: |
| Gravada ( ) sim      ( ) não                                                       |                     |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Transcrita ( ) sim ( ) não Transcrita por:                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Nome do arquivo com a gravação:                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Nome do arquivo com a transcrição:                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Se houver, outros contatos indicados pelo/a entrevistado/a:                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Relatório elaborado pelo entrevistador:                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Iniciar a entrevista apresentando rapidamente o objetivo da pesquisa e agradecendo a participação.</b></li> <li>• <b>INFORMAR QUE A ENTREVISTA PRECISARÁ SER GRAVADA, mas que a identidade da pessoa será mantida em sigilo. Pedir para a pessoa confirmar que concorda.</b></li> <li>• <b>Explicar que o roteiro se compõe de perguntas simples sobre a vida cotidiana da pessoa e que ela deve informar se sentir algum desconforto sobre o que está sendo perguntado.</b></li> </ul>          |
| <p><b>A – Questões introdutórias</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual sua idade?</li> <li>2. Qual seu nível de escolaridade?</li> <li>3. Qual sua faixa de renda familiar aproximada? [em caso de entrevista com segmentos de baixo poder aquisitivo, perguntar: recebe algum auxílio do governo?]</li> <li>4. Qual sua ocupação?</li> <li>5. Onde você trabalha/estuda?</li> <li>6. Descreva sua rotina num dia comum.</li> <li>7. Houve mudanças em função da pandemia de COVID-19? [mobilidade, trabalho...]</li> </ol> |

## B – Habitação

1. Com quem você mora? Quem são essas pessoas? O que elas fazem? Que idades têm?
2. Em que bairro você mora? Há quanto tempo mora neste bairro?
3. Como é o seu bairro? Descreva.
4. Onde morava antes?
5. A casa em que mora hoje é própria? Financiada? Alugada? Cedida?
6. Como é a sua casa? Descreva.
7. O que significa para você ter conseguido essa casa? [Especialmente se for MCMV]
8. A casa já foi reformada? O que foi reformado?
9. [Caso a resposta anterior tenha sido negativa] Gostaria de reformar?
10. A casa anterior era própria ou alugada?
11. Por que você escolheu este bairro para morar?
12. Do que você gosta no bairro?
13. Do que não gosta?
14. Gostaria de se mudar se pudesse? Por quê? Para qual bairro?
15. Em qual bairro da cidade você não moraria? Por quê?
16. [Se não comentou] Como é sua vizinhança?
17. Você tem relações de amizade com os vizinhos?
18. Existe na vizinhança grupo de WhatsApp para compartilhar informações?
19. Existem imigrantes no bairro? Haitianos/venezuelanos/nordestinos?
20. [Caso a resposta anterior for positiva] A existência de imigrantes traz problemas/conflitos ao bairro?
21. O que você acha da infraestrutura do bairro?
22. O que as outras pessoas pensam/dizem sobre seu bairro?
23. Você considera o seu bairro inseguro? Por quê?
24. Você adota medidas de segurança na sua casa? Quais?
25. Nas cidades que pesquisamos, temos visto que os condomínios fechados estão em expansão. E aqui? O que acha disso?
26. [No caso de entrevista em conjunto com MCMV] E quanto ao fim do MCMV – Faixa 1, qual a sua opinião?
27. Participa de associação de bairro, sindicato, associação de pais na escola, entidade profissional, reuniões de ONGs ou CRAS, audiências públicas... ou alguma outra entidade desse tipo? Por quê?
28. Como e onde vê seu futuro?

## C – Lazer

1. Como é o seu lazer? Onde?
2. Qual a frequência das suas atividades de lazer?
3. Tem espaços públicos no bairro em que mora (praças, parques, feiras, pista de caminhada, biblioteca, calçada etc.)?
4. [Em caso de resposta positiva] Você os utiliza? Quais deles? Para quais atividades?
5. [Em caso de entrevistas com moradores de espaços fechados com áreas de lazer de uso privado] Você utiliza a área de lazer do seu condomínio? [Se sim] Com que frequência? [Se não] Por que não?
6. Você sabe se há espaços públicos [fora do seu bairro] na cidade [parques, praças, feiras, pistas de caminhada, bibliotecas etc.]? Quais?
7. Frequenta esses lugares? Por quê?
8. [Em caso de resposta negativa] Você gostaria de frequentá-los? Por que não frequenta?
9. Você costuma ficar em casa? Fica muito tempo em casa? Gosta de ficar em casa?
10. Utiliza plataformas da internet para assistir filmes e seriados? Costuma fazer isso sozinho ou acompanhado?
11. [Em caso positivo] A existência dessas plataformas para assistir na internet te motiva a sair menos de casa?
12. Você utiliza redes sociais? Quais? Considera isso atividade de lazer?
13. As redes sociais ajudaram a fazer amigos? Você marca encontros com os amigos/parentes pelas redes sociais?
14. [Caso não tenha sido mencionado] Costuma ir à igreja/espço de culto religioso/espiritual? Considera isso uma atividade de lazer?
15. Você se relaciona com as pessoas da igreja/espço de culto fora do ambiente da igreja?
16. A igreja/espço de culto que você frequenta fica no bairro?
17. Qual o nome da igreja/espço de culto?

#### D – Mobilidade

1. Como você se locomove na cidade?
2. Você vai a algum lugar a pé ou de bicicleta? Por quê?
3. Utiliza transporte coletivo [lotação/ônibus]? Por quê?
4. [Em caso de resposta positiva] Você conversa com as pessoas no transporte ou no ponto ou percebe que elas conversam entre nesses ambientes?
5. Utiliza carro ou moto? Em quais situações?
6. Utiliza aplicativos como Uber, 99 etc.?
7. Vai ao centro da cidade?
8. [Em caso de resposta positiva] Vai fazer o quê no centro? Com que frequência vai ao centro? [No caso de Marabá] qual centro?
9. [Em caso de resposta negativa] Por que não vai?
10. Se fosse explicar para alguém que não conhece [nome da cidade], como localizaria o centro e seus limites? [ou, onde fica o centro dessa cidade?]
11. [Caso tenha havido mudança de endereço] Como a mudança para este bairro afetou os deslocamentos e os usos da cidade?
12. [Para entrevistas do Quadro 2] Há empregados na sua residência [diaristas, jardineiros etc.]?
13. [Em caso de resposta positiva] Sabe onde moram e como se locomovem para o trabalho?

#### E – Consumo

1. Onde faz as compras da semana ou do mês? [Detalhar os nomes dos supermercados, sacolões, feiras etc. e suas localizações]
2. Onde você compra roupas e sapatos? [Detalhar os nomes das lojas e suas localizações]
3. [Se não comentou antes] Vai ao shopping center?
4. [Em caso de resposta positiva] Em qual? Fazer o quê?
5. Costuma comprar sem sair de casa? Por internet, telefone, aplicativo? Por quê? O que compra?

#### **F – Trabalho**

1. [Você mencionou que trabalha com.../estuda] Como se locomove para o trabalho?
2. Qual o horário de entrada e saída no trabalho?
3. Quanto tempo leva para ir e voltar do trabalho?
4. Você costuma voltar para casa na hora do almoço?
5. Seu emprego possibilita trabalhar em casa? Faz isso com frequência?
6. Seu trabalho atual é formal ou informal, setor público ou privado?
7. Você já trabalhou em outras atividades? Quais?

#### **G – Outros temas não contemplados**

1. Há quanto tempo mora em [nome da cidade]?
2. De que lugares você gosta mais em [nome da cidade]?
3. O que você acha que mudou em [nome da cidade] nos últimos [10 ou menos conforme a resposta] anos?
4. [Se não tiver sido mencionado] Você acha essa cidade insegura? Por quê?
  - Terminar a entrevista apresentando os agradecimentos, em nome da equipe e CONFIRMAR QUE AUTORIZOU A GRAVAÇÃO DA ENTREVISTA.
  - Deixar contato à disposição do/a entrevistado/a para o caso de ele/ela se lembrar de um aspecto ou querer oferecer alguma contribuição adicional.
  - Se for o caso, pedir ajuda dele/dela para indicar outra pessoa a ser entrevistada.

## 7.2 Quadro de caracterização geral dos entrevistados

| NOME          | IDADE | OCUPAÇÃO                                              | TEMPO DE RESIDÊNCIA EM CIDADE TIRADENTES |
|---------------|-------|-------------------------------------------------------|------------------------------------------|
| ELIETE        | 38    | PROFESSORA FORMADA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E PEDAGOGIA | 62 ANOS                                  |
| MARIA ODETE   | 65    | APOSENTADA                                            | 40 ANOS                                  |
| HÉLIO         | 56    | JORNALISTA LOCAL                                      | 38 ANOS                                  |
| PALMIRA       | 60    | APOSENTADA                                            | 38 ANOS                                  |
| LUDMILLA      | 47    | JORNALISTA E BIÓGRAFA                                 | 35 ANOS                                  |
| EUCLIDES      | 54    | ENCARREGADO DE ARMAÇÃO (CONSTRUÇÃO CIVIL)             | 32 ANOS                                  |
| MARIA ODETE   | 65    | APOSENTADA                                            | 20 ANOS                                  |
| ELOAH         | 61    | APOSENTADA                                            | 36 ANOS                                  |
| WILMA         | 41    | TÉCNICA ADMINISTRATIVA                                | 30 ANOS                                  |
| MARCIO REIS   | 44    | HISTORIADOR                                           | 28 ANOS                                  |
| MARIALVA      | 54    | DESEMPREGADA                                          | NÃO INFORMADO                            |
| LUIZ FERNANDO | 34    | BIBLIOTECÁRIO                                         | NÃO INFORMADO                            |
| ADRIANA       | 21    | ESTUDANTE                                             | 21 ANOS                                  |
| MIGUEL        | 20    | ESTUDANTE                                             | 20 ANOS                                  |
| MAGALI        | 25    | AUDITORA CONTÁBIL                                     | 20 ANOS                                  |
| JOSÉ ANTONIO  | 18    | ESTUDANTE                                             | 18 ANOS                                  |
| JOÃO VITOR    | 16    | ESTUDANTE                                             | 16 ANOS                                  |

**Fonte:** Entrevistas Projeto FragUrb, 2020 e 2021. Elaboração: Autora, 2022.